

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Sarah Ovidio de Oliveira

Efeitos da recepção: a inscrição da literatura de Guimarães Rosa na paisagem de
Cordisburgo (MG)

Juiz de Fora

2024

Sarah Ovidio de Oliveira

Efeitos da recepção: a inscrição da literatura de Guimarães Rosa na paisagem de Cordisburgo (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura e Transdisciplinaridade.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois Braga
Coorientador: Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Sarah Ovidio de .

Efeitos da recepção : a inscrição da literatura de Guimarães Rosa na paisagem de Cordisburgo (MG) / Sarah Ovidio de Oliveira. -- 2024.

138 f. : il.

Orientador: Humberto Fois Braga

Coorientador: Guilherme Augusto Pereira Malta

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2024.

1. Teorias da recepção. 2. Paisagem literária. 3. Arqueologia toponomástica. 4. Guimarães Rosa. I. Braga, Humberto Fois, orient. II. Malta, Guilherme Augusto Pereira, coorient. III. Título.

SARAH OVIDIO DE OLIVEIRA

Efeitos da recepção:

a inscrição da literatura de Guimarães Rosa na paisagem de Cordisburgo (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 14 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Fois Braga - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta - Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Lucas Esperança da Costa
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria
Universidade Federal de Minas Gerais

Juiz de Fora, 16/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Fois Braga, Professor(a)**, em 14/12/2023, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Augusto Pereira Malta, Professor(a)**, em 14/12/2023, às 11:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Esperança da Costa, Usuário Externo**, em 14/12/2023, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diomira Maria Cicci Pinto Faria, Usuário Externo**, em 14/12/2023, às 13:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1579046** e o código CRC **AB0624A2**.

À minha saudosa mãe.
Minha eterna, Dona Mary.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda satisfação a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, tornando este percurso acadêmico uma jornada desafiadora, enriquecedora e significativa.

Aos meus amigos e familiares, que estiveram ao meu lado nos momentos de escuta e silêncio, ofertando apoio e palavras de estímulo. Vocês foram parcela da força que impulsionou a continuidade desta caminhada. Cada gesto de incentivo foi fundamental para superar os desafios que surgiram ao longo do caminho.

Aos meus orientadores, cujo suporte, paciência e estímulo foram inestimáveis. Agradeço por não desistirem e cada contato sincero ao longo deste percurso.

À CAPES, pela concessão bolsa de estudos concedida ao longo do Mestrado.

À memória de minha mãe, que não se encontra presente fisicamente, mas indiretamente sempre esteve presente em cada conquista. Sua sabedoria, incentivo e exemplo me moldaram e me inspiraram a perseguir meus objetivos. Este trabalho é dedicado à ela, uma fonte eterna de inspiração.

Que cada desafio futuro seja uma oportunidade para crescer, aprender e contribuir para o conhecimento.

RESUMO

As categorias de espacialidades literárias (espaço, lugar, território e paisagem) podem ser apreendidas em amplitudes diegéticas, intrínsecas à trama e com elementos essenciais para o desenvolvimento da narrativa, e extradiegéticas, ao transcender os limites dos mundos representados nas narrativas e tangenciar aspectos do real. Contudo, apesar da dialética existente entre essas, torna-se crucial destacar que as espacialidades literárias diegéticas e extradiegéticas não operam de forma isolada e podem estabelecer relações entre si. Pensando nestas relações, direcionaremos o desenvolvimento desta pesquisa para a compreensão extradiegética da espacialidade literária, de modo que visamos destacar a relevância do leitor nos estudos literários e destinar elucidacões acerca da recepção literária, com destaque para as teorias de Hans Robert Jauss (1994), estética da recepção, e Wolfgang Iser (1996), efeito de recepção. Assim, a presente pesquisa tem o objetivo de compreender como o universo construído diegeticamente por um escritor pode ser apropriado no dia-a-dia dos moradores das regiões que serviram de referencial-inspiracional. E como forma de alcançar este objetivo iremos investigar e traçar hipóteses sobre como o efeito da recepção literária do sertão mineiro de João Guimarães Rosa reverbera no cotidiano da paisagem de Cordisburgo (MG), cidade natal do autor. Desta forma, visamos apreender se, e como, a paisagem física de Cordisburgo configura-se a partir da reapropriação do universo sertanejo das obras de Guimarães Rosa, ou seja, se o escritor se inspirou na região que habitou para construir seu universo diegético, agora, queremos verificar como que os seus leitores contemporâneos, habitantes reais deste território, se apropriam desta criação artística para recriar a paisagem por onde transitam. A pesquisa se desenvolverá para além da apreensão de uma representação territorial, visando compreender o efeito da recepção do texto na sociedade-concidadã do escritor através da realização de pesquisa de campo de topônimos literários relacionados ao legado rosiano (à vida do autor ou às suas obras), utilizando e criando um método de análise que denominamos de arqueologia toponomástica (que tem como referência a arqueologia do saber de Foucault ([1969]2008) em conjunto com a toponomástica). Traçando relações e análises acerca dos topônimos literários inscritos e identificados na paisagem de Cordisburgo, alcançamos como resultados: i) a identificação de treze topônimos literários rosianos distribuídos pela paisagem da cidade; ii) os efeitos da recepção reverberando de modo extradiegético e tangível, apreendidos a partir de inscrições na paisagem da cidade, ocorrem com pouca adesão pelos concidadãos e pontualmente com nomes de lugares fazendo referência ao autor, personagens e obras; iii) dos topônimos identificados, apenas quatro são instituições que realizam atividades coletivas e contínuas com os objetivos de promover a divulgação da obra de Guimarães Rosa e proporcionar conhecimento e integração à comunidade (Museu Casa Guimarães Rosa, Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa, Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa; Biblioteca Pública Riobaldo e Diadorim); quatro são logradouros (Praça Miguilim, Portal Grande Sertão, Travessa Guimarães Rosa e ponto de ônibus com logo da Loja Sagarana); quatro estabelecimentos que fazem referência a literatura rosiana apenas no nome (Loja Sagarana; Auto Posto Guimarães Rosa; Panificadora; Lanchonete Vista Alegre; e Empório Sertão Veredas) e um estabelecimento tematizado a partir do contexto do sertão rosiano (Restaurante Sarapalha). Assim, concluímos que por mais que o município seja reconhecido como a cidade em que morou Guimarães Rosa e desenvolva ações relacionadas a perpetuação de seu legado literário, com projetos e eventos, os efeitos da recepção desta literatura na paisagem são pontuais, de modo que não podemos criar generalizações em relação a construção de uma identidade sociocultural ser pautada na literatura de seu concidadão.

Palavras-chave: Teorias da recepção. Paisagem literária. Arqueologia toponomástica.

ABSTRACT

The categories of literary spatialities (space, place, territory and landscape) can be understood in diegetic amplitudes, intrinsic to the plot and with essential elements for the development of the narrative, and extradiegetic, by transcending the limits of the worlds represented in the narratives and touching aspects of reality. However, despite the dialectic between them, it is crucial to highlight that diegetic and extradiegetic literary spatialities do not operate in isolation and can establish relationships with each other. With these relationships in mind, we will direct the development of this research towards the extradiegetic understanding of literary spatiality, aiming to highlight the relevance of the reader in literary studies and provide elucidations about literary reception, with emphasis on the theories of Hans Robert Jauss (1994), reception aesthetics, and Wolfgang Iser (1996), reception effect. Thus, the present research aims to understand how the universe diegetically constructed by a writer can be appropriated in the daily lives of residents of the regions that served as an inspirational reference. To achieve this objective, we will investigate and outline hypotheses about how the effect of the literary reception of João Guimarães Rosa's backlands of Minas Gerais reverberates in the daily life and landscape of Cordisburgo (MG), the author's hometown. In this way, we aim to understand if, and how, the physical landscape of Cordisburgo is configured based on the reappropriation of the country universe of the works of Guimarães Rosa, that is, if the writer was inspired by the region he inhabited to build his diegetic universe, now, we want to verify how its contemporary readers, real inhabitants of this territory, appropriate this artistic creation to recreate the landscape through which they travel. The research will go beyond the apprehension of a territorial representation, aiming to understand the effect of the reception of the text in the writer's fellow-citizen society through field research on literary toponyms related to the Rosian legacy (to the author's life or his works), using and creating a method of analysis that we call toponomastic archeology (which has as its reference the archeology of knowledge by Foucault ([1969]2008) in conjunction with toponomastics). Tracing relationships and analyzes about the literary toponyms inscribed and identified in the landscape of Cordisburgo, we achieved the following results: i) the identification of thirteen literary toponyms from Rosia distributed throughout the city's landscape; ii) the effects of reception reverberating in an extradiegetic and tangible way, learned from inscriptions in the city's landscape, occur with little adherence by fellow citizens and occasionally with place names referring to the author, characters and works; iii) of the toponyms identified, only four are institutions that carry out collective and continuous activities with the objectives of promoting the dissemination of Guimarães Rosa's work and providing knowledge and integration to the community (Museu Casa Guimarães Rosa, Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa, Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa; Biblioteca Pública Riobaldo e Diadorim); four are public places (Praça Miguilim, Portal Grande Sertão, Travessa Guimarães Rosa and bus stop with Loja Sagarana logo); four establishments that refer to Rosiana literature only in name (Loja Sagarana; Auto Posto Guimarães Rosa; Panificadora; Lanchonete Vista Alegre; and Empório Sertão Veredas) and one establishment themed from the context of the interior of Rosia (Restaurante Sarapalha). Thus, we conclude that even though the municipality is recognized as the city in which Guimarães Rosa lived and develops actions related to the perpetuation of his literary legacy, with projects and events, the effects of the reception of this literature in the landscape are punctual, so that it does not we can create generalizations in relation to the construction of a sociocultural identity based on the literature of your fellow citizen.

Keywords: Reception theories. Literary landscape. Topomastic archaeology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Museu Casa Guimarães Rosa.....	73
Figura 2 – Quarto de Guimarães Rosa em Museu Casa Guimarães Rosa.....	78
Figura 3 – Quarto dos Pais.....	78
Figura 4 - Sala de Jantar.....	79
Figura 5 – Gabinete.....	80
Figura 6 – Estante com livros no cômodo gabinete.....	81
Figura 7 – Marcos territoriais literários.....	83
Figura 8 – Logo do Grupo Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa.....	84
Figura 9 – Logo do Grupo da Melhor Idade Estrelas do Sertão.....	85
Figura 10 – Logo do Grupo Contadores de Estórias Miguilim.....	85
Figura 11 – Logo do Grupo Caminhos do Sertão.....	86
Figura 12 – Logo da 35ª Semana Rosiana.....	87
Figura 13 – Mapa com área pré-definida para transecto em Cordisburgo.....	102
Figura 14 – Mapa e contorno de Cordisburgo (MG).....	104
Figura 15 - Mapa do transecto realizado em Cordisburgo.....	105
Figura 16 - Pintura na parede de lanchonete com o semblante de Guimarães Rosa.....	106
Figura 17 - Pintura na parede do Hotel com o semblante de Guimarães Rosa	106
Figura 18 – Escritura de parte da obra de Guimarães Rosa em parede de Bar/Lanchonete.....	107
Figura 19 – Pinturas no Centro de Atendimento ao Turista.....	107
Figura 20 – Gráfico de classificação e quantidade dos tipos de topônimos observados.....	110
Figura 21 – Estabelecimentos Prestadores de serviços na área de alimentos e bebidas (Restaurante Sarapalha, Empório Sertão Veredas e Panificadora e Lanchonete Vista Alegre).....	111
Figura 22- Loja Sagarana.....	111
Figura 23 – Autoposto Guimarães Rosa.....	111
Figura 24 - Museu Casa Guimarães Rosa.....	112
Figura 25 - Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa.....	113
Figura 26 -Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e Biblioteca Pública Riobaldo e Diadorim.....	11
Figura 27 – Portal Grande Sertão Veredas.....	114
Figura 28 – Praça Miguilim.....	115
Figura 29 - Ponto de ônibus e Travessa Guimarães Rosa.....	115

Figura 30 – Gráfico de frequência de referências.....	116
Figura 31 – Gráfico de frequência de referências relacionadas ao texto.....	117
Figura 32 - Mapa Rede de Topônimos.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação de topônimos literários em Cordisburgo.....	109
Tabela 2 – Relações dos estabelecimentos	112
Tabela 3 – Relações de instituições.....	114
Tabela 4 – Relações dos logradouros.....	116

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	GRAFIAS DA PAISAGEM: A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM DIÁLOGO COM AS TEORIAS DA RECEPÇÃO	20
2.1	DESDOBRAMENTOS INTRODUTÓRIOS DA REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NA LITERATURA.....	23
2.2	AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM.....	32
2.3	A LITERATURA NA PAISAGEM COMO EFEITO DE RECEPÇÃO	44
3	CAMADAS TEXTUAIS: A CONSTRUÇÃO DO EPICENTRO DO SERTÃO ROSIANO	56
3.1	JOÃO GUIMARÃES ROSA E O SEU PROCESSO CRIACIONAL.....	59
3.2	O EPICENTRO DO SERTÃO ROSIANO.....	70
3.2.1	Cordisburgo.....	70
3.2.2	Museu Casa Guimarães Rosa.....	73
3.3	PROJETOS LITERÁRIOS NO COTIDIANO DE CORDISBURGO.....	82
4	EFEITOS DE RECEPÇÃO: A CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM EM CORDISBURGO A PARTIR DA ANÁLISE DE TOPÔNIMOS LITERÁRIOS.....	90
4.1	ETNOGRAFIA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS	92
4.2	ANÁLISE DE REDE E DE FREQUÊNCIA DE TOPÔNIMOS LITERÁRIOS NA PAISAGEM DE CORDISBURGO A PARTIR DA ARQUEOLOGIA TOPONOMÁSTICA.....	102
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	129
	APÊNDICE	137

1 INTRODUÇÃO

Através da linguagem literária ultrapassamos as fronteiras territoriais e percorremos diferentes dimensões espaciais, desde as epopeias clássicas às narrativas contemporâneas. O elemento espaço nos estudos literários tem ganhando destaque e originado novas pesquisas¹ e apreensões, sendo que os autores jamais deixaram de vincular suas construções e reflexões narrativas a este elemento. Contudo, devemos salientar que a conceituação do termo espaço possui caráter transdisciplinar, devido ao fato das discussões que o envolvem abrangerem diferentes áreas do conhecimento (nas humanidades com a geografia; biologia; arte; antropologia; turismo; literatura; urbanismo; semiótica; assim também como nas ciências exatas com a física, matemática, estatística, e etc.), de modo que suas definições se complementam e se confrontam, de forma não unívoca, ao serem utilizadas como recursos analíticos e teóricos.

O conceito de espaço por diversas vezes é associado genericamente como sinônimo das categorias lugar, território e paisagem. De modo sucinto podemos compreender: i) o espaço, o conceituado de forma objetiva, como uma extensão ampla e abstrata que contempla tudo que se encontra sobre a superfície terrestre; ii) lugar como uma porção espacial que adquire significados para as pessoas que o habitam ou o percebem e que se caracteriza por suas particularidades físicas, sociais e simbólicas; iii) território como a categoria que envolve relações de poder espaciais, sociais e políticas delimitadas; iv) e paisagem como o conjunto de percepções estéticas que contemplam os elementos naturais ou construídos associados aos sentidos, com ênfase na visão.

O espaço geográfico nas ciências sociais comumente é apreendido como um recurso utilizado para descrever as condições morfológicas de uma determinada área ou como elemento ativo na organização social, atuando como produto ou produtor (Cabral, 2007). Enquanto na geografia o espaço pode ser apreendido como o “[...]diálogo permanente entre a morfologia e as práticas sociais ou comportamentos” (Gomes, 2002, p.290), ou “[...] conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (Santos, 1999, p.18), de modo que cabe a este

¹ Segundo Luis Alberto Brandão (2013) as investigações acerca do espaço nos estudos literários possui quatro principais abordagens: i) a representação do espaço, como uma categoria extratextual de lugares de pertencimento ou trânsito narrativo ficcional; ii) o espaço como estruturação textual, em que são considerados os recursos de que produzem efeito de simultaneidade; iii) o espaço como focalização, considerando o efeito ocasionado pelo enunciado ou enunciação e; iv) o espaço da linguagem, que há uma espacialidade própria da linguagem verbal.

campo de estudo realizar análises espaciais que contemplem aspectos físicos e organizacionais, para além de sua morfologia como portadores de significados e sentidos (Gomes, 1997).

De modo alegórico, semelhante a construção de um texto, o espaço geográfico comunica, possui dimensão simbólica, está sujeito a mudanças e permite diferentes apreensões e interpretações sobre esse. “A análise geográfica deve examinar o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significados e sentidos. Há, por assim dizer, uma ‘escrita’ nesta distribuição das coisas no espaço. Em outros termos, o arranjo espacial das coisas é uma linguagem” (Gomes, 1997, p. 38). Ao considerarmos o espaço como um elemento textual encontramos na sua construção a possibilidade de explorar múltiplas camadas de interpretações e significados. Embora existam diferenças fundamentais entre o espaço geográfico e o texto, como suas formas de expressão e modos de percepção, estas semelhanças destacam a sua capacidade em ser lido.

O elemento espaço no texto desempenha um papel multifacetado, indo além de sua função morfológica descritiva e contribui na construção de significados e na estrutura narrativa. Em *Invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau (1998) argumenta que a literatura desempenha um papel crucial na criação e interpretação do espaço, enfatizando que a escrita literária permite que os espaços sejam reinventados e reimaginados, rompendo com as limitações e normas impostas e ampliam as possibilidades de experiências e interpretações. O teórico Gaston Bachelard (1978), em *A poética do espaço*, aborda a relação entre literatura e espaço argumentando que a escrita literária pode revelar a dimensão imaginativa e simbólica, enfatizando como a escrita descreve e evoca espaços íntimos associados à questões emocionais e psicológicas. Enquanto, Yi-Fu Tuan (1983), em *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*, argumenta que o espaço literário desempenha um papel fundamental na construção e na compreensão dos espaços reais, tornando-os dotados de significados e símbolos. Desta forma podemos apreender que na literatura a categoria espaço desempenha um papel fundamental na criação de significados e na construção narrativa, através do uso de signos, símbolos, metáforas e outras estratégias linguísticas. Os autores constroem representações espaciais que podem carregar múltiplas camadas de significados, tratando-se de questões de ordem semiótica em que aproximam o espaço da literatura e a literatura do espaço.

A literatura e a geografia se aproximam e se complementam, proporcionando perspectivas que tangenciam a interdisciplinaridade através da abordagem da espacialidade e de sua relação de verossimilhança com o mundo concreto. Inicialmente, o elemento espaço quando analisado em narrativas, tinha como funcionalidade ser fonte de informações, descrições e relatos sobre lugares e suas características físicas, contemporaneamente a

espacialidade narrativa também se molda à uma representatividade intimista das questões que envolvem a psiquê humana estabelecendo o elo entre geograficidade e experiência vivida (Dardel, 2011) ao colocar em destaque uma variabilidade de perspectivas, interlocuções e flexibilizações das espacialidades nas narrativas.

Considerando que os primeiros contatos de um indivíduo com um determinado espaço geográfico ocorrem por meio de estímulos físicos sensoriais, sejam estes o tato, o olfato, a audição ou a visão, o mundo em sua apreensão física fornece elementos imagéticos, térmicos, sonoros e olfativos que permitem que sejam apreendidas e construídas perspectivas sobre o lugar que se vive e que também motiva a produzir mecanismos que ocasionem sua sobrevivência e comunicação entre os seus semelhantes.

Objetivando traçar uma interface entre estas duas áreas, geografia e literatura, iremos convergir uma maior atenção a categoria espacial paisagem, como um denominador comum a essas, e suas possibilidades. O termo paisagem é comumente associado ao que se vê ou foi visto sobre a superfície, ou seja, a imagem natural ou material que possui alguma relação com o espaço e a sociedade, ou o cenário e as estruturas criadas por uma sociedade. A paisagem, que era tida inicialmente apenas como espaço territorial, mais ou menos definido, ligado ao campo visível do espaço terrestre, alcança compreensões maiores ao adotar definições em que predomina uma visão sistêmica e subjetiva do local.

Inicialmente as relações estabelecidas entre literatura e geografia eram provenientes das narrativas apreendidas como forma de complemento das pesquisas geográficas, que visavam obter informações sobre lugares e relações sociais em diferentes períodos. A paisagem enquanto expressão visual e geográfica do ambiente e a literatura como manifestação artística da linguagem, convergem em um diálogo complexo que transcende os limites do visível. Ao explorarmos a relação entre literatura e paisagem podemos destacar a influência da paisagem na produção literária, assim como a representação literária inscrita em paisagens.

A presença de descrições de paisagens em textos não é apenas uma questão de cenário, mas uma representação simbólica que reflete valores culturais, sociais e emocionais, atingindo um contexto extratextual, como intratextual ao contribuir na personificação de personagens e construções de enredos. “A arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passaria despercebidos [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar” (Tuan, 1983, p. 180). Assim, a literatura não apenas reflete a paisagem, mas também a reinterpreta, contribuindo para a construção de significados culturais e simbólicos associados a determinados locais.

A paisagem literária surge a partir desta relação entre literatura e paisagem, podendo ser apreendida de modo intratextual (fazendo referência à representação das paisagens nos textos e a partir da maneira como o autor utiliza a linguagem para descrever e evocar imagens de lugares específicos dentro de uma narrativa. A paisagem literária vai além de uma simples descrição física, envolvendo elementos simbólicos, emocionais e culturais que contribuem para a atmosfera e a construção do significado da obra) e extratextual (os textos ao retratarem as paisagens conseguem transcender as narrativas influenciando a forma como o leitor percebe o ambiente ao seu redor. Esta influência acerca da perspectiva acerca do ambiente pode ocasionar em apropriações e representações fora do texto pelo leitor, reverberando nos efeitos da recepção).

Para que estas relações intratextuais e extratextuais da paisagem literária sejam apreendidas, a presença do leitor torna-se essencial com sua funcionalidade indo além do papel passivo de mero receptor e assumindo uma posição de coautor através da sua interpretação, experiência e repertório contribuindo para a construção da paisagem literária. A representação e apropriação de aspectos e elementos literários ao serem realizadas, de modo extratextual, por leitores tangencia a teoria da recepção proporcionando que sejam realizadas apreensões acerca das reações que ocorrem em relação ao texto literário e quais são os efeitos, impactos, que o texto proporciona em relação a este leitor.

Estas perspectivas do leitor em relação as realizações de representações da paisagem literária podem tangenciar e permitir diferentes elucidações: i) como a paisagem pode ser considerada categoria literária; ii) acerca da ambientação estética² na qual a narrativa é construída; iii) as etapas e processos pelos quais o escritor passou antes, durante e posterior ao início da escrita da obra e dentre outras. Estas são algumas das indagações que suscitam diferentes compreensões e investigações e que de modo recorrente são abordados em planos especulativos, mas que na busca de respostas são terrenos não planejados. Não visamos

² O termo estética pode ser compreendido como “[...] suscetível de perceber-se pelos sentidos; de *aísthesis*, sensação, percepção. [...] o conhecimento da beleza na Arte e na Natureza, a teoria ou filosofia do Belo, entendendo-se por Belo o conjunto de sensações experimentadas no contato com a obra de arte ou manifestação da Natureza” (Moisés, 2004, p. 166-167). Em nossa pesquisa quando nos referirmos ao termo de modo independente, sem estar associado a estética da recepção, iremos apreender a conceituação de estética a partir da abordagem fenomenológica de Mikel Dufrenne (2004). A fenomenologia da experiência estética ressalta e aborda sobre aspectos que fazem referências a maneira como a obra de arte ou a beleza são recebidas pela consciência humana, como uma forma de relação do ser humano com o, e de sentir-se no, mundo. A experiência estética, com a abordagem fenomenológica, é apreendida a partir do olhar do espectador, em nosso estudo leitor e embora esteja presente também no ato do criador-autor, que permite que o fenômeno se realize em sua plenitude de sentidos e enquanto objeto estético perante aos demais.

afirmar ou negar determinada dimensão ou perspectiva de estudo literário, mas, sim, averiguar, a partir de elucidações e análises como pode ocorrer a compreensão da construção do texto para além da forma tradicional da estrutura narratológica, elucidando hipóteses acerca de uma possível prática cultural humana cujas relações entre paisagem e o ato da leitura moldam o cotidiano de uma cidade.

Há o deslocamento de compreensão da paisagem do campo da visibilidade, com suas formas físicas e de modo objetivo, para o campo da significação, de modo subjetivo com foco no significado e valor para os indivíduos que a vivenciam. Desta forma, no presente estudo a paisagem será aprendida como uma construção textual que possui elementos estruturais referenciais essenciais para a sua concepção e apresenta diferentes possibilidades de leituras.

Sendo assim, a presente pesquisa tem o objetivo de analisar e compreender como o universo construído diegeticamente por um escritor pode ser apropriado no dia-a-dia dos moradores das regiões que serviram de referencial-inspiracional. Desta forma, visamos apreender se e como a paisagem física e concreta de Cordisburgo (MG) configura-se a partir da reapropriação do universo sertanejo das obras de João Guimarães Rosa, ou seja, se o escritor se inspirou na região que habitou para construir seu universo diegético, agora, queremos verificar se os seus leitores contemporâneos, habitantes reais desta região, se apropriam desta criação artística para recriar a paisagem concreta por onde transitam.

A pesquisa se desenvolverá para além da apreensão de uma representação literária do território, visando compreender os efeitos da recepção dos textos rosianos na sociedade-concidadã do escritor através da pesquisa de campo de topônimos literários relacionados ao legado rosiano, utilizando e criando um método de análise que denominamos de arqueologia toponomástica. Neste processo de investigação de "mimese invertida", ou seja, que ocorre quando o mundo concreto apropria-se do mundo diegético, iremos apresentar as investigações realizadas durante dois dias, método etnográfico, no cotidiano de Cordisburgo (MG) realizando caminhadas por um trajeto pré-definido observando, registrando, classificando, analisando e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do corpus a ser investigado.

A criação do conceito e a abordagem da arqueologia toponomástica, tal como delineada em nossa pesquisa centrada na paisagem de Cordisburgo, revela-se como uma ferramenta perspicaz para desvelar as intrincadas relações entre o legado literário de Guimarães Rosa e os topônimos que permeiam esta localidade. A arqueologia toponomástica (conceito criado a partir da junção de referências teóricas da arqueologia do saber de Foucault e do conceito de toponomástica) examina como os topônimos influenciam a interpretação e a construção da

relação entre homem e espaço. Apreendida como um campo de estudo que transcende a identificação de nomes que fazem referência a elementos literários, esta conceituação, em nosso estudo visa compreender o efeito da recepção através da inscrição de topônimos na paisagem de Cordisburgo (MG). Diante da especificidade de nosso escopo, voltado para a análise em campo dos topônimos referentes às obras, personagens ou à figura do renomado escritor, é imprescindível considerar a mimese e a extradiegese como um direcionamento para compreender como os nomes de lugares podem ser condutores de linguagem e comunicação que influenciam a interpretação e construção da paisagem.

Assim, a realização desta pesquisa propõe-se a desbravar novos horizontes na compreensão da interação entre literatura e geografia, indo além das abordagens convencionais acerca do espaço literário em amplitudes dicotômicas, ficcionais ou reais, trazendo como problema hipótese de pesquisa o seguinte questionamento: O que ocorre quando uma sociedade-concidadã de um escritor se apropria de elementos de suas narrativas ficcionais e as utiliza como referência na construção sociocultural de seu cotidiano? Partimos do pressuposto de resposta de que o cotidiano da sociedade do sertão mineiro, especialmente em Cordisburgo, incorpora elementos literários do legado de Guimarães Rosa, e de sua persona enquanto autor, no dia-a-dia, a partir de evidências levantadas com projetos já existentes (Contadores de histórias Miguilim, Museu Casa Guimarães Rosa, Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e entre outros). Contudo, nós pretendemos ir além das identificações já mencionadas e traçar análises mais concisas da existência, ou não, de uma apropriação na construção de uma identidade sociocultural. E a partir destas elucubrações encontraremos respostas afirmativas ou negativas as nossas hipóteses que trarão validação para nossa pesquisa. A relevância desta abordagem reside na desconstrução de paradigmas, na promoção da transdisciplinaridade e na introdução da análise conceitual da arqueologia toponomástica. Ao se concentrar nos efeitos da recepção das obras e do legado de Guimarães Rosa, especificamente na inscrição de topônimos literários na paisagem de Cordisburgo, esta pesquisa pode destacar-se como um avanço significativo no campo dos estudos literário transdisciplinares.

Assim, no capítulo 2, *Grafias da paisagem: a geografia literária em diálogo com as teorias da recepção*, apresentaremos discussões e conceitos introdutórios da categoria espaço na literatura; posteriormente abordaremos as relações entre geografia e literatura, tangenciando os conceitos de geografia literária e paisagem literária, percorrendo sobre as teorias de recepção de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, visando em diálogo compreender como as inscrições da literatura na paisagem podem ser apreendidas como efeitos de recepção. No capítulo 3, *Camadas textuais: a construção do epicentro do sertão rosiano*, abordaremos o legado literário

do autor Guimarães Rosa e a sua presença na construção da paisagem literária de Cordisburgo, explanando sobre o seu processo criativo, elucidando hipóteses acerca do epicentro do sertão rosiano ser representado pela cidade Cordisburgo e pelo Museu Casa Guimarães Rosa; e por fim apresentamos alguns elementos que compõem Cordisburgo como um território literário. No capítulo 4, *Efeitos de recepção: a configuração da paisagem de Cordisburgo a partir da análise de topônimos literários*, iremos apresentar uma análise crítica, a partir da criação da arqueologia toponomástica, de como ocorre o efeito da recepção da literatura de Guimarães Rosa no cotidiano de Cordisburgo a partir da investigação da presença de topônimos que fazem referência a elementos literários rosianos. E por fim, apresentaremos as considerações finais acerca do que apreendemos e compreendemos durante o desenvolvimento de nossa pesquisa. Objetivamos uma fuga da hierarquia teórica, de modo que concentraremos nossos apontamentos na figura do leitor, de modo a reverberar em sua experiência. Traremos um olhar reflexivo levando em consideração a extratextualidade apropriada por uma sociedade e apreendida pela paisagem, que consegue englobar grupos de diferentes formações culturais exigindo que esses possuam apenas a noção básica da leitura e o conhecimento de parcela do repertório literário rosiano.

2 GRAFIAS DA PAISAGEM: A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM DIÁLOGO COM AS TEORIAS DA RECEPÇÃO

Ao destacarmos o espaço nos estudos literários como um elemento instrumental narrativo e uma forma de expressão de valores e significados, começamos a construir os diálogos entre literatura e geografia. Visando evitar a polarização dicotômica entre realidade e ficção, comumente abordada em estudos sobre os espaços literários, neste capítulo realizaremos discussões acerca das relações entre literatura e espaço, ocasionando no desdobramento entre literatura e geografia em diálogo com as teorias da recepção.

As relações estabelecidas entre literatura e geografia, segundo Yi-Fu Tuan (2013) podem ser expressas de três formas: i) o texto geográfico pode conter qualidades literárias; ii) o texto literário pode ser apreendido como fonte material para análises geográficas ou; iii) a literatura fornece uma perspectiva de como as pessoas vivenciam seu mundo, sendo um referencial para a percepção e cognição do espaço. Em síntese podemos associar que o interesse da geografia pela literatura surge com as representações das características físicas da superfície terrestre e das relações humanas sobre essa, nos textos literários. Assim, as narrativas passam a ser apreendidas como forma de complemento das pesquisas geográficas quando destinada atenção a categoria espacial e essa passa a ser analisada com a funcionalidade de ser fonte de informações, de descrições e relatos sobre os lugares e as relações dos seres humanos com a Terra como forma de existência e de destino.

Contudo, por mais que a temática espacial seja um denominador comum entre geografia e literatura, nenhuma delas no início do desenvolvimento de suas teorias o tinham como objeto principal a ser explorado. A geografia é comumente conceituada, conforme sua etimologia, como a ciência que estuda e descreve a superfície terrestre e as relações entre essa e os seres humanos. Mas o espaço nos estudos geográficos só começa a ganhar relevância de investigação, para além das suas características físicas, com a geografia crítica, em meados da década de 1970. Na geografia tradicional, entre 1870 e 1950, a paisagem e a região eram consideradas as categorias relevantes de serem analisadas, enquanto o espaço começa a ser explorado de modo vago, sendo associado a ideia de território, pelos teóricos Friedrich Ratzel, Vidal de La Blache e Richard Hartshorne (Corrêa, 2000). Na corrente da nova geografia, no período após a Segunda Guerra Mundial, o espaço passa a ser considerado um objeto geográfico, sendo associado as descrições, características, localizações e delimitações de áreas, com caráter útil para a melhoria de confecções cartográficas e a teórica-quantitativa, porém sem um aprofundamento das análises dos fenômenos que ocorrem sobre a superfície (Christofolletti, 1982).

Com o decorrer do tempo as perspectivas e concepções sobre as relações entre os seres humanos e a superfície terrestre passam por mudanças e requerem a realização de adaptações teóricas proporcionais as demandas sociais que passam a ser específicas de cada período, de cada área de estudo e de cada localização. São estabelecidas geografidades, termo cunhado por Eric Dardel (1952), que podem ser entendidas como as relações que unem o homem à Terra, estabelecendo a cumplicidade com o meio, afetividade e criando sistemas de significações que as apreensões cognitivas implicam.

Compreender os conceitos de espaço, lugar, território e paisagem é fundamental para os estudos que dialogam com os conteúdos de geografia e literatura, uma vez que esses termos representam elementos-chave na análise e compreensão da transdisciplinaridade entre tais campos do conhecimento. Cada uma destas espacialidades ao serem percebidas ou representadas devem ser consideradas em suas especificidades, por mais que sejam referenciados com caráter de sinônimos, o lugar não é o espaço ou/e a paisagem não é a região, mas a maneira esteticamente organizada, conjunta, de vê-las podem causar a impressão de que ambas são semelhantes a ponto de indeferir suas singularidades ao serem referenciadas. Visando estabelecer diálogos acerca das relações entre literatura e geografia, pautaremos nossas discussões iniciais abordando a paisagem e suas possibilidades de grafias, seja através da representação do autor ou do leitor.

Comumente apreendida como manifestações visíveis das interações entre a sociedade e o espaço geográfico, o conceito positivista de paisagem foi utilizado na sistematização da ciência geográfica e, posteriormente, refutado com a geografia cultural no início do século XX, ocasionando na valorização de associações simbólicas e imateriais das temáticas geográficas com outras ciências (Cosgrove, 1998). A geografia cultural, por sua vez, é uma área de estudo que se concentra nas manifestações culturais e simbólicas presentes no espaço geográfico, explorando as formas como as pessoas atribuem significado e valor aos lugares, investigando as práticas culturais, as representações simbólicas, as identidades e as memórias coletivas.

A geografia literária pode ser considerada um segmento da geografia cultural devido à sua abordagem centrada na relação entre a literatura e a cultura, visando compreender como a literatura reflete, constrói e é influenciada pelas dinâmicas culturais do mundo ou de uma sociedade. Ao abordar a literatura como uma expressão cultural que influencia e é influenciada pelo espaço, a geografia literária se alinha com os princípios e objetivos da geografia cultural, contribuindo para uma compreensão mais profunda das interações entre a literatura e a cultura em um contexto geográfico específico. Assim como a geografia cultural explora as práticas, as representações simbólicas e as formas de significação presentes no espaço, a geografia literária

se dedica a investigar como a literatura realiza a criação e transmissão dessas práticas e representações.

O espaço por mais que se apresente como um conceito auto-evidente possui, complexidades em suas categorias, mas que de acordo com cada perspectiva conceitual é capaz de estabelecer uma relação de geograficidade, por meio da variabilidade de perspectivas, interlocuções e flexibilizações das espacialidades. Ao pensarmos em como as espacialidades têm se configurado nas narrativas, devemos realizar reflexões espaciais como forma de recurso analítico e necessário para compreendê-las. As espacialidades envolvem mais que um termo que se apresenta de modo amplo e homogêneo sobre o espaço. Não devemos pensar nas espacialidades apenas como termos sinônimos do espaço, como uma área ou um pedaço de terra, mas sim desmembrá-las para entendermos quais são as possibilidades de manifestações do espaço se apresentar na narrativa e como suas características possibilitam a criação de discussões que permitam ter a noção categórica de cada e utilizá-las para identificar dimensões diferentes na geograficidade. Não devemos vinculá-las a ideia de espaço e sim aprendê-las em dimensões de temporalidades, de relações, de práticas sociais e de categorias do espaço geográfico que implicam em novas formas e sentidos (Lefebvre, 2000).

Assim, na seção 2.1, *Desdobramentos introdutórios da representação espacial na literatura*, abordaremos algumas concepções acerca da representação espacial na literatura, abordando os conceitos de literatura e algumas linhas teóricas e como a espacialidade pode ser abordada nos estudos literários. Na seção 2.2, *As relações entre literatura e geografia na construção da paisagem*, iremos explorar os conceitos das categorias espaciais (espaço, lugar, paisagem e território) e realizar análises acerca da relação de transdisciplinaridade entre geografia e literatura. Na seção 2.3, *A literatura na paisagem como efeito de recepção* voltamos para a intrincada rede de relações entre a recepção da literatura e sua inscrição na paisagem, explorando como as teorias de recepção de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser lançam luz sobre os efeitos desta interação. Nosso foco recai sobre apreendermos sobre o efeito da recepção literária e como consequência desta recepção, compreender a ocorrência da representação do texto literário pelos leitores de um lugar específico, desvelando as nuances singulares desse processo mediante o prisma da estética da recepção e dos efeitos que permeiam a leitura.

2.1 DESDOBRAMENTOS INTRODUTÓRIOS DA REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NA LITERATURA

Algumas das conceituações e funcionalidades performadas pelo termo literatura podem ser apreendidas em relação às perspectivas contextuais e textuais, tais como: a intenção do autor, a representação do mundo, a recepção do leitor, o valor, a linguagem e a história (Compagnon, 2010). Essa traz no seu âmago a potencialidade de simbologias e significados, em diferentes períodos e sociedades, que despertam o cognitivo de cada indivíduo por meio dos textos. A literatura pode atuar como um ponto de convergência em que as experiências individuais se entrelaçam com as demais esferas públicas, criando um senso de identidade compartilhada em aspectos sociais, éticos ou políticos, como ocorre em *Persépolis* (2013), uma autobiografia em quadrinhos da iraniana Marjane Satrapi, que retrata sua infância e adolescência no Irã, durante e após a Revolução Islâmica de 1979, tangenciando discussões políticas, culturais, de gênero e identidade feminina no Irã.

A sua amplitude conceitual, nos âmbitos do senso comum, das teorias e críticas literárias apresentam modificações de acordo com o seu contexto sócio-histórico, resultando na não unicidade de suas definições. Ao explorar os conceitos de literatura encontramos abordagens: que ignoram, ou não, a figura do leitor; decretam a morte do autor; acreditam que o texto possui um fim em si mesmo; potencializam a literariedade; associam o texto à representação do mundo; que tem a concepção da linguagem literária como um sistema de significação constituído por elementos desmontáveis e reorganizáveis em diferentes configurações; são consideradas o testemunho documental acessível de uma cultura; a premissa para conhecer uma sociedade; tudo aquilo que se encontra impresso; todos os livros de uma biblioteca, a inscrição, a escrita ou a erudição são algumas das concepções sobre a definição de literatura.

Em sua variedade de conceituações, a partir da perspectiva de alguns teóricos, a literatura pode ser apreendida como: i. uma abordagem que reconhece a complexidade e a multiplicidade da literatura, abrindo possibilidades para novas formas de pensamento e interpretação (Derrida, 1991); ii. a relação entre o texto literário e o leitor, enfatizando a importância da experiência individual e subjetiva ao ler, considerada uma prática aberta à interpretação, onde o leitor desempenha um papel ativo na construção do sentido (Barthes, 1974); iii) um fenômeno que não está isolado e que possui relações com questões sociais e políticas, refletindo e influenciando as condições do seu tempo (Candido, 1971) ou; iv) à desmistificação de que a literatura é um domínio separado da vida social já que ela desempenha um papel ativo na formação das ideologias e na luta pelo poder (Eagleton, 2006).

Esta generalidade polissemântica do conceito já era uma observação realizada por Aristóteles (2008[385a.C]), em *Poética*, ao não conseguir encontrar um termo que fizesse referência ao mesmo tempo para a arte que tinha como linguagem os diálogos socráticos, os versos e textos em prosa. Os paradigmas conceituais do termo literatura irão coexistir, sejam esses o consenso ou a ruptura do senso comum, a representação ou aproximação da realidade social, a forma do conteúdo com a organização dos significados ou a forma da expressão com a organização de seus significantes. O conceito de literatura no ocidente, na perspectiva moderna, surge no século XIX como contrapartida da insuficiência e estaticidade dos sistemas dos gêneros poéticos de Aristóteles, composto principalmente pela lírica, pela epopeia e pelo drama, sendo estes dois últimos “[...] os dois grandes gêneros da idade clássica, isto é, a narração e a representação ou as duas formas maiores da poesia, entendida como ficção ou imitação” (Compagnon, 2010, p. 32). Contudo, da antiguidade até a metade do século XVIII, a definição de literatura perpassava um universo semântico de discussões a respeito da representação das ações humanas pela linguagem, a imitação, a ficção, a mimese aristotélica ou a produção. Posteriormente surge, em oposição a essa definição, o formalismo russo associando a literatura à uma organização particular da linguagem por meio de estruturas específicas em que o texto possui um fim em si mesmo.

As correntes tradicionalistas (filologia, historicismo e positivismo) vinculavam o sentido e a significação da obra à intenção do autor, sendo esse o produtor e a explicação do texto. A busca pela explicação do texto sendo majoritariamente procurada ao recorrer à quem o produziu “[...] como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o autor, a entregar a sua ‘confidência’” (Barthes, 1988, p. 66), “[...] como se, de uma maneira ou de outra, a obra fosse uma confissão, não podendo representar outra coisa que não a confidência.” (Compagnon, 2010 p.50). Já as correntes modernas (formalismo russo e *New Critics* americano) condenavam a ideia da intenção do autor por acreditarem que essa iria interferir nos estudos e nas críticas literárias, pois se o significado da obra se encontra na intenção do autor, não haveria motivos para que interpretações fossem realizadas sobre a mesma. O autor passa a ser compreendido como aquele que escreve, que cede o seu lugar ao texto, o sujeito da construção da enunciação e que só existe a partir do momento que a constrói. A figura do autor vinculada à explicação e ao significado único do texto desaparece, sendo decretada a “morte do autor” (Barthes, 1988).

As discussões sobre o lugar condicionado ao autor no texto abrangem conceituações polarizadas que extrapolam as camadas textuais, alcançando o sujeito escritor portador de uma identidade biográfica e psicológica. Ao autor, é atribuída a responsabilidade pela confecção da

escrita do texto a partir do qual se configura um universo diegético composto por personagens executando suas ações em coordenadas temporais e espaciais. A respeito da autoria, cabe diferentes tópicos de conceituações, discussões e apreensões sobre a sua intenção e responsabilidade pela significação e sentido ao texto, assim como, seu lugar enunciativo, sustentando uma relação de aproximação ou distanciamento com o narrador e o leitor.

A essência da literatura para o formalismo russo consistia na utilização de elementos formais que não se alteram e são passíveis de análise. Apoiado pela linguística e revigorado pelo estruturalismo, o formalismo objetiva compreender as funcionalidades dos elementos linguísticos e possui em sua concepção a linguagem como um sistema de significação constituído por elementos que se relacionam (Eagleton, 2006). O período de desenvolvimento da narratologia coincide com o de ascensão do estruturalismo francófono e se torna a referência basilar nas construções de metodologias para o paradigma do arquétipo das narrativas. Pensar na universalidade estrutural da narrativa literária, enquanto composta por um conjunto de elementos possíveis de serem aplicados à maioria dos textos narrativos, foi uma tarefa imbuída inicialmente à narratologia, que desenvolveu análises metodológicas das formas das narrativas com pilares, principalmente, nas teorias de estudiosos do formalismo russo e do estruturalismo francês. A partir da compreensão de que o estruturalismo apreende o texto como um sistema constituído por elementos que estabelecem relações entre si em uma rede de dependência mútua, a narratologia se desenvolve propondo categorias analíticas, elementos metodológicos, aplicáveis a todos os textos. Ao considerar os textos como as representações de mundos possíveis linguísticos e sensoriais, para Gérard Genette (1972), os personagens, as ações, o tempo e o espaço são tidos como os principais elementos para a construção textual das narrativas. Contudo, devemos nos ater também ao narrador, o agente integrado ao texto, responsável pela perspectiva generalista da narrativa e pela narração do mundo representado.

Fundamentais nas narrativas, os personagens podem ser apreendidos como signos ou referências de significação construídos nessa. Enquanto referências de significações, estes são potencializados por suas características, e enquanto signos narrativos, esses são estruturados em relação à sua funcionalidade e relevância, em diferentes graus, assumindo figuras arquetípicas como a do herói, anti-herói, vilão etc. Com a perspectiva semelhante de Genette, Monika Fludernik (2009) destaca a existência de personagens com características antropomórficas; mesmo que esses sejam animais, eles possuem traços considerados humanos, ancorados em localizações temporais e espaciais que ocasionam sucessões de eventos e realizações de ações com objetivos específicos. As ações geralmente envolvem mais de um

personagem e correspondem às sequências de acontecimentos ou atos que possuem início, meio e fim no decorrer da narrativa, integrando as relações com o tempo e o espaço.

Ao devir temporal é atribuído o estatuto de evento diegético, podendo ser associado tanto aos planos temporais dos relatos narrativos (i.e da enunciação e do enunciado) quanto ao plano temporal da história. O tempo da história, apoiado no mundo concreto da matéria, valoriza o ato cronológico guiando a narratividade e a periodicidade através de ações concatenadas no vivido. O tempo do enunciado corresponde ao modo como o tempo da história pode ser elaborado por meio de estratégias e perspectivas narrativas, adquirindo com isso sentidos ficcionais. Por sua vez, o tempo da enunciação do discurso diz respeito ao narrador, e ao seu posicionamento temporal em relação à história que anuncia. Dito de outra maneira: o tempo cronológico da história está relacionado à dimensão do espaço concreto; e este, sendo uma categoria pluridimensional, é criativamente reorganizado e trabalhado pela dinâmica da narrativa, isto é, tanto pelo plano do enunciado quanto pelo da enunciação.

Por sua vez, ao elemento espaço na narratologia é associado comumente a funcionalidade de recurso cenográfico das ações. Contudo, esse abrange atmosferas sociais e psicológicas, devido às suas estruturações por meio da linguagem, e possui articulações funcionais com os demais elementos narratológicos, possibilitando a apreensão de representações sociais e de determinadas épocas. Da mesma forma que se distinguiu o tempo da história, do discurso enunciado e o da enunciação, há também de se considerar a existência de determinadas características nos planos espaciais na construção da obra, isto é: o espaço percorrido fisicamente (o plano espacial da história), pode ser articulado de diversas maneiras enquanto espacialidade discursiva pela ficção, constituindo o plano da enunciação (onde se localiza o narrador) e do enunciado (como aparece ordenado na malha textual, e que de modo algum precisa de seguir as lógicas do concreto e da diegésis, adquirindo rearranjos que trazem sentidos à narrativa).

O espaço pode ser compreendido para além de ser apenas um cenário onde os enredos e as ações dos personagens acontecem, elemento inerente da trama e da construção de significado em uma narrativa. O elemento espaço na narrativa pode: construir a atmosfera da narração; ser utilizado como um caracterizador da personalidade dos personagens; ser utilizado na organização da estrutura da narrativa, com diferentes locais representando diferentes estágios ou partes da história, proporcionando a criação de um senso de progressão e desenvolvimento na trama; ou ser simbólico, representando ideias abstratas ou temas da narrativa. Os personagens e suas composições, o espaço e suas diversas representações, as ações em suas

variedades são elementos em consonância com o tempo, com a perspectiva narrativa e com o narrador (Reis, 1988).

A narratologia examina as relações de interdependência entre os elementos narrativos e suas funções, proporcionando a compreensão da construção textual. A literatura na narratologia é apreendida como um sistema narrativo composto por elementos que desempenham funções específicas no texto e que estabelecem relações entre si e a partir da categorização de cada um desses, alcançamos a possibilidade de elucidar como são estabelecidas as dependências mútuas (Reis, 1988). A compreensão das relações entre os elementos narrativos não apenas aprimora a análise literária, mas também enriquece a experiência do leitor. Ao perceber como os personagens, enredo e cenário se entrelaçam, os leitores podem apreciar a complexidade da narrativa e a habilidade do autor ao criar mundos por meio da linguagem. Através destas conexões são expressos temas, mensagens e interpretações, convidando os leitores a explorar camadas mais profundas da narrativa, como aspectos simbólicos de uma comunidade em determinado tempo e espaço.

Destacamos a abordagem indissociável entre os elementos tempo e espaço apreendida por Mikhail Bakhtin (1998) como conceituação do termo cronotopo. O cronotopo bakhtiniano é a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas na literatura. Sabemos que é inevitável que o artista seja influenciado pelo tempo-espaço em que vive e que esta influência se manifeste em sua produção. Contudo, devemos ter em mente que este influxo cronotópico pode ser articulado de diversas maneiras, algumas delas, as quais Bakhtin categoriza como: i. histórico, que se refere a um período histórico específico; ii. pessoal, relacionado a trajetória e experiência de vida de um personagem específico a partir de memórias, perspectivas individuais; iii. social, relacionado as dinâmicas sociais e culturais; isto é, aos aspectos simbólicos. Há narrativas que, para o teórico, conseguem melhor performar o seu próprio cronotopo, recriando-o esteticamente na obra e, principalmente, articulando o desenvolvimento do personagem com o seu tempo-espaço. O cronotopo não se refere apenas à dimensão física e temporal da narrativa, mas também as implicações culturais, sociais e históricas presentes nessa representação; e abrange não apenas a localização geográfica e a duração dos eventos, mas também os valores, as crenças e as relações sociais que são manifestados na interação entre tempo e espaço.

Utilizando como pilar criativo o território e as paisagens do sertão mineiro, João Guimarães Rosa ficcionalizou referências contidas em sua memória e em seus escritos, constituindo um universo diegético próprio que, por sua vez, inscrito como cronotopo do plano discursivo acaba sendo lido, interpretado e possibilita ser reapropriado pelos leitores, que no

caso de seus conterrâneos, que habitam o referencial inspiracional, realizam o caminho inverso e se servem deste plano discursivo das obras rosianas para ressignificar o seu mundo concreto e cotidiano, fazendo um processo de retroalimentação, em que o mundo cria a escrita da obra e essa quando lida recria o mundo. Guimarães Rosa, enquanto um projetista literário, realizando o inventário territorial e paisagístico do sertão mineiro, pode ser exemplificado como um autor que utilizou a mimese e a intertextualidade em benefício da sua criação literária, ao referenciar a paisagem na construção de suas narrativas e utilizar de subsídios como cartas e diários de viagens que lhe serviram como enunciados. Estímulos reais que foram proporcionados por meio da observação e de descrições detalhadas do ecossistema, por incursões locais como a viagem de dez dias pelo sertão mineiro e também por meio de lembranças, com os envios de cartas e as conversas com seus familiares do período no qual viveu nesta região, assunto que iremos tratar no capítulo 3.

Compreender o que é a literatura exige a revisão de teorias que podem proporcionar a sensação da obviedade, contudo, nesta seção, visamos apresentar uma síntese das conceituações teóricas da literatura, de modo que, para a continuidade deste estudo, possamos pensar em compreendê-la menos como uma qualidade que somente certos textos possuem, ou um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos, e mais como as diferentes formas com que as pessoas se relacionam com a escrita, de modo proporcional ao que essas pessoas fazem com a escrita ou o que a escrita faz com elas (Eagleton, 2006), mantendo um exercício com a linguagem que nos permita traçar investigações acerca da recepção literária. Para que isso ocorra, iremos destinar, na próxima seção, maior atenção para o elemento espaço, de modo específico para a categoria espacial paisagem, e seus desdobramentos transdisciplinares na literatura e na geografia.

O espaço na literatura desempenha um papel importante na criação do desenvolvimento dos personagens e na progressão da trama, como já citado anteriormente. A representação do espaço no texto literário pode ser apreendida a partir de atribuições físicas, em que são realizadas suas descrições e a esse é atribuído a função de cenário, local no qual ocorre a contextualização das ações dos personagens em trânsito ou que permanecem nesse. O espaço no texto literário também pode ser representado em consideração às conjunturas sociais, econômicas, culturais, políticas ou ainda na amplitude do léxico espacial, com destaque para as categorias como a paisagem, o lugar e o território. Um dos riscos e constâncias em se abordar o espaço na literatura é compreendê-lo e tratá-lo apenas como um referente geográfico de cenário para o desenvolvimento da narrativa. Contudo, os cenários de uma narrativa podem ser muito mais do que recursos estéticos para os acontecimentos ao moldar as ações, motivações e

percepções dos protagonistas, assim como podem reverberar e impactar no espaço extraliterário influenciando no planejamento e criação de paisagens ou fazer com que leitores se sintam atraídos em conhecer os possíveis lugares da narração.

João Guimarães Rosa tinha como característica em sua linguagem a habilidade em abordar a temática espacialidade através da representação de aspectos da fauna, da flora e da sociabilidade do sertão mineiro nas obras. A sua conexão com o território sertanejo influenciou suas produções literárias, proporcionando a imersão dos leitores em um sertão cheio de desafios, marcado pela aridez do clima, a pobreza, a violência, a riqueza cultural, as vastidões da paisagem, histórias e lutas existenciais de personagens. Rosa não apenas descreve o sertão, mas o recria, proporcionando uma experiência sensorial que evoca a dureza da vida e as riquezas culturais deste território. Outro aspecto importante da representação do sertão mineiro por Guimarães Rosa é a incorporação de elementos simbólicos em suas narrativas, explorando superstições e tradições populares locais, que permitem transcender a mera descrição geográfica e mergulhar nas profundezas da psique dos sertanejos.

O autor utiliza a mimese para criar a diegese de suas obras de modo poético e criativo, possibilitando aproximar os leitores do cotidiano do sertão mineiro. Sua habilidade em utilizar a mimese para criar diegeses nas obras encontra-se evidente: i) nos dialetos dos personagens, reproduzindo a forma com as pessoas se expressavam na região; ii) na criação de um léxico; iii) por meio da meticulosidade nas descrições dos ambientes com detalhes sobre os buritizais, os rios, o cantar dos pássaros, animais e plantas no geral; iv) na criação de personagens que vivem os complexidades do mundo real como doenças e conflitos internos e; v) abordagem das perspectivas sobre a vida e morte, a crença e a fé. O sertão mineiro se torna uma das referências e características do autor, tangenciando o real, a natureza e o imaginário.

A mimese, que remonta à filosofia aristotélica e denota a imitação da realidade na arte, desempenha um papel fundamental na construção da diegese, ou seja, do mundo narrativo. Como ferramenta basilar do desenvolvimento da criatividade, a referência mimética é fundamental na criação de ambientes, personagens e enredos dentro da diegese de uma obra literária, possibilitando aos autores o poder de transportar leitores através das palavras para locais específicos com uma atmosfera autêntica. A mimese permite que o autor crie uma diegese verossímil, estabelecendo um contrato tácito com o leitor, através do texto, e convidando-o a se envolver com o mundo literário em sua recepção. No entanto, essa relação não é unidimensional, pois a subjetividade do leitor desempenha um papel importante na interpretação da mimese. A relação entre a mimese e a criação da diegese nas obras de Guimarães Rosa é particularmente notável quando se observa o elemento espaço. O autor utiliza

a mimese para representar os espaços diegéticos com riqueza de detalhes que se tornam elementos centrais das narrativas, moldando o curso dos eventos nos textos e influenciando as experiências dos personagens. Estes personagens frequentemente se relacionam intimamente com o espaço em que vivem e suas interações com este ambiente revelam traços de suas personalidades e motivações.

Sarapalha, como exemplo, é um conto lúgubre que explora as temáticas da morte, solidão, traição, doença e agonias dos personagens Primo Ribeiro e Primo Argemiro, que foram diagnosticados com malária. A natureza e a paisagem são descritas no conto como se estivessem paralisadas no tempo: com casas abandonadas e habitadas por morcegos e o capim tomando conta da rua, são exemplos de alguns dos registros de um povoado fadado aos seus resquícios da habitação humana. A ausência da localização geográfica do povoado torna evidente as consequências ocasionadas pela doença, conferindo ao local um caráter de ostracismo e de não existência. Isolados do mundo, o vau de Sarapalha não possui uma continuidade cronológica e os Primos são descritos como se fossem parte desta natureza abandonada e devastada, sendo a causa e a consequência de suas solidões. O tempo no conto é demarcado por ações da natureza, seja pelo caminhar do sol, nas ações rotineiras dos animais ou os sintomas da doença que ocorrem rotineiramente, como por exemplo “[...] a febre serve de relógio” (Rosa, 2016-e, p.149). A literatura dando formas aos sentimentos e as perspectivas acerca do mundo (Candido, 2011), consegue esboçar a visão e a apreensão de determinados períodos pelos textos. Guimarães Rosa, com o conto Sarapalha, traz à tona a discussão da relação do homem com o mundo, que se encontra acometido pela malária e a história de um povoado vai sendo relatada através do texto, em que memórias individuais e coletivas são expostas. Transfigurando a realidade, o espaço, a natureza e o homem no conto perpassa pelo viés socioecológico no qual podemos considerar o indivíduo como um elemento da natureza que vivencia um difícil período decorrente da degradação de sua vida e do meio no qual vive.

Realizar apreensões e análises acerca do espaço e da paisagem em que determinadas obras são contextualizadas, podem ser consideradas maneiras de aproximar a ancoragem paisagística do autor enquanto sujeito social àquela ficcional trabalhada em sua criação. As relações entre a ficção e a realidade, ou o texto e o mundo, podem, por exemplo, ser estabelecidas sobre a mimese aristotélica, como forma das representações das ações humanas por meio da linguagem escrita, à maneira que se constroem e habitam o mundo. Contudo, Compagnon (2010, p.107), nos alerta que “[...] não é nunca o próprio real que é descrito ou visto, mesmo quando se trata do Novo Mundo, mas sempre já um texto feito de clichês e de estereótipos”, em que as referências podem ser compreendidas como códigos em perspectivas

de citações, sendo substituídas pelo conceito da intertextualidade. Devemos nos lembrar que este autor também é um receptor de textos dotado de seu horizonte de expectativas e repertório, utilizando de subsídios intertextuais. Kristeva (1974), ao utilizar o termo intertextualidade, com base no dialogismo bakhtiniano, designa o diálogo entre os textos em que um absorve e transforma o outro, criando uma relação de enunciados entre si como referências. Para que se faça referência a algo, é necessário que esse exista em algum plano para que a linguagem possa se referir a ela. A partir destas duas perspectivas iniciais, apreendemos que o texto ficcional recria e representa a realidade por meio de construções enunciativas que possuem alguma relação social, cultural e temporal.

Mas, não só isto, porque para além do plano discursivo, podemos falar de um plano paisagístico-literário como referencial vivido historicamente por um escritor que, muitas das vezes, inspira-se nele para construir seu cronotopo histórico-diegético manifesto em sua obra. Nos fundamentos postulados pelo geógrafo Milton Santos (1999), esse evidencia que os mesmos objetos podem dialogar com diferentes disciplinas, porém os métodos utilizados permitirão que sejam construídos sistemas intelectuais que abordarão analiticamente uma realidade a partir de determinado ponto de vista. A discussão sobre a representação do espaço na literatura serve como uma introdução para a próxima seção do capítulo, que abordará a intersecção entre geografia e literatura. Em síntese inicial podemos associar que o interesse da geografia pela literatura surge com as representações das características físicas da superfície terrestre e das relações humanas sobre essa, nos textos literários. Assim, as narrativas passam a ser apreendidas como forma de complemento das pesquisas geográficas quando destina sua atenção à categoria espacial, passando essa a ter uma funcionalidade informativa, de descrições e relatos sobre os lugares, as condições humanas e as relações dos seres humanos com a Terra (e outros mundos), como forma de existência e de destino. Com o decorrer do tempo, as perspectivas e concepções sobre as relações entre os seres humanos e a superfície terrestre passam por mudanças e requerem a realização de adaptações teóricas proporcionais às demandas sociais específicas de cada período, de cada área de estudo e de cada localização. A representação do espaço nas obras literárias demonstra como a geografia e a literatura podem estabelecer relações discursivas que desempenham um papel importante na construção da diegese e da extradiegese.

2.2 AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

Construindo diversas relações e representações de acordo com o período e com cada sociedade, os conceitos das categorias espaciais vão apresentar diferentes definições, de acordo com suas áreas referenciais, ressaltamos que este estudo não possui o anseio de causar o esgotamento ou validação comum para suas aplicações teóricas e analíticas, mas, sim, explicar de modo sintetizado as contextualizações de sua polissemia e realizar um análise teórico-crítica que se aplique ao nosso objeto de estudo. Ao destacarmos o conceito geográfico de espaço na teoria da literatura, como um elemento instrumental narrativo e uma forma de expressão de valores e significados, começamos a construir os diálogos mais específicos entre literatura e geografia. Porém, em termos conceituais, as distinções e hierarquizações destes termos ocorrem por intermédio da geografia, enquanto disciplina. Desta forma, faz-se necessário melhor compreender o conceito de espaço e suas categorias pelo viés geográfico antes de associarmos com o literário.

Nas abordagens que envolvem a análise do espaço, esse por diversas vezes é apreendido a partir das mudanças e configurações que ocorrem no mundo, de modo que são estabelecidos nos discursos as relações entre o tempo e o espaço (o que quando aplicado à narratologia literária nos remete às dependências cronotópicas já mencionadas na seção 2.1).

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, [...] a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. [...] Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (Santos, 1979, p. 42-43).

Para o geógrafo Milton Santos (1999), o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, uma condição de inseparabilidade híbrida conjugando forma e conteúdo; coisas e ações; processos e resultados; espaço e tempo que se integram constituindo relações espacialmente distribuídas, originando significados e sentidos a partir das práticas sociais. Os espaços geográficos, segundo Gomes (2002), possuem três características que os definem: i) extensão física concreta, material, substantiva; ii) são compostos pela disposição das coisas e as ações ou práticas sociais; iii) a disposição das coisas materiais possui uma lógica ou coerência. A partir destas postulações, podemos elucidar que certas ações são determinadas

pelas características do espaço físico, ou seja, a organização espacial traça as possibilidades de atuação dos seres lá presentes (de passagem ou instalados), contudo também devemos ressaltar que o ser humano pode moldar o espaço para que este seja propício a certas atuações e relações que deseja estabelecer.

A tangibilidade dos espaços geográficos proporciona a realização de análises e compreensões de fenômenos e organizações que ocorrem nesses, destacando a interação entre os elementos físicos e as atividades humanas. Os elementos físicos do espaço geográfico estão, de modo intencional ou involuntário, organizados e interconectados a partir da influência de diversos fatores, sejam estes culturais, sociais, econômicos e topográficos. A percepção destas estruturas e consistências possibilitam realizações de análises espaciais identificando padrões, tendências e diferenças nos espaços geográficos. Assim, podemos apreender que as características espaciais incluem sua extensão, sua composição por elementos materiais e atividades sociais, bem como a presença de uma lógica ou coerência na organização e planejamento.

O espaço na literatura e a literatura no espaço estão intrinsecamente ligados, respectivamente, à ficcionalidade e ao real-concreto. Enquanto a literatura usa o espaço como um elemento fundamental na construção narrativa, a recepção dessa pode reverberar no espaço real, ocasionando na criação dos espaços literários físicos. Estes espaços literários físicos são ambientes dedicados à literatura e ao seu universo, como livrarias, bibliotecas, cafés literários, centros culturais, festivais literários, casas de escritores, caminhos percorridos por personagens que configuram em criação de rotas literárias. Desta forma, o texto ficcional pode tangenciar e interceptar o espaço real, por meio da construção de um ambiente paisagístico, impactando na cultura de determinado território.

A partir do momento que são atribuídos valores ao espaço, através das ações e vínculos afetivos que passam a lhe significar, segundo Yi-Fu Tuan (1983), esse se transforma em lugar. O lugar pode ser apreendido como um local de articulação, uma rede, essencial para as relações humanas, estando impregnado de valores simbólicos e de significados. Esse e suas possibilidades existentes pode ser apreendido de modo conceitual como a base fundamental para a existência humana, como local da experiência e do significado (Holzer, 2003). O lugar é o viver, o habitar, consumir, o trabalhar, o entreter, o lazer e o prazer, fundamentando-se como o pilar da existência e experiência humana em escala cotidiana a partir de identidades significativas e atividades imediatas. Esta categoria pode ser apreendida, então, como a focalização do espaço em torno da experiência; e qualificada como uma construção sócio-

histórica por meio de suas formas materiais e não materiais, representando a funcionalização do mundo (Cabral, 2007).

Na perspectiva da geografia humanista (homem-natureza), o elemento lugar é apreendido como a base da existência humana, onde são realizadas ações intencionais e focalizadas dotadas de simbolismo e significados, objetivando ser uma localização específica dentro de uma espacialidade mais ampla. Para o geógrafo Milton Santos (1999), a ordem global tenta criar um espaço homogeneizado, porém os lugares contra argumentam esta homogeneização por meio das culturas e formações sociais cotidianas, colocando os seres humanos como sujeitos espaciais e históricos. Podemos levantar a hipótese de que talvez esta contrapartida seja o que faz as sociedades construírem seus ambientes de modo diferente das outras, para irem na contramão da homogeneização e, assim, criarem sua identidade.

O elemento lugar na literatura pode ser associado ao termo lugar literário, que é utilizado para descrever um local específico que se torna icônico ou reconhecido dentro do contexto literário, sendo representado de forma expressiva, tornando-se emblemático ou significativo para a compreensão de uma obra ou para a própria história da literatura. Um lugar literário pode ser uma cidade, uma região geográfica, um edifício, uma paisagem natural ou qualquer outro tipo de localidade. Quando o lugar literário no texto existe no mundo real, como uma cidade conhecida, ele pode criar um senso de familiaridade e conexão com o leitor, tornando a narrativa mais tangível. Em contraste, lugares literários imaginários permitem que o autor explore mundos únicos e fantásticos. O lugar literário extratextual refere-se ao reconhecimento de locais reais ou geográficos que possuem relação com o literário. Estes lugares podem ser quaisquer pontos referenciados no mundo concreto e que foram retratados em obras ou que possuem alguma relação com o autor e, como resultado, adquiriram importância cultural ou histórica. Esses podem ser considerados mais do que pontos geográficos e serem apreendidos como pontos de convergência entre a criação artística e a realidade, trazendo consigo uma carga simbólica e emocional que transcende a localização.

Compreender o elemento geográfico lugar e seu desdobramento na literatura, com os lugares literários, possui relevância de abordagem em relação a recepção literária, pois permite que sejam realizadas análises mais abrangentes dos impactos e influências da literatura sobre os leitores e seu ambiente circundante. Ao considerarmos os lugares literários como efeitos da recepção podemos apreender e construir hipóteses de como a literatura é recebida, interpretada e internalizada pelos leitores, e não leitores, e como ela se molda na construção de identidades individuais e coletivas de uma sociedade. Aprender sobre o lugar literário permite investigar como a literatura transcende a página escrita e afeta o comportamento e as experiências dos

leitores no mundo real ao: i) explorar como a localização geográfica, histórica e cultural dos leitores podem resvalar na forma como esses e os cidadãos, leitores ou não, se relacionam com a literatura; ii) assimilar como estes receptores possuem afinidade com os espaços dos textos que se assemelham aos seus locais de vivência ou visita; iii) construir imaginários e memórias coletivas de uma sociedade; iv) impactar na vida cotidiana dos leitores ou moradores de um lugar que recebe visitantes por ter sido mencionado ou ser referências de obras.

A representação de determinada porção da superfície terrestre, concreta ou abstrata, que está sob posse e é ocupado pelo ser humano, pode ser apreendida como o conceito da categoria geográfica território. Para apreender a noção de território devemos refletir acerca do poder destinado ao controle e à gestão do espaço. A territorialidade seria uma estratégia para delimitar o controle sobre uma área geográfica. Os territórios não possuem uma dimensão fixa, sendo que vários territórios podem ser apropriados simultaneamente pelo mesmo agente, representando campos de forças em redes de relações sociais projetadas no espaço. Assim, esta categoria geográfica pode ser compreendida como apropriação do espaço por indivíduos, privilegiando o poder estado-nação e também como um espaço multidimensional coexistente de diversos agentes ao mesmo tempo em uma extensão do espaço físico (Cabral, 2007).

O território na literatura pode se referir: i) a um espaço físico e geográfico específico, como uma cidade, um país, uma região ou até mesmo um ambiente natural; ii) à noção de identidade e pertencimento; na formação da identidade dos personagens e autores ao refletir sobre suas origens, culturas e experiências de vida com uma conexão profunda com seu local de origem e ao explorar as complexidades de pertencer a um lugar específico; iii) à como o controle de um determinado território influencia nas relações de poder, sendo abordados em obras que retratam a cultura ou a história de uma determinada sociedade através das características presentes nos enredos, dos personagens ou no estilo de linguagem. A literatura no território real se refere à maneira de como essa interage e influencia o mundo concreto, fornecendo uma perspectiva singular das experiências e vozes presentes nesse território em particular.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territorializa' o espaço. [...] Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (Rafestin, 1993, p.143-144).

A territorialização é um ato deliberado e significativo que transforma o espaço em algo mais do que uma extensão física, atribuindo-lhe identidade e sentido, através das relações culturais, sociais, políticas e econômicas. A apropriação do espaço pode ocorrer de maneira concreta, envolvendo a ocupação física e a transformação de um local, ou de maneira abstrata, através da representação e da atribuição de significados simbólicos. Ambas as formas de apropriação são ressaltadas como relevantes para a territorialização e isso destaca que o território pode ser criado tanto na realidade física como na esfera das ideias e representações, carregando traços das ações e intenções dos atores. O sertão mineiro de Guimarães Rosa, mais do que um espaço geográfico é um lugar de contrastes entre o real e o imaginário, o sagrado e o profano coexistem compondo o território marcado pela pluralidade de relações sociais e simbólicas. A relação do autor com o território é uma das características distintivas de sua literatura, transcendendo as descrições geográficas e aprofundando nas camadas de significados culturais e simbólicos associados ao território sertanejo.

Direcionando nosso olhar para o contexto ocidental, a noção de paisagem ganha destaque no século XV com a sua valorização como espetáculo estético por meio da pintura, induzindo ao contemplar da natureza como uma busca pelo prazer. Com a valorização estética da representação de determinado recorte espacial visível, sendo expresso nos quadros de pintores entre os séculos XV e XVIII, surge a noção e discussão sobre a paisagem no ocidente associadas à representação do lugar. A realização de pinturas e o interesse por essas é o esboço da construção de novas perspectivas da sociedade, que vão além de considerar as paisagens, apenas, como referências espaciais comparativas ou objetos de observação e contemplação no ambiente no qual vivem. A natureza por meio da pintura começa a ser introduzida em um contexto cultural e discursivo, originando e estimulando discussões filosóficas, teóricas, coleções de quadros de outros locais e grandes viagens pelo mundo que passam a expressar a demanda de um novo fenômeno social que visa analisar, comparar e entender a relação entre espaço e sociedade por meio da paisagem.

Enfim, quando nos referimos as paisagens, são acionadas as perspectivas subjetivas que são atribuídas pelas percepções cognitivas individuais ou coletivas referentes ao ver, ouvir, lembrar ou sentir. Todavia, essa sensibilidade depende e se projeta em um mundo físico em que são aferidas associações objetivas que possuem relações com os aspectos materiais e concretos do espaço. É este confronto entre o físico e o simbólico que nos permite falar de uma polissemia interpretativa em torno do conceito de paisagem. Entretanto, se levarmos em conta que a paisagem se trata, a grosso modo, de uma porção do espaço apreendida com o olhar, é preciso lembrar que o processo perceptivo não se limita a receber passivamente os dados sensoriais,

mas os organizar para lhes atribuir sentido. Portanto, a paisagem percebida é também construída e dotada de significado. Desse modo, podemos apreender a paisagem como a coexistência de objetos e formas em sua face sociocultural, como um conjunto de formas naturais, construídas e culturais em uma determinada área do nosso campo de visibilidade. Quando percebida por nós é convertida em um campo de significação individual e coletiva, podendo ser considerada como narrativa que serve a uma multiplicidade de leituras.

As relações entre a paisagem na literatura e a literatura na paisagem são bidirecionais, de modo que a literatura influencia a maneira como percebemos e interpretamos a paisagem ao proporcionar uma compreensão mais profunda dos espaços físicos, de suas implicações emocionais e simbólicas. A paisagem real também pode inspirar a literatura como referência fornecendo apreensões de cenários, contextos históricos e elementos visuais que enriquecem a construção narrativa. A abordagem da paisagem na literatura refere-se à forma como a literatura representa e descreve os espaços físicos, sejam eles naturais ou construídos, indo além de uma simples descrição visual, aprofundando-se em aspectos simbólicos, cognitivos e de interações entre personagens e ambiente. A literatura na paisagem, por sua vez, aborda a relação entre a literatura e o espaço físico real a partir da interação entre obras literárias e o ambiente em que são criadas, lidas ou interpretadas. Isso pode incluir a realização de eventos literários em locais específicos, como leituras ao ar livre, performances teatrais em espaços públicos ou a escolha de cenários literários para ações promocionais.

A linguagem desempenha um papel fundamental na maneira como percebemos e compreendemos a paisagem, como um texto a ser escrito, lido e interpretado em busca de significados, simbolismo e narrativas que podem encontrar-se ocultas. As descrições literárias, os relatos históricos, os poemas, as obras de arte, os mapas e até mesmo as conversas informais são formas de linguagem utilizadas para descrever e representá-la. A paisagem literária possui elementos que podem ser interpretados e decodificados por meio de características físicas, como a topografia, a vegetação e estruturas arquitetônicas. Por exemplo, uma casa tombada pode representar a história e a identidade de uma comunidade ou uma vegetação específica pode evocar sentimentos e lembranças, de modo que esses elementos paisagísticos podem ser compreendidos como símbolos que comunicam uma narrativa ou uma mensagem. Da mesma forma que utilizamos a gramática, a semântica e a sintaxe para construir frases e expressões, a paisagem também possui suas próprias regras e estruturas. Ela possui uma organização territorial, uma estética e uma lógica interna que podem ser interpretadas e compreendidas. Assim como uma mensagem precisa de um emissor e um receptor para ser compreendida, a

paisagem requer um observador que interprete e atribua significados aos elementos presentes nela, seja por meio da experiência subjetiva do observador, suas memórias e conhecimentos.

De acordo com Jean-Marc Besse (2014), a paisagem pode apresentar cinco principais abordagens conceituais, sendo que essas não são excludentes: i) a paisagem como uma representação cultural e social (daí sua aproximação com a linguagem, inclusive a literária); ii) como um território produzido pelas sociedades na sua história; iii) um complexo sistêmico (articulando elementos naturais e culturais); iv) um espaço de experiências sensíveis; e v) um local de contexto de projeto. Destinamos nossa atenção neste estudo à compreensão das portas i) e ii), que apreendem as paisagens como representações culturais e sociais e como territórios produzidos. Compreendendo a paisagem como o pensamento e a percepção que os indivíduos possuem dela, essa passa a ser considerada relativa à dimensão mental do ser humano em seus aspectos culturais e sociais.

A paisagem é uma interpretação, uma "leitura" (Alain Corbin) ou, ainda, a expressão de certo tipo de linguagem. Não existe em si, mas na relação com um sujeito individual ou coletivo que a faz existir como uma dimensão da apropriação cultural do mundo. A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior (Besse, 2014, p.13).

A paisagem pode ser considerada não só um fenômeno físico, mas também uma construção social e cultural que reflete as interações entre a sociedade humana e o ambiente. Ela incorpora elementos simbólicos e significados atribuídos pelos indivíduos e grupos que a habitam. Através desses elementos culturais e sociais, a paisagem se torna uma expressão e uma representação da identidade, das relações de poder, dos valores estéticos e das narrativas históricas de uma determinada sociedade. A interpretação da paisagem como uma representação cultural e social permite compreender como os lugares são vividos e percebidos, como a identidade coletiva é incorporada na paisagem e como os valores culturais são manifestados no ambiente construído e natural. Essa existe a partir do momento que se estabelece a relação entre o ser humano, tanto de modo individual como coletivo, e a materialidade espacial, seja por meio da percepção, do pensamento ou do que apreendem do que dizem sobre essa ocasionando na representação e expressão da linguagem paisagística. A paisagem é a linguagem que expressa os olhares, valores e culturas; “[...]é como um texto humano a ser decifrado, como um signo ou um conjunto de signos mais ou menos sistematicamente ordenado, como um pensamento oculto a ser achado por trás dos objetos, das palavras e dos olhares” (Besse, 2014, p.21). Essa deve ser

compreendida a partir de abordagens que a percebam como portadora de significados, interpretações e como uma construção cronotópica, espaço-temporal, que pode ser lida.

Como lugar de intervenções humanas na natureza, a paisagem para além de ser considerada um território fabricado e organizado, possui funcionalidades afetivas e sociais para uma comunidade. Considerando que a sua percepção não ocorre do mesmo modo para todos os indivíduos, cada um realiza uma leitura dessa, potencializando seus aspectos naturais ou humanizados que passam por um processo de subjetividade que podem ou não serem comuns para cada indivíduo. Aprender a paisagem como um território fabricado e habitado permite compreender a complexidade das interações entre as ações humanas, as estruturas físicas e as práticas sociais na configuração da paisagem.

Em síntese, as conceituações das categorias espaciais geográficas em relação com a literatura permitem-nos compreender que o espaço literário refere-se ao ambiente simbólico criado pela póstica que transcende as fronteiras físicas e transporta os leitores para novos universos narrativos. O lugar literário, por sua vez, está relacionado a locais específicos que possuem relações com obras, personagens ou autores, sejam eles reais ou ficcionais. Já o território literário engloba uma extensão geográfica mais ampla, na qual múltiplos lugares literários estão conectados, formando uma rede de referências e influências mútuas. Por fim, a paisagem literária é a resultante da interação entre a literatura e o espaço geográfico, incorporando tanto os lugares e os territórios literários, quanto a representação simbólica da literatura no espaço. Além disso, a compreensão destes conceitos permitem mapear e estudar as paisagens e lugares literários em um determinado território e compreender como as narrativas podem fomentar a construção da identidade cultural e a memória coletiva de uma sociedade, análises que objetivamos desenvolver nos capítulos 2 e 3 relacionando os efeitos da recepção da literatura de Guimarães Rosa em Cordisburgo a partir da análise da paisagem.

A paisagem de um escritor não se reduz a qualquer um dos lugares onde ele viveu, viajou ou trabalhou. Ela não é uma composição mais ou menos sutil desses referentes geográficos e biográficos, mas a construção de significados produzidos pela escrita. A partir do momento que é implantado sentido naquilo que não possuía, toda percepção e toda pressuposição de ação, torna-se suscetível à uma linguagem, vinculando a experiência sensível à criação artística e literária. Ao falar da paisagem literária a propósito de um escritor, inicialmente considera-se que a criação literária tenha alguma relação com o visível e com a experiência do sensível. Considerando que a percepção constrói a paisagem, "é pela sensação que tudo começa[...] no coração, o escritor procura em todos os sentidos sua paisagem verdadeira." (Collot, 2013, p.56).

Sendo esta paisagem construída por aquilo que impacta o indivíduo de modo positivo ou negativo, revelando a sua identidade ao mesmo tempo que constrói seu universo. A paisagem, como um espaço de intervenções humanas na natureza, além de ser um território fabricado e organizado, como já mencionado anteriormente, deve suprir as necessidades afetivas e sociais de uma comunidade. Transcendendo o vínculo organização e paisagem, essa é considerada também um local de memória, já que rastros e eventos acontecem constantemente sem que sejam esquecidos ou apagados por completo, como em um palimpsesto. Mas, e quando uma sociedade-concidadã de um escritor se apropria de suas narrativas espaciais e paisagísticas ficcionais e as utiliza como referência na construção sociocultural de seu cotidiano?

A paisagem cotidiana de Cordisburgo pode ser aprendida como a configuração de um mosaico de referências à Guimarães Rosa e à sua produção literária. A polissemia dos textos permite que a sociedade interprete e se aproprie das narrativas do escritor e de seu legado, reconfigurando-os no espaço físico cotidiano do município por meio de transformações e absorções como, por exemplo, citações pelos muros da cidade, nomes de estabelecimentos e instituições, tradução intersemiótica no Portal Grande Sertão e entre outras referências (que serão explanadas no capítulo 2), construindo um território e paisagens associadas ao literário. A paisagem, enquanto território fabricado e habitado, é uma linguagem que expressa os olhares, valores e culturas dos sujeitos, correspondendo a uma relação de sociedade-território por meio da experiência de estar no espaço. Por mais que se considere os aspectos culturais ao observar e construir esta paisagem, devemos também nos ater e considerar sua objetividade prática material e espacial como reflexo das possibilidades de satisfações afetivas e sociais, para a existência e permanência do ser humano naquele local. Para Besse:

[...] o valor paisagístico de um lugar não é considerado unicamente do ponto de vista estético (embora também seja), é considerado mais em relação com a soma das experimentações dos costumes, das práticas desenvolvidas por um grupo humano nesse lugar (Besse, 2014. 27).

O teórico Besse enfatiza o valor da paisagem para além da apreciação estética, como beleza visual, ressaltando a importância das experiências culturais e experiências práticas desenvolvidas por um grupo humano no local: “[...] essa abordagem teórica concebe a paisagem como uma produção cultural, mas considera a cultura nos níveis material e espacial, isto é, a cultura encarnada em práticas, obras e produções de todo tipo” (Besse, 2014, p. 29). A cultura manifesta-se na paisagem não apenas como um conceito abstrato, mas como uma realidade material e espacial incorporadas nas práticas cotidianas que deixam marcas visíveis. Isso

significa que as tradições, os valores e os costumes de um grupo deixam vestígios, seja por meio de construções, monumentos, festivais ou mesmo na organização espacial. Assim, podemos compreender que a paisagem é o reflexo das experiências e práticas de um grupo humano em um lugar específico, indo além da mera estética e incorporando a cultura de maneira material e espacial. Esta perspectiva tem implicações na forma como abordamos e valorizamos a paisagem, reconhecendo a importância de preservar e celebrar a identidade cultural de uma comunidade.

As paisagens possuem diferentes significados e é o indivíduo que a está vendo que é capaz de enaltecer uma, desprezar outra e selecionar o que mais lhe impacta, interpretar e desenvolver seu imaginário para conseguir extrair do ambiente que lhe é condicionado significados sobre o que é visualizado. A observação atenta e a interpretação das paisagens desempenham um papel essencial na compreensão da geografia, pois a maneira como um indivíduo percebe e interage com o ambiente ao seu redor está intrinsecamente ligado a esse campo de estudo.

A geografia, comumente conceituada conforme sua etimologia como a ciência que estuda e descreve a superfície terrestre, é uma ciência que se concentra na análise, interpretação e compreensão das relações entre o ser humano e o espaço em aspectos físico, humanos, econômicos, culturais e políticos, com abordagens que proporcionam tangenciar a subjetividade e objetividade das relações proporcionando diálogos transdisciplinares. A partir destes diálogos as categorias espaciais lugar, território e paisagem vêm sendo discutidas em seu sentido conceitual ou metafórico traçando possíveis pontos de convergência. O valor narrativo, o contar uma história, sempre ocupou uma posição de destaque em relação à descrição ou representação do espaço geográfico. Esta ênfase na narrativa em que o tempo e a progressão dos eventos costumam prevalecer, dentro do campo da literatura, acabou por relegar o espaço a um papel secundário, muitas vezes limitado a ser cenário ou ornamento da narrativa. Contudo, “[...]esta minimização do papel do espaço na literatura passa na verdade por uma simplificação de seu significado e da compreensão da própria Geografia” (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 489).

A literatura e a geografia encontram-se em hibridização na intersecção da objetividade da ciência e a subjetividade da arte, fronteira permeável em consequência das mudanças paradigmáticas que ocorreram resultando em uma abordagem transdisciplinar. Os geógrafos destacam a relevância da literatura no conhecimento geográfico, inicialmente com a capacidade dos romances em capturar a realidade e fornecer informações detalhadas sobre lugares e regiões, como descrição das paisagens, os costumes locais, as características topográficas e etc., sendo a espacialidade um ponto de intersecção entre as áreas. O teórico Pierre Monbeig (2004),

argumentava que recorrer a leitura de romances é uma ferramenta valiosa para o estudo de cidades e regiões. Sua argumentação é apoiada pela premissa de que a partir dos textos, que possuem autores oriundos ou conhecedores dos locais que citam, é possível obter informações de forma multifacetada com a captura de aspectos subjetivos e características geográficas. O conhecimento geográfico tem o intuito de decifrar a Terra, compreender os signos que a formam, pois "[...] a Terra é um texto a se decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios formam signos desse texto." (Dardel, 2011, p. 2).

João Guimarães Rosa em suas obras estabelece a relação entre literatura e geografia através da geograficidade. “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino” (Dardel, 2011, p. 1). A geograficidade, termo concebido por Eric Dardel (2011), possui relação com o afeto desenvolvido pelo solo natal ou a busca por novos locais em sua existência e destino, representando ligações teóricas, práticas, afetivas e simbólicas. O autor estabelece o elo com o seu solo natal ao apresentar e representar o sertão de Minas Gerais nos textos, ao criar paisagens ricas e complexas que se tornam elementos chave nos textos, retratando não apenas o espaço geográfico, mas também as relações entre sociedade e ambiente, arte e ciência, literatura e geografia. Em suas obras, Guimarães Rosa aborda a relação intrínseca entre as pessoas e o ambiente em que vivem, explorando a geograficidade de seus personagens ao descrever como a terra e o ambiente afetam suas vidas, suas escolhas e suas identidades. Os personagens frequentemente embarcam em jornadas épicas que os levam a percorrer diferentes territórios e a buscar respostas para suas inquietações. Em *Grande Sertão: veredas*, Riobaldo, em sua complexa relação com o sertão mineiro criado por Rosa, conta a sua história e de jagunços em comitivas lutando por, e em, seus locais de pertencimento, em sua complexa trajetória existencial e metafísica.

Podemos destacar outros autores e obras que constroem o diálogo entre literatura e geografia, através da geograficidade, como: i) Jorge Amado que aborda a sociedade cacauera do sul da Bahia, na obra *Cacau*, trazendo-nos as características geográficas da região e o contraste da exuberância natural e a exploração de trabalhadores; ii) Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, simboliza a seca do nordeste brasileiro, mostrando-nos como a paisagem é um elemento fundamental na vida das pessoas que vivem nessa região, retratando o sertão como um lugar árido, inóspito, hostil, como reflexo da miséria e da desesperança que assolam as pessoas que vivem nessa região; iii) Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que faz referência espacial ao Rio de Janeiro, apreendendo sobre aspectos da sociedade carioca do fim do século XIX, com costumes e hábitos do primeiro e segundo império, em que Brás

Cubas percorre a cidade, nomeando locais públicos e privados, observando a sociedade ao trazer discussões acerca de condições ético-existenciais e situações socioculturais.

O teórico Franco Moretti (2003) defende uma geografia da literatura que associe o estudo do espaço com o da literatura, tendo como objeto, por um lado, a representação dos lugares nos romances europeus do século XIX e, por outro, a apreensão dos lugares de difusão e de recepção dos grandes sucessos romanescos no mesmo período. O primeiro objeto de estudo da geografia literária, como o da história literária, seria estudar o contexto da produção literária, partindo da hipótese que este contexto não é uma simples circunstância, mas que influencia as próprias obras. A geografia literária se baseia no postulado geral de que existem relações entre toda obra humana e o meio terrestre em que se localiza, pois em todos os aspectos as atividades dos homens exprimem uma relação com a natureza.

Assim, a geografia literária pode ser compreendida como um campo de estudo interdisciplinar que combina os princípios da geografia com a análise da literatura, e, também, apreendida como as relações entre o espaço geográfico e a literatura, que investigam como os textos literários representam, interpretam e constroem o espaço. A geografia literária também pode abordar o impacto da literatura na percepção e construção do espaço. Ela explora como as narrativas literárias influenciam a maneira como entendemos e interpretamos os lugares, como os textos moldam as nossas percepções e experiências do espaço geográfico, investigando como a literatura contribui para a formação de identidades locais e como os lugares são representados como símbolos de identidade cultural. Em resumo, a geografia literária é uma abordagem que une os estudos literários e geográficos, buscando compreender as relações entre o espaço, a literatura e a experiência humana.

A literatura tem o poder de criar imagens mentais, despertar emoções e conectar pessoas à narrativas e experiências compartilhadas. Quando estas narrativas literárias são incorporadas na paisagem essas podem moldar a forma como as pessoas percebem e interagem com o ambiente, dando-lhe uma dimensão simbólica e cultural mais profunda. Essa relação entre literatura e paisagem pode ser estabelecida, com a paisagem física tornando-se uma extensão extraliterária da narrativa, e a narrativa, por sua vez, é reinterpretada através da interação do indivíduo com o ambiente. É uma forma de literatura e espaço se influenciarem mutuamente, criando conexões entre a obra literária e o mundo real. Uma outra possibilidade de refletir sobre a paisagem literária, será explorada na seção 2.3, *A literatura na paisagem como efeito de recepção*, a partir do processo de recepção, que aborda como o plano do discurso é retrabalhado pela cognição interpretativa do leitor. A abordagem pragmática possui o interesse pela recepção do leitor na literatura, todavia, podemos dizer que mais do que pragmatismo, aqui visamos uma

quebra de correntes hierárquicas sem deixar de reconhecer ou questionar as relevâncias de cada elemento na construção das obras, potencializando a recepção e o leitor por meio de uma crítica-analítica da presença da literatura na paisagem de uma sociedade que foi a mimese, referência, inspiração, o mundo basilar de um autor e de uma criação ficcional.

2.3 A LITERATURA NA PAISAGEM COMO EFEITO DE RECEPÇÃO

Apreender sobre as diferentes formas que o texto pode alcançar os leitores, seja através de livros, filmes, narrações orais, peças teatrais e como ocorre este alcance textual, nos move em direção à realização de análises e aprofundamentos em estudos acerca das teorias da recepção. O leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores, Goulemot (2011), em *Da leitura como produção de sentidos*, suscita que esse possui uma relação com o texto que abrange dimensões extratextuais e que podem ser compreendidas de três formas: a primeira seria fisiológica, em que as questões físicas que compreendem o ato de ler, como posição ou local, por exemplo, podem estimular, ou não, a leitura; a segunda seria histórica: há uma historicidade independente de nós e a leitura é realizada pensando em um contexto histórico, político e social específico; e a terceira seria a biblioteca: que toda leitura é comparativa, sendo criadas ideias a partir das anteriores. As dimensões suscitadas pelo teórico enfatizam o dinamismo da literatura e a capacidade dos textos ressoarem de diferentes maneiras em cada leitor, demonstrando também como a literatura é um meio de expressão e criação aberto à interpretação e reinterpretação constantes.

Os estudos da recepção têm sua gênese com Roman Ingarden (1979), que em sua teoria possui como premissa a concretização do texto com a efetivação de sua leitura, um processo que coloca o texto em relação com as normas e os valores extraliterários do leitor e que dão sentido à leitura, um efeito experimentado pelo leitor a partir da sua interação com os sinais textuais e a sua compreensão. Alguns dos conceitos acerca da recepção literária³ destacam a maneira que o texto afeta o leitor, visando compreender o efeito produzido no destinatário em âmbito individual (com destaque para o conceito desenvolvido por Wolfgang Iser, com a teoria de efeito da recepção) e coletivo, em perspectiva pública ao texto (a partir dos conceitos de

³A teoria da recepção é abordada por outros teóricos como: Roland Barthes (1974), em *O prazer do texto*, que se aproxima-se da proposta de recepção ao classificar leitores em tipos de 'leitores do prazer' que seriam o fetichista, o obsessivo, o paranoico e o histérico. Barthes aborda a leitura pelo viés do texto, concebido como um programa ao qual o leitor é submetido e em que há um conjunto de enigmas que compete a esse, leitor.

Hans Robert Jauss, com a teoria da estética da recepção), e suas respostas à esse texto, que é considerado como fonte do estímulo.

Apesar das oposições sobre a intenção do autor, como citado na seção 2.1, com o historicismo remetendo a obra à sua origem e o formalismo com a finalidade do texto em si mesmo, estas correntes durante muito tempo excluíram o leitor. Esta exclusão fica mais evidente na corrente *New Critics* americano que definia a obra como uma unidade autossuficiente, com o texto tendo o seu fim em si mesmo, na qual era conveniente a realização de sua leitura fechada, objetiva. A narratologia e a poética, quando cederam lugar ao leitor em suas análises, limitaram-se a descrever as imposições textuais objetivas que iriam regular a performance desse, caracterizando um arquétipo perfeito e abstrato conforme o que o texto espera dele (Compagnon, 2010). A leitura empírica foi negligenciada em proveito de regras de leitura e de uma definição de leitor ideal que se curvasse à expectativa de alcance do texto de modo puro, sendo que, na prática, não haveria a possibilidade de se ter acesso puro ao texto, pois a leitura possui relações cronotópicas, interpretativas, empáticas, de projeção e identificação.

Antes do leitor ter notoriedade nos estudos literários, houve um caminho precedente que era pautado em análises das relações entre autor⁴ e texto com ênfase no processo produtivo, sendo que a recepção da literatura era apreendida apenas como referência para outra produção literária. O leitor, com o decorrer do tempo, vai obtendo seu espaço como produtor de sentidos do texto, a partir do momento que é concedido a esse a possibilidade de realizar interpretações e dar novos significados às obras através das suas experiências intelectuais e empíricas. A explicação única do texto desaparece com esse tornando-se polissêmico a partir da leitura e do leitor que concretiza o seu sentido.

O texto pressupõe a presença do leitor como a figura que percebe a essência da criação literária na interpretação das narrativas, com a possibilidade de surgir novos significados para o texto de acordo com a posição histórica do leitor e da sua capacidade em dialogar com esse. “Quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos”. (Eagleton, 2006, p. 98). As teorias da recepção literária destacam a importância do leitor na interpretação e compreensão do texto, reconhecendo que o significado de uma obra

⁴ O teórico Wayne Booth (1980), em *A retórica da ficção*, defendia a tese de que um autor nunca se retirava totalmente de seus textos, deixando um substituto que o controlava em sua ausência, o autor implícito. Booth afirmava que o autor constrói seu leitor e que a leitura bem sucedida é aquela que autor e leitor podem entrar em um acordo, havendo em todo o texto um lugar para o leitor.

não é estático, mas, sim, um processo dinâmico e subjetivo que envolve a interação entre o texto e o leitor, apreendendo sobre os efeitos e sentidos que provoca no receptor.

O conceito de estética da recepção surge com Hans Robert Jauss (1994), com o questionamento e crítica acerca de como a teoria literária realizava os estudos da história da literatura de modo tradicionalista, com a abordagem das obras individualmente em sequência cronológica ou realizando estudos de autores canônicos da antiguidade clássica.

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade (Jauss, 1994, p.8).

Para o teórico, este método deixava de contemplar a historicidade das obras, desconsiderando o lado estético da criação literária, que implicava em uma narrativa que potencializasse a função do leitor e que compreendesse a atividade artística como uma atividade produtora (*poiesis*), receptiva (*aithesis*) e comunicativa (*katharsis*). O objetivo de Jauss com a estética da recepção era de comparar o "[...]efeito atual (o do texto) com o desenvolvimento histórico da experiência e formar o juízo estético, com base em duas instâncias: efeito e recepção" (Jauss, 1994, p. 46). A distinção entre o efeito (o que o texto deseja produzir nos leitores) e a recepção (a interpretação e a resposta dos leitores) destaca a importância da interação dinâmica entre o texto e o leitor, sendo fundamental considerar não apenas como o texto afeta os leitores de um determinado período, mas também como a obra se insere na tradição literária e como a experiência de leitura evolui ao longo do tempo, ocasionando na apreensão de que o texto não é estático à medida que diferentes gerações de leitores o interpretam de maneiras diversas.

Para Jauss, a relação entre leitor e texto é baseada em caráter estético, por meio da comparação com outras leituras e dos conhecimentos que possui e histórico, através da compreensão da recepção de uma obra a partir de sua publicação e ao longo do tempo. O leitor na estética da recepção é um participante ativo que não apenas contempla o texto, mas o integra, vivendo-o esteticamente e em sua experiência de sentido, trazendo para a leitura seus conhecimentos e expectativas, interagindo com o texto de modo emocional, ocasionando em significados e interpretações. A experiência estética ocorre no processo de recepção da obra, à medida que o leitor efetiva a leitura e o seu horizonte de expectativas desperta para a realização de assimilações, interpretações e atribuições de significados de acordo com seu contexto histórico e cultural. A experiência estética torna-se emancipadora para Jauss quando essa

abarcam: a *poiesis* (compreendendo o prazer do leitor ao se sentir co-autor da obra literária, produção); a *aithesis* (prazer estético por meio de uma nova percepção da realidade que foi proporcionado por intermédio da produção literária, recepção) e a *katharsis* (o prazer resultante da recepção literária que é capaz de transformar as convicções do leitor, fazendo com que esse pense e aja de um modo diferente sobre o espaço, efeitos).

Os fundamentos da teoria da recepção de Jauss (1994) podem ser apreendidos por meio de sete perspectivas: i) a historicidade da literatura, condizendo com a atualização da obra literária com o passar do tempo, por meio de diferentes interpretações e significados através do diálogo estabelecido entre a obra e o leitor concreto; ii) o horizonte de expectativas, o saber, o conhecimento prévio do leitor sobre determinados assuntos que são abordados na obra, pois o que é lhe apresentado como novo naquela narrativa dialoga com as experiências que possui, despertando as primeiras reações de expectativas e lembranças; iii) o texto pode atender ao horizonte de expectativas do leitor como provocar estranhamento e rompimento com este horizonte; iv) há uma recuperação da historicidade do texto literário com averiguação do horizonte de expectativas do leitor do período atual com aquele do período de publicação, visando compreender quais necessidades a obra atendeu deste público; v) envolve o aspecto diacrônico de que uma obra literária transcende a sua época de aparição, envolvendo a recepção dessa ao longo do tempo; vi) aborda o aspecto sincrônico, de modo que busca um ponto de articulação entre as obras que foram produzidas em um mesmo período e que provocaram rupturas e novos rumos na literatura; vii) pressupõe uma função social para a literatura, principalmente, no âmbito da experiência estética. As sete perspectivas da estética da recepção de Hans Robert Jauss oferecem uma abordagem que concentra a atenção na relação entre leitor e texto, indo na contramão das apreensões tradicionais anteriores à sua teoria, postulando a concretização do texto com a leitura. Através do texto o leitor é capaz de visualizar aspectos de sua vida cotidiana que se manifestam na plenitude de suas possibilidades, afinal, a sua experiência literária é introduzida em seu horizonte de expectativas.

Visando apreender o efeito que o texto provoca no leitor, a teoria do efeito, de Wolfgang Iser (1996), concebe a esse uma maior liberdade na interpretação do texto. Iser argumenta sobre a sua tese proferindo que o texto é um dispositivo a partir do qual o leitor constrói suas representações e “o papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados” (Iser, 1996, p.75). A teoria do efeito de recepção utiliza algumas concepções dos formalistas com relação a estrutura textual e a noção de estranhamento, contudo o estranhamento ocorre como uma forma de indução à realização de análises críticas a

partir do seu repertório. O texto literário, ao proporcionar o estranhamento sobre o que é familiar, irá despertá-lo do automatismo das relações cotidianas, pois “à medida que o texto evidencia um aspecto deficitário do sistema, ele oferece uma possível compreensão do funcionamento do sistema” (Iser, 1996, p. 139). Desta forma, o texto situa o leitor em seu momento histórico, possibilitando distanciar-se da sua realidade e aproximar-se das experiências de outros, que o teórico define como ponto de vista em movimento.

Iser compreende o texto como um sistema de perspectivas internas em que os elementos textuais são apreendidos pelo leitor a partir do seu repertório, ofertando diferentes pontos de vistas e construindo uma estrutura, denominada pelo teórico de tema e horizonte (estrutura responsável pelo direcionamento do ato de leitura, que considera que o leitor escolhe entre uma ou outra perspectiva imanente, já que não consegue abarcar todas). A interação entre leitor e texto, para Iser, ocorre inicialmente a partir da criação do horizonte de expectativas, que utiliza perspectivas e estratégias cognitivas, que são responsáveis pela organização do repertório, em diálogo com a obra. A obra literária na teoria do efeito possui dois polos: o artístico, que se refere ao texto criado pelo autor (o texto do autor relacionado à estrutura verbal), e o estético, que se concretiza com o leitor sem, todavia, cristalizar, pois se atualiza enquanto efeito em cada leitura (que promove o preenchimento do que o texto abre para a imaginação, dando origem à experiência estética).

As teorias de Jauss e Iser refletem preocupações distintas, porém complementares e que direcionam para o polo do leitor, como o seu papel ativo e a interpretação do texto. As complementações teóricas estão associadas aos fatores históricos, para Jauss, e a caracterização das potencialidades do texto em resposta a estética do leitor no ato de leitura. A estética da recepção investiga as reações ao texto literário em diferentes períodos, evidenciando experiências historicamente condicionadas pela literatura, com raízes no diacronismo ou sincronismo. Enquanto a teoria do efeito da recepção, como resposta a estética, concentra-se em investigar como a literatura impacta os leitores implícitos e proporciona alguma resposta, com referências no texto. Podemos compreender que as duas conceituações contribuem para a construção da teoria da recepção, partindo do pressuposto de que se o estudo da literatura surge a partir dos nossos interesses em relação aos textos, há de se considerar a relevância das investigações acerca do que ocorre com os leitores dos textos e o que os textos levam os leitores a fazer. Desta forma podemos apreender que a recepção promove efeitos nos leitores e no mundo, e quando utilizamos o termo efeito da recepção estamos nos referindo a recepção literária em aspectos individuais e coletivos objetivando apreender as reações que os textos literários proporcionam nos leitores e o que estes textos conduzem os leitores a fazerem.

Ao atravessarmos os territórios teóricos de Jauss e Iser e considerarmos a abertura para presença do leitor como coautor do texto, encontramos solo fértil para analisarmos as relações entre a literatura e a paisagem, enquanto estética e efeito. As teorias da recepção contribuem para a ampliação de hipóteses sobre como os leitores contribuem para a construção do significado literário, delineando um processo dinâmico no qual esses ao preencherem as lacunas deixadas pelo texto literário conferem-lhe uma ressonância, em nosso estudo com apreensões de reverberações da apropriação da literatura na paisagem de um território. A comunidade local, ao se apropriar do texto literário, não apenas o consome, mas o reconfigura em consonância com sua própria realidade projetando suas próprias experiências de recepção literárias nas tessituras das paisagens.

A representação do legado literário por meio da recepção envolve a forma como os leitores interpretam, apreciam e dialogam com as obras ao longo do tempo. Quando a sociedade realiza o papel inverso ao autor e utiliza subsídios literários para configurar a paisagem da comunidade, isso pode ser entendido como uma forma de apropriação da literatura, onde as referências literárias são incorporadas ao ambiente físico e cultural. Esta apropriação pode ocorrer de várias maneiras, como: com nomenclatura de lugares em que a comunidade nomeia ruas, praças, parques e outros locais com referência em personagens, obras literárias ou autores; monumentos e esculturas em que a criação desses homenageiam escritores ou personagens literários, construindo a paisagem do local com referência ao texto literário e tornam-se marcos icônicos da localidade, potencializando os valores e a importância da literatura para a identidade da comunidade; festivais literários e eventos culturais reunindo pessoas em torno da prática de leitura; projetos educacionais que incentivam o estudo e apreciação das obras.

O reconhecimento do literário em um espaço altera a percepção desse, gerando ressignificações a partir da sua recepção enquanto espacialidade ficcional, o que reforça a subjetividade da experiência e eleva tal espacialidade à condição de lugar literário, como destaca Yi-Fu Tuan (1983): "A arte literária chama atenção para áreas de experiências que de outro modo passariam despercebidas" (Tuan, 1983, p.180). Os textos literários e sua atemporalidade conseguem ressignificar lugares ficcionais ou reais, impulsionando o desejo dos leitores em conhecer estes locais, conviver com a população e conhecer a cultura, proporcionando ao leitor a possibilidade de vivenciar os territórios literários. Ao pensarmos no campo delimitado a partir da literatura, podemos alvitrar o conceito de território proferido pelo geógrafo Milton Santos:

O território é o chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que está falando em território usado, utilizado por uma população (Santos,2000, p.47).

Um território que é associado a textos literários, seus elementos narrativos e a biografia de um autor amplia a perspectiva de território usado a partir das relações que são estabelecidas pela comunidade com o processo de recepção, representação e apropriação de aspectos ficcionais. Os estímulos proporcionados aos leitores, ou não leitores, conhecedores e entusiastas, não residentes interessados em conhecer os ambientes que foram fonte de matéria inspiracional do autor podem ser associados ao conceito de turismo literário.

Explorar e vivenciar os locais que possuem conexões literárias, mergulhando na atmosfera e inspiração por trás das narrativas pode ser apreendido como formas de recepção do texto pelo leitor que contribuem para a construção de um legado. A representação do legado literário por meio da recepção literária envolve a maneira como os leitores interpretam, apreciam e dialogam com as obras ao longo do tempo. Quando a sociedade realiza o papel inverso ao autor e utiliza subsídios do texto literário para construir a paisagem da comunidade, isso pode ser entendido como uma forma de apropriação da literatura pela comunidade, onde as referências literárias são incorporadas ao ambiente físico e cultural. Essa apropriação pode ocorrer de várias maneiras, como: com nomeação de lugares com referência a personagens, obras literárias ou autores; monumentos e esculturas em que a criação desses homenageiam escritores ou personagens literários construindo a paisagem do local com referência ao texto literário e tornam-se marcos icônicos da localidade, potencializando os valores e a importância da literatura para a identidade da comunidade; festivais literários e eventos culturais reunindo pessoas em torno da prática leitura; e projetos educacionais que incentivam o estudo e apreciação das obras literárias.

O Turismo Literário, numa perspectiva mais concreta, privilegia os lugares e os eventos dos textos ficcionados, bem como a vida dos seus autores e tem como palco a promoção de locais onde há uma ligação directa entre a sua produção literária e artística e os turistas que as visitam. Trata-se de reflectir sobre o carácter decisivo que este factor (artístico ou literário) tem na escolha da visita (Mendes, 2007, p. 87).

O Turismo Literário é um segmento do turismo que destaca lugares, eventos e vida de escritores que possuem relação com textos literários, sendo estes lugares cenários e elos entre

a produção literária e o visitante. Os textos literários e sua atemporalidade conseguem ressignificar lugares ficcionais ou reais, impulsionando o desejo dos leitores de conhecerem estes locais, conviver com a população local, conhecer a cultura proporcionando ao leitor a possibilidade de vivenciar através de sua perspectiva de leitor determinado destino. O turista literário visa compreender um novo mundo, culturas que antes eram imaginadas a partir do texto. Este segmento de turismo tem como pressuposto a atração de visitantes que buscam vivenciar sentimentos e emoções que foram proporcionados pelas narrativas literárias, passando as barreiras da imaginação através da visita física a lugares e paisagens que serviram de referência ou cenário para os autores, contribuindo para a consolidação de uma identidade cultural local, a ressignificação de pertencimento e a rememoração coletiva e individual (Menezes; Barroso, 2016; Baleiro; Quinteiro, 2014; Coutinho; Faria; & Faria, 2016; Quinteiro, 2019).

Os textos quando associados as espacialidades podem funcionar, de modo indireto, como impulsionadores de divulgação e promoção de locais que possuem alguma relação literária. No segmento do turismo literário⁵ conseguimos identificar pormenorizações destes elementos espaciais que possuem aspectos do literário, como: i) o lugar literário que pode ser apreendido como uma porção do espaço em que o turista-leitor identifica marcadores literários (relacionados à representação da obra ou à do leitor) seja por citação presente no texto, com descrição de paisagens, caracterização cultural de uma sociedade e dentre outros elementos; ii) marcador literário: locais que o autor percorreu e ficaram marcados pela sua presença e se tornaram marcos de sua existência ou algo que é trago do texto para o espaço geográfico; iii) mapa literário: que possui a funcionalidade de ser um símbolo que representa o fragmento de um território evidenciado e; iv) rotas literárias: que reúnem mais de um município ou estado que possuem algo em comum lhes conferindo identidade e agrupamento temático e apreendem a construção de roteiros⁶ (Quinteiro; Baleiro, 2019). Desta forma a representação da literatura pode tangenciar obra, autor, cenário, personagem, rotas e roteiros turísticos literários, livrarias, eventos, cemitérios, bibliotecas, monumentos, cafeterias, casas-museus e dentre outros.

Podemos identificar exemplificar alguns lugares e marcadores literários: i) que fazem referência as obras, como no Reino Unido é confeccionado o Mapa Potter em que são demarcados pontos que possuem relação com as obras, os personagens e autora, como a estação

⁵ Como citado anteriormente o presente estudo não possui o objetivo de realizar investigações acerca do turismo literário, contudo apresentamos algumas definições e contextualizações deste fenômeno para que possamos ter a dimensão de como ocorre a recepção da literatura em outras áreas do conhecimento.

⁶ “Um roteiro é fruto de todo um processo de ordenação de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem [...]” (Bahl, 2004).

de trens *King's Cross*, em Londres; ii) casas-museus que representam a figura do autor enquanto residente naquele local, retratando aspectos de sua intimidade e reconfiguração do espaço de modo semelhante ao que era anteriormente (Museu Casa Guimarães Rosa; Casa do Rio Vermelho; Museu Cora Coralina; Casa de Jane Austen, e etc.); iii) com a reprodução dos caminhos dos personagens, como Dom Quixote e Sansho Pança como suas andanças pelos lugares reais que estiveram ficcionalmente se tornam referenciais na criação de rotas; iv) a cidade de São Paulo possui roteiro literário (Dantas, 2019), desenvolvido a partir de pesquisas por um período de sete anos e que possui lugares literários como as casas da elite paulistana que recebiam em seus salões os saraus literários; as Arcadas líricas, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde autores da literatura brasileira foram alunos (como Álvares de Azevedo, Castro Alves, José de Alencar, Monteiro Lobato, entre outros) e no salão nobre da biblioteca há referências à esses através de quadros, pinturas, poesias; v) os eventos literários como a Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), a Flup (Festa Literária das Periferias) na cidade do Rio de Janeiro; a Semana Rosiana que ocorre em Cordisburgo e entre outras variadas formas de representações literárias no espaço.

A paisagem não existe em si, essa necessita que sejam estabelecidas relações entre o indivíduo, tanto de modo individual como coletivo, seja por meio da percepção, do pensamento, da intervenção ou do que dizem sobre ela ocasionando na representação e expressão da linguagem paisagística. Ela reflete as práticas, valores e identidade de um povo, ao mesmo tempo em que sua estrutura é capaz de influenciar nas formas de interação social e a forma como as pessoas vivem e se relacionam em determinado ambiente.

Nessa perspectiva, o estudo de uma paisagem, real ou apenas representada, costuma ser identificado com o estudo de uma forma de pensamento ou de percepção "subjetiva" e, mais geralmente uma expressão humana informada por códigos culturais determinados (discursos, valores etc.). É preciso retornar, por assim dizer, ir a quem da própria paisagem, para enxergar nela as razões de ser, na cultura e na vida social, de que é, de alguma forma, a encarnação. A análise da paisagem consiste numa análise de categorias, de discursos, de sistemas filosóficos, estéticos, morais que a paisagem deve pretensamente prolongar e refletir (Besse, 2014, p. 14).

Em síntese, o estudo da paisagem, real ou ficcional, deve ser associado às investigações das percepções subjetivas sobre essa, indo além dos aspectos físicos e geográficos, explorando as motivações e significados que a moldaram. Rememorando duas das diretrizes das portas paisagísticas de Besse (2014), já citadas na seção 2.2, partirmos de hipóteses acerca da literatura presente na paisagem ser apreendida como efeito da recepção e como território produzido

através das representações sociais e culturais. Ao elucidarmos sobre a possibilidade de abordagem da paisagem ser atribuída em seus aspectos culturais e sociais, essa deve ser apreendida como um ponto de vista, uma intervenção social, uma forma de pensar e percebê-la como uma dimensão cognitiva do ser humano, sendo relativa à que esses compreendem e proferem sobre ela. Contudo, também devemos apreender que toda paisagem é cultural por ter sido produzida dentro de um conjunto de práticas econômicas, políticas, sociais e valores que ela simboliza. Essa é uma forma de ver e imaginar o mundo, mas primeiramente é uma realidade objetiva, material produzida pelos seres humanos. A paisagem associada como uma produção cultural pode ser apreendida em seu nível material e espacial, encarnada em práticas e produções.

A organização espacial da paisagem traduz uma forma de organização da sociedade, assim como as representações e os valores culturais que atuam nesta sociedade. Elementos da paisagem, como edifícios, topografia, vegetação e marcos, podem conter informações sobre a evolução histórica da área, as atividades humanas, as relações sociais e os valores culturais. A presença da literatura na paisagem tangencia sua incorporação e interação com o ambiente físico que foi referência na construção textual, contribuindo para a promoção literária, a preservação patrimonial e a construção da relação autor-texto-leitor, aqui, com destaque para o leitor, que a partir da recepção do texto e dos efeitos que esse, texto, o provoca estreita estas relações.

A leitura da paisagem literária de um território exige a presença de um leitor para que as referências e reapropriações feitas pelos concidadãos aos seus textos, personagens ou ao próprio autor sejam apreendidas. A partir do que é encontrado nestas paisagens o leitor, concidadão ou turista, atinge a estética da recepção totalizando, ou não, as sete perspectivas apontadas por Jauss (1994), ratificando a emancipação do leitor com a *poiesis*, *aithesis* e *katharsis* e aproxima-se das experiências do outro (Iser, 1996), seja o leitor ou o autor, que também é um leitor.

Minas Gerais possui consolidado territórios que foram locais de morada e passagem de autores ou referências criacionais e que possuem a literatura imersa nas suas paisagens, como: Juiz de Fora de Murilo Mendes, com a presença do Museu de Arte Murilo Mendes que configura-se como uma instituição museológica com foco em pesquisas e estudos sobre a vida e obra de Murilo Mendes ; Itabira de Carlos Drummond de Andrade que conta o Museu de Território Caminhos Drummondianos, que apresenta a cidade de Itabira através das referências encontradas nas obras do poeta, as quarenta e quatro placas com o registro de seus poemas distribuídas na cidade em pontos que possuem relação com o autor ou o contexto do poema, os

monumentos estáticos com a imagem do autor, a Casa de Drummond, o Memorial Carlos Drummond de Andrade, entre outros elementos; e Cordisburgo, de João Guimarães Rosa, que possui o Museu Casa Guimarães Rosa que era a casa do autor durante a infância, monumento estático Portal Grande Sertão, que faz referência aos personagens de *Grande Sertão: veredas* e a Guimarães Rosa; lugares que recebem o nome de suas obras e também dentre outros elementos. Na presente pesquisa iremos destacar a presença da literatura de Guimarães Rosa na configuração da paisagem de Cordisburgo com o intuito de realizar análises-críticas nas próximas seções e capítulos, visando elucidar que mais do que representações estéticas que simbolizam e homenageiam a literatura rosiana, a construção da paisagem literária de Cordisburgo possui sua relevância social e cultural, integrando aspectos ideológicos como referência imaginária identitária territorial do sertão de Minas Gerais de modo individual e coletivo. O sertão mineiro de Guimarães Rosa é um estereótipo que permanece vivo por sua natureza, seu valor histórico, sua memória e por representar a cultura e a identidade sertaneja que perpetua por meio dos leitores e da comunidade local que dá um novo significado ao espaço paisagístico.

Em síntese, a presença da literatura na paisagem pode ser compreendida através da recepção ativa por parte dos leitores, o impacto que os elementos literários têm no ambiente e a expansão da narrativa literária para o mundo real. Essas perspectivas refletem a influência da literatura na configuração da experiência cultural e na conexão entre a literatura e o espaço geográfico. Através das perspectivas da recepção e do efeito, as palavras ganham vida, influenciando tanto a interpretação individual quanto o ambiente circundante. A recepção ativa por parte dos leitores não apenas enriquece a compreensão das obras, mas também estreita a relação entre as palavras e o espaço físico e amplia a experiência literária para além do texto, demonstrando o poder da narrativa na moldagem da atmosfera e da identidade cultural de um lugar. Os elementos literários se tornam agentes ativos na transformação do território, enriquecendo a conexão entre as pessoas e o ambiente em que vivem.

A presença da literatura na configuração da paisagem é um fenômeno que transcende os textos e se estende para o espaço geográfico real, criando uma simbiose entre a literatura e o ambiente físico, atuando como um meio de expressão, promovendo a interpretação cultural e histórica das paisagens, ao mesmo tempo em que enriquece a experiência das pessoas ao proporcionar uma ligação entre elas e os lugares que habitam ou visitam. Elementos literários, como citações em espaços públicos, monumentos a autores ou personagens ficcionais e referências literárias em instalações artísticas são meios de fusão da literatura com o ambiente

promovendo a leitura, valorizando o patrimônio cultural e enriquecendo a relação entre a literatura e o espaço geográfico.

3 CAMADAS TEXTUAIS: A CONSTRUÇÃO DO EPICENTRO DO SERTÃO ROSIANO

As obras literárias rosianas, dotadas de singularidade e regionalidade, são apreciadas, expandidas e conhecidas nacional e internacionalmente com referências ao sertão mineiro, que se torna uma das características dos textos de João Guimarães Rosa, tangenciando o real e o ficcional geográfico. O processo criativo do autor possui subsídios na interação direta com o mundo sertanejo por meio das lembranças do período de infância em que viveu em sua cidade natal, Cordisburgo; das imersões em comitivas de boiadeiros; das pesquisas sobre a fauna e flora do local; das trocas de cartas com seus familiares e reminiscências das oralidades do cotidiano, que justapostos ao seu imaginário resultaram em tessituras ímpares e decisivas na apreciação, caracterização e reconhecimento de sua escrita.

Ao considerarmos o elemento espaço e a construção do arranjo espacial na produção literária de Guimarães Rosa, destacamos que seus textos utilizam como referências as paisagens do sertão de Minas Gerais, do sul da Bahia, parcela do estado de Goiás, e entre outros lugares fora do Brasil, como a ambientação referente ao sul Alemanha do conto *Chronos Kai Anagke, Tempo e Destino*, ou também como no conto *Caçadores de Camurças*, protagonizado por camponeses nas montanhas suíças, ambos de 1930 e publicados em *O Cruzeiro* (Rosa, 2019). Para além das ambientações paisagísticas com detalhes que abrangem a biodiversidade do cerrado, as capilaridades aquíferas com destaque para o Rio São Francisco, e as típicas veredas, os textos de Rosa também possuem como característica a sua construção lexical e as frequentes menções a topônimos, provenientes de seu imaginário e percepções acerca do modo de organização social, dos costumes e expressões culturais que contribuíram para a construção dos processos textuais, como destaca Antonio Candido (1971) em análise sobre *Grande Sertão: veredas*:

O meio físico tem para ele uma realidade envolvente e bizarra, servindo de quadro à concepção do mundo e de suporte ao universo inventado. Nele a paisagem, rude e bela, é de um encanto extraordinário. [...] Dobrados sobre o mapa, somos capazes de identificar a maioria dos topônimos e o risco aproximado das cavalgadas. O mundo de Guimarães Rosa parece esgotar-se na observação (Candido, 1971, p.124).

A relevância do espaço geográfico na construção de *Grande Sertão: veredas*, a exemplo, não se encontra somente na composição cenográfica, este elemento ativo influencia na estruturação textual de linguagem e estilo, como com neologismos e regionalismos. A

verossimilhança da espacialidade sertaneja proporciona a criação de questionamentos acerca das fronteiras entre o real e o imaginário, demonstrando a complexidade do sertão mineiro apresentado a partir da perspectiva do autor. As paisagens retratadas por Rosa são textos vivos em que as práticas culturais e as representações simbólicas se entrelaçam e se manifestam através das exposições descritivas de elementos físicos, arranjos espaciais, topônimos e símbolos visuais. A ambientação paisagística do sertão mineiro se torna um terreno fértil para os questionamentos e reflexões acerca das dinâmicas sociais e espaciais. Guimarães Rosa, ao escolher o território para suas referências, considerou que:

Àquela altura, porém, eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou, mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores. Porque o povo do interior - sem convenções, “poses” - dá melhores personagens de parábolas: lá se veem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar a montanha, e as grandes árvores estalarem sob o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca (Rosa, 2008, p.443).

A escolha do sertão mineiro como cenário em muitas de suas obras, para além da extensão saudosista, não é uma escolha arbitrária, porém fundamentada em considerações significativas da manifestação do desejo em explorar o universo sertanejo em sua complexidade. A saudade de sua terra natal, a escolha do sertão como cenário e a utilização da parábola são elementos interconectados, nas obras de Guimarães Rosa, que demonstram a relação entre a experiência pessoal do autor, sua identidade cultural e reflexões sobre a existência humana com jornadas físicas e metafóricas, espiritualidade, crenças, a dualidade do bem e do mal, a luta pelo sentido da vida e entre outras abordagens.

A parábola é uma forma de narrativa que utiliza elementos simbólicos e alegóricos para transmitir uma mensagem ou lição de moral, desta forma podemos associar os personagens de João Guimarães Rosa à parábola na medida em que eles incorporam aspectos simbólicos e representativos, transmitindo significados além de suas características individuais, personificando dilemas éticos, questões existenciais e conflitos universais que permitem que o leitor realize análises críticas. Na paisagem do sertão mineiro, João Guimarães Rosa conseguiu criar personagens complexos e simbólicos, incorporando características que refletem questões humanas mais amplas como o desejo, o sofrimento, o reconhecimento e a identificação. Por exemplo, em *Grande Sertão: veredas*, o protagonista Riobaldo é um personagem ambíguo, debatendo-se com conflitos morais e existenciais. Sua jornada de vida é permeada por questões

sobre o bem e o mal, a violência e a redenção, o amor e a traição. Riobaldo pode ser visto como uma figura alegórica, representando o ser humano em sua busca por compreender a própria natureza e encontrar um sentido para sua existência.

A literatura rosiana possui como referência e estímulo para sua composição as interações do escritor com o sertão mineiro e com pessoas que vivenciaram este local, tornando-se matéria prima para tecer seus escritos. Estes textos, ao serem lidos e interpretados pelos moradores da região sertaneja, foram apropriados e alcançaram reverberações que se configuraram como impulsionadoras para o desenvolvimento de iniciativas de fomento as transformações de dinâmicas socioculturais, de uma das regiões que atuou de modo decisivo na ambientação e caracterização textual, pautadas na literatura rosiana. Em resumo, podemos destacar Cordisburgo como o epicentro, em Minas Gerais, destas reverberações do reconhecimento da figura de Guimarães Rosa como escritor concidadão e de sua literatura por: i) possuir vínculo geográfico com o território sertanejo; ii) transformar a casa em que o escritor residiu em sua infância em uma instituição museal e exposição das memórias; iii) atrair visitantes de diferentes localidades que desejam conhecer a cidade que o autor morou e que o inspirou nas construções textuais; iv) sediar anualmente eventos literários dedicados e relacionados a sua produção textual e a sua figura enquanto escritor; v) possuir marcos territoriais que compõem a paisagem local e fazem referência a passagens textuais e entrevistas que possuem relação com a paisagem sertaneja.

Logo, este capítulo visa apresentar o legado literário de João Guimarães Rosa e levantar hipóteses de como uma sociedade-concidadã, que serviu de estímulo referencial e de representação em narrativas, pode construir sua identidade e dar um novo significado ao território por meio de subsídios literários que fazem referências a si. Assim, nossas hipóteses irão se aproximar de uma discussão de campo antropológico, partindo da premissa de que as recepções literárias realizadas em Cordisburgo, das obras rosianas, geram ações e engajamentos individuais e coletivos no município. Para além da apreensão de uma representação territorial, visamos compreender o efeito do texto em uma sociedade-concidadã de um escritor a partir da premissa de que o cotidiano da sociedade do sertão mineiro, em análise específica o município de Cordisburgo (MG), realiza incorporações literárias das narrativas e de Rosa no seu dia-a-dia.

Este capítulo se dedica a analisar as relações de camadas textuais que permeiam as obras de João Guimarães Rosa e a cidade de Cordisburgo, examinando a conexão entre o autor e sua cidade natal. Neste contexto iremos explorar como seus textos estabelecem relações com a paisagem e a cultura sertaneja, resultando em uma sobreposição complexa de significados e

simbolismo. Desta forma, na primeira seção, 3.1 *João Guimarães Rosa e o seu processo criacional*, apresentaremos de modo resumido a cronologia de vida de Rosa e sua produção, para que possamos apreender sobre o seu processo de criação. Na segunda seção, 3.2, *O epicentro do sertão rosiano*, abordaremos nas subseções, 3.2.1 *Cordisburgo* e 3.2.2 *Museu Casa Guimarães Rosa*, a contextualização do que compreendemos ser o epicentro, foco simbólico, do legado de Guimarães Rosa e que se encontra localizado no sertão mineiro. Na seção 3.3, *Projetos literários rosianos no cotidiano de Cordisburgo*, propomos apresentar e contextualizar ações de projetos literários que envolvem a abordagem literária rosiana no território de Cordisburgo, como forma de efeito da recepção e inscrição da literatura na configuração da paisagem, com foco especificamente na representação do legado literário de Rosa e dos textos pela comunidade concidadã, apreendendo estas ações enquanto elementos que constroem o turismo literário no local e reconfiguram a paisagem.

3.1 JOÃO GUIMARÃES ROSA E O SEU PROCESSO CRIACIONAL

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908 na cidade de Cordisburgo (MG) e por lá viveu até seus nove anos, quando se mudou para Belo Horizonte, para a casa do avô materno, em 1917, para realizar seus estudos. Filho de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Lima Guimarães, o menino Joãozinho cresceu acompanhando a vida pela janela da casa em que residia, em sua cidade natal, e ouvindo os causos dos boiadeiros, mascates, tropeiros e moradores do entorno da cidade que passavam pelo conhecido armazém de secos e molhados de Seu Fulô, seu pai, que ficava próximo à estação ferroviária da cidade. Desde pequeno, Rosa já se interessava pelo conhecimento e aprendizado de novos idiomas, da geografia, da fauna e da flora, com coleções de folhas e insetos, até que com sete anos incompletos começou a frequentar a única escola de Cordisburgo, já sabendo ler e estudando francês por conta própria. Os pais e irmãos permaneceram morando em Cordisburgo até 1923 e recebiam visitas de João Guimarães Rosa, em períodos de férias e em alguns fins de semanas, até quando realizaram a venda da casa em que moravam. Em 1925, com dezessete anos incompletos Rosa ingressa na Faculdade de Medicina de Minas Gerais e em 1930 conclui sua graduação (Rosa,2019).

Contudo, foi em 1929 que João Guimarães Rosa teve sua estreia literária, como escritor ficcionista, na revista brasileira *O Cruzeiro*, com o conto *O mistério de Highmore Hall*. E posteriormente outros contos, como *Makiné*, uma trama que passa em uma época remota na região da Gruta de Maquiné, em Cordisburgo, publicado na estreia do Suplemento dos Domingos de *O Jornal* (RJ), no ano de 1930. Até que vieram as obras *Magma*; *Sagarana*; *Com*

o Vaqueiro Mariano; Corpo de Baile – que é atualmente dividida em *Manuelzão e Miguilim, Noites do Sertão e No Urubuquaquá do Pinhém; Grande Sertão: veredas; Primeiras Estórias; Tutaméia; Estas Estórias; e Ave Palavra*. Uma de suas obras mais consagradas e conhecidas em diferentes locais do mundo é *Grande Sertão: veredas*. O escritor tinha a preocupação de manter o contato com seus tradutores, para que a essência metafísica de sua produção fosse alcançada também em outras línguas, como destaca para o tradutor alemão, Curt Meyer-Clason, sobre o seu processo de produção:

[...] não há nem um momento de inércia. Nenhuma preguiça. Tudo é retrabalhado, repensado, calculado, rezado, refiltrado, refervido, recongelado, descongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado. Agora, por exemplo, estou refazendo, pela 23ª vez, uma noveleta. [...] Vale a pena dar para tanto? Vale. A gente tem que escrever para 700 anos. Para o Juízo Final. Nenhum esforço suplementar fica perdido (Rosa, 2003-b, p. 234-235).

Ou ainda como explica a seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, sobre o que o texto *O Recado do Morro* se trata:

[...] estória de uma canção a formar-se. Uma revelação, captada não pelo interessado e destinatário, mas por um marginal da razão, e veiculada por outros seres não-reflexivos, não escravos ainda do intelecto: um menino, dois fracos de mente, dois alucinados – e, enfim, por um artista; que, na síntese artística, plasma-a em canção, do mesmo modo perfazendo, plena, a revelação inicial (Rosa, 2003-a, p.92).

Guimarães Rosa ciente da dificuldade de traduzir suas obras estabelecia um contato próximo com seus tradutores, não apenas para fornecer orientações sobre a tradução literal de seus textos, mas também se envolvia em discussões sobre o significado subjacente de suas palavras. O autor não se limitava a explicar o enredo das narrativas, compartilhava suas reflexões e intenções por trás dessas, possibilitando que fossem capturadas a atmosfera que permeava os textos, evidenciando a importância que atribuía para que as suas obras transcendessem barreiras linguísticas e culturais.

Após se formar em medicina, em 1931, Rosa obtém licença para exercer sua profissão e se muda para Itaguara (MG), cidade na qual instala seu primeiro consultório na zona rural. O então município, sede temporária do autor, também serviu como inspiração referencial de seus escritos. Em uma entrevista concedida a José César Borba, em 1946, Rosa mencionou que à Itaguara devia os contos *A volta do marido pródigo, Sarapalha, São Marcos e Conversa de Bois*, ambos presentes em *Sagarana*. Sua filha, Vilma Guimarães Rosa, relata a relevância da moradia da família na cidade:

[...] os dois anos vividos em Itaguara influíram enormemente na produção literária de meu pai. Inspirado pela terra, os costumes, as pessoas e as acontecimentos do cotidiano, ele os colecionava, anotando as terminologias dos seus ditos e falas a fim de distribuí-los pelas estórias que certamente já estava escrevendo (Rosa, 2008, p.43).

A maneira como Rosa absorveu e incorporou elementos do cotidiano, da linguagem e das experiências locais em sua escrita enriqueceram seus textos de verossimilhança e intertextualidade, contribuindo para a autenticidade de suas obras. No ano de 1933, muda-se para Barbacena em decorrência de sua aprovação, no órgão precursor da Polícia Militar, do Serviço de Saúde da Fora Pública de Minas Gerais. Contudo, mesmo o autor exercendo sua funcionalidade enquanto médico, ele não se sentia satisfeito atuando, e confessa em uma carta para o amigo Pedro Barbosa: “[...] decepcionado com a realidade da medicina, sentindo até algum arrependimento por não ter estudado direito. [...] Não nasci para isso penso [...]” (Rosa, 2019, p. 519).

Em 1934 realiza sua inscrição no concurso para cônsul de terceira classe do Ministério das Relações Exteriores. Classificado em segundo lugar, torna-se diplomata, sendo nomeado como cônsul de terceira classe e lotado no Serviços de Passaportes, subordinado à Secretaria-Geral do Itamaraty, e se muda para o Rio de Janeiro. Em uma carta, novamente endereçada a Pedro Barbosa, expõe: “Penso que encontrei ainda a tempo a minha verdadeira vocação. [...] Pretendo especializar-me em direito internacional e em línguas eslavas, escrever alguns livros de literatura e ver o mundo lá fora” (Rosa, 2019, p. 519).

Transferido para Hamburgo, em 1938, na Alemanha mantém o hábito de escrever em diários e relata nesses as adversidades da guerra, seu trabalho consular, mas também registra seus prazeres como leituras, visitas aos museus, as idas aos concertos; e em uma carta a Vicente Guimarães, chega a comentar que visitou as casas de Gothe e Schiller: “Foi uma das minhas grandes emoções nesta terra, fazendo-me enorme bem” (Rosa, 2019, p. 521). Em 1942, é transferido para a embaixada brasileira na Colômbia, assumindo o posto de segundo-secretário em Bogotá, local em que possui dificuldades de adaptação por conta do ar rarefeito, sendo acometido de soroche, episódio citado no conto *Páramo*, de *Estas Estórias* (2001). Em 1944, retorna a residir no Rio de Janeiro, ao ser transferido para a Secretaria de Estado do Itamaraty. Nos anos de 1945 e 1946 realiza incursões no Brasil, respectivamente, para Minas Gerais e para o Pantanal mato-grossense, chegando a proferir para seu pai em uma carta:

[...] penso em ir aí, em começo de dezembro próximo. [...] A viagem é em companhia do Pedro (Dr. Pedro Barbosa). Em Cordisburgo passaremos 2 dias, indo à gruta do Maquiné. [...] Além do prazer de passar 5 dias em B. Hte, e revê-los, a todos, preciso de aproveitar a oportunidade para penetrar de novo naquele interior nosso conhecido, retomando contato com a terra e com a gente, reavivando lembranças, reabastecendo-me de elementos, enfim, para outros livros, que tenho em preparo. Creio que será uma excursão interessante e proveitosa, que irei fazer de cadernos abertos e lápis em punho, para anotar tudo o que possa valer, como fornecimento de cor local, pitoresco e exatidão documental, que são coisas muito importantes na literatura moderna (Rosa, 2008, p. 238-239).

Em 1945 a viagem por Minas Gerais ocasionou em materiais reunidos em notas da Grande Excursão a Minas, e em 1947 pelo pantanal do Mato Grosso do Sul, em Nhecolândia, resultando em inspirações para *Com o vaqueiro Mariano, Sanga Puytã, Cipango, Ao Pantanal e Uns índios – sua fala* que foram publicados em periódicos e posteriormente integrados a *Estas Estórias e Ave, Palavra*. Em 1948, Rosa retorna a Bogotá e meses depois é designado para a embaixada no Brasil na França, atuando como primeiro-secretário, e continua realizando anotações em seus diários, com reflexões pessoais, literárias, culturais etc. Em uma carta à sua família, ele chega a relatar:

Eu, como sempre, trabalho muito, e, apesar de estar nesta cidade, tão ambicionada e disputada, sonho com o dia em que voltarei ao Brasil, daqui a 4 anos, para então tirar meu ano de licença-prêmio, e consagrá-lo a viajar pelo interior de Minas: descer o rio das velhas em canoa, ir a Paracatú, e outras excursões (Rosa, 2008, p. 248).

Antes dos esperados quatro anos, em 1951 o autor retorna para o Brasil e em 1952 realiza outra incursão no seu referenciado sertão mineiro, fazendo anotações em seu diário de viagem, ou sua caderneta espiral, que posteriormente seria objeto de consulta e rememoração de sua experiência imersiva.

Viaja ao sertão mineiro, começando por Cordisburgo, vindo de trem via Belo Horizonte. Da cidade natal, vai de jipe a Paraopeba e à fazenda da Sirga, em Três Marias, às margens do Velho Chico, acompanhado por Pedro Barbosa. Passa sete dias na fazenda, propriedade de seu primo Francisco Guimarães Moreira. Participa da festa de inauguração da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no cemitério de Sirga, promovida pelo capataz Manuel Nardi, o Manuelzão de Uma estória de amor (Corpo de Baile). No dia 19, parte com a comitiva de uma boiada de 180 cabeças rumo à fazenda São Francisco, em Araçai, invernada vizinha a Cordisburgo, também de Chico Moreira. Monta a Mula Balalaika. À frente da expedição, Manuelzão chefia os vaqueiros Zito, Bindoia, Gregório, Aquiles. Sebastião de Moraes, Sebastião de Jesus e João Rosa, que ‘tomava nota, escrevia na caderneta [...]. Outra- mão ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figura leal’ (O recado do

morro). O trajeto de 220 quilômetros é percorrido em dez dias. Dessa viagem – ‘ não de observação, mas de observância’, como definirá- resultam centenas notas preparatórias da composição de *Corpo de Baile e Grande sertão: veredas*. [...] Na jornada final da viagem, uma equipe de O Cruzeiro alcança a boiada, entrevista Rosa – que agora monta o burro Canário – e os vaqueiros e fotografa a comitiva (Rosa, 2019, p. 528).

O que Rosa vivenciou se tornou anotações em sua caderneta e em duas pastas datilografadas, arquivos que foram intitulados de *A Boiada 1* e *A Boiada 2* que são as organizações das escrituras realizadas em sua imersão, da inventariação e do mapeamento da paisagem durante sua viagem. A travessia realizada em 1952 expressa o simbolismo do reencontro de Rosa com o seu sertão mineiro, e em suas anotações são reveladas o esboço cartográfico daquele espaço, catalogando o que serviria de alicerce na compreensão e descrição da natureza local e da cultura sertaneja mineira. Os registros realizados pelo escritor aparentam, inicialmente, uma não sistematização, por apresentar as mais diversas anotações contendo desde os nomes de vacas, descrição do céu, falas e rezas dos vaqueiros às descrições das paisagens do local. O itinerário descrito nestas cadernetas revela ligações com os caminhos percorridos pelos jagunços em *Grande Sertão: veredas* e nas novelas de *Corpo de Baile*, e permitem que suas lembranças se mantenham acessíveis em qualquer momento.

Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (Halbwachs, 2003, p.69).

Aqueles eventos não irão se repetir, mesmo que hipoteticamente venha acontecer a mesma coisa, ou que um outro escritor, ou qualquer outra pessoa, percorra o mesmo itinerário, da viagem da incursão de 1952 ou, para qualquer outro local em comum no mesmo período e permanecendo o mesmo tempo, estes eventos não irão se repetir. O mundo experienciado por Guimarães Rosa foi transposto e ressignificado em sua obra. As anotações, ao se integrarem como parte da narrativa, passam a ser recriadas e adquirem um novo significado.

O deslocamento do autor para e pelo sertão mineiro, sua reclusão do cotidiano e imersão no que já não lhe é mais habitual diariamente, desde os nove anos de idade, permite que o processo de escrita se intensifique e a execução do enredo tangencie a sua vivência. Por mais que a produção seja uma ficção, são encontrados vestígios da experiência de Guimarães Rosa

naquele espaço. Podemos exemplificar estes vestígios na novela *O Recado do Morro* (2012), no qual o personagem Seo Alquiste ou Olquiste, ao realizar a expedição naturalista que atravessa o sertão, empreende o mapeamento geográfico e geológico do local, realizando anotações em sua caderneta, não lhe escapando nada desde os detalhes das paisagens até as conversas e casos do cotidiano de seus acompanhantes. Olquiste faz uma alusão ao seu criador, Rosa, que revela na volta a sua terra natal o interesse na cartografia e cultura local. Ou ainda em como em *Uma Estória de Amor* que a partir da comparação das anotações do diário de viagem é perceptível como a convivência de Rosa com os vaqueiros, influenciou na novela, como por exemplo a descrição de Manuelzão que guarda traços e semelhanças de Manoel Nardy.

João Guimarães Rosa foi definido por Günter Lorenz (1991), em uma entrevista, como o romancista, o mágico do idioma e o homem do sertão; não se opondo a esta definição explicou:

Chamou-me “o homem do sertão”. Nada tenho em contrário, pois sou um sertanejo e acho maravilhoso que deduzisse isso lendo meus livros, porque significa que você os entendeu. [...] É que eu sou, antes de mais nada, este “homem do sertão”; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também – e nisto pelo menos acredito tão firmemente como você – que ele, esse “homem do sertão”, está presente como ponto de partida mais do que qualquer coisa.[...]E este pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo. Assim, o Cordisburgo germânico, fundado por alemães, é o coração do meu império sueco-latino. Creio que esta genealogia haverá de lhe agradar. (Rosa, 1991, recurso *online*).

As interações entre Rosa e o sertão mineiro vão além das suas incursões com a deglutição pelo conhecimento, pelos estudos sobre línguas e linguagens que possibilitaram o desenvolvimento de práticas textuais e o refinamento de um estilo de escrita que resultou na verbalização do seu fabulismo proporcionado pelo imaginário. Estas interações também são atravessadas pelas narrativas provenientes de suas leituras textuais, de suas anotações, do substrato da oralidade sertaneja e da cultura que o circundava. Em 1952 realizou mais uma incursão no mês de junho para a Bahia, em Caldas do Cipó, a qual relata ao seu pai em carta como foi proveitosa esta viagem:

O passeio à Bahia, sim, esse foi notável. Em Caldas-do-Cipó, pude ver reunidos cerca de 600 vaqueiros autênticos dos “encourados”: chapéu, guarda-peito, jaleco, gibão, calças, polainas, tudo de couro. [...] Lá compareceram vaqueiros de vários Estados, e de quase todos os municípios baianos onde há

criação de gado, do curraleiro (pé-duro) bravo das caatingas. [...] foi bem interessante. Aprendi muita coisa (Rosa, 2008, p. 263).

Vivência e estímulo criativo que irá ser referenciado no texto *Mensagem da ordem do Vaqueiro: Pé-duro, chapéu-de-couro*, em *Ave Palavra*, produção resultante de suas recentes imersões por Minas Gerais e Bahia de modo que nesse as referências aos diversos vaqueiros são realizadas por meio dos locais de suas origens e não por seus nomes:

Vaqueiros... Toda nação deles: de Sergipe, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, Paraíba; da Bahia toda – baianas universas legiões. Vaqueiros de Cumbe, Uauá, Potamuté, Bodocó, Pombal, Inhambupe, Garanhuns, Pedra Azul, Tabaiana, Queimadas, Jeremoabo, Jequié, Tucano, Piancó, Nova Soure, Canudos, Euclides da Cunha, Conquista, Chorrochó, Arcoverde, Nova Olinda, Feira de Santana, Caculé, Ipirá, Cícero Dantas, Alagoinhas, Conceição do Coité... Que dêem os nomes, um a um, sim o que nomes não dizem (Rosa, 1985, p. 174).

Exercendo de modo concomitante suas atividades enquanto diplomata e escritor, após suas imersões em 1952, Rosa realiza a escrita de seus livros de modo fervoroso e constante como relata em carta ao seu pai: “Eu estou trabalhando ‘burramente’, dia e noite, para terminar os livros que estou escrevendo – pois em vez de um, como comecei, a coisa logo virou dois...” (Rosa, 2019, p.530). Em 1955 entrega os originais destes dois livros, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: veredas*. Em outra carta destinada agora a Azeredo da Silveira, em 1956, relata após encaminhar os originais à editora:

[...]passei três dias e duas noites trabalhando sem interrupção, sem dormir, sem tirar a roupa, sem ver cama: foi uma verdadeira experiência transpsíquica, estranha, sei lá, eu me sentia um espírito sem corpo, pairante, levitando, desencarnando – só lucidez e angústia. [...] Passei dois anos num túnel um subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo, escrevendo eternamente (Rosa, 2019, p. 530).

Neste mesmo ano, 1956, o autor tem suas duas obras publicadas, sendo ambas sucesso de críticas e ganhadoras de premiações. A obra *Grande Sertão: Veredas* foi vencedora do Prêmio Machado de Assis do Instituto Nacional do Livro/MEC. E em 1957, proveniente do reconhecimento de seu trabalho e produção ao longo dos anos, declara-se candidato à sucessão de José Lins do Rego na cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras, porém perde para Afonso Arinos de Melo Franco. No ano de 1958, Rosa diminui suas atividades literárias e profissionais, devido ao enfarte que sofre, exigindo um maior cuidado com a saúde como a realização de repouso, ingestão de medicamentos anti-hipertensivos e dieta rigorosa. O escritor comenta com

o pai em carta: “Tenho de evitar qualquer esforço físico, e as emoções surpresas, contrariedade, sustos etc. Fazendo assim – dizem os médicos – poderei chegar aos 90 anos” (Rosa, 2019, p. 533). No passar dos anos continua suas funcionalidades literárias, entrando em contato com os tradutores de suas obras, firmando contrato com editoras; e em 1963 declara-se, novamente, candidato à cadeira número 2 na Academia Brasileira de Letras, na vaga aberta pelo falecimento de João Neves da Fontoura, sendo eleito como terceiro ocupante da cadeira de número 2. Contudo, até 1965 Rosa ainda não havia tomado posse de seu assento na Academia Brasileira de Letras, até que em 16 de novembro de 1967 ocupa o posto, proferindo seu discurso de posse intitulado *O Verbo e o Logos*, que começa e termina com a palavra Cordisburgo. Após três dias de sua posse, em 19 de novembro, falece Guimarães Rosa.

O legado de Guimarães Rosa encontra-se em difusão, mesmo após a sua morte, com as leituras, indicações de suas obras, realizações de estudos acerca do autor e de seus textos, reverberações de sua persona e escrita como adaptações de obras para o cinema e o teatro, eventos literários em homenagem ao escritor e lançamentos de edições especiais de suas obras. O autor buscava enveredar o seu repertório de escritas por meio das fontes primárias que compunha a sua identidade e a identidade de um povo que estava nas margens de citações, referências ou lembranças. Mergulhava nas profundezas das condições humanas, experimentava com a linguagem provocar reflexões e desafiava as convenções literárias, rompendo com o padrão linguístico, estrutural e cultural.

[...]cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens. Conheço meu lugar e minha tarefa; muitos homens não conhecem ou chegam a fazê-lo, quando é demasiado tarde. Por isso tudo é muito simples para mim e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa. [...] A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. [...]Gosto de pensar cavalgando, na fazenda, no sertão; e quando algo não me fica claro, não vou conversar com algum doutor professor, e sim com algum dos velhos vaqueiros de Minas Gerais, que são todos homens atilados. Quando volto para junto deles, sinto-me vaqueiro novamente, se é que alguém pode deixar de sê-lo (Rosa, 1991, recurso *online*).

O apego de Rosa ao ambiente, a vida sertaneja e a busca pela perspectiva de pessoas de fora do seu cotidiano, enfatiza como a sua escrita estava enraizada nas experiências e na sabedoria do sertão. As lembranças que tinha sobre o que ouvia no armazém de Seu Fulô no período de infância, as incursões que praticava e as cartas que trocava solicitando que seu pai lhe contasse com detalhes sobre os acontecimentos:

Há uma semana, escrevi ao Sr. uma carta, e hoje tive a alegria de receber a sua, acompanhada das “notas”, que muito agradeço. [...] Vão ser muito bem aproveitadas! Sempre que o Sr. tiver disposição pode mandar. Na carta, falei no interesse que tenho pelo assunto das caçadas na Serra do Cabral – principalmente quanto aos detalhes pitorescos. O detalhe é muitas vezes de grande proveito, pois metido num texto dá impressão de realidade. Há outros assuntos que gostaria de esmiuçar. Por exemplo: Descrição de pessoas da roça; Descrição de pescaria, a rede; [...] histórias de crimes, grandes brigas, raptos de moças, etc. [...] os detalhes – sobre objetos, usos, expressões curiosas na conversa, etc – são sempre importantes (Rosa, 2008, p.266-267).

Nas trocas de correspondências Guimarães Rosa revela uma relação íntima e intelectualmente estimulante que as informações compartilhadas pelo seu pai proporcionam, ressaltando valor que possuem para ele.

[...] Apreciei, muitíssimo, as notas que o senhor me mandou, sobre os enterros na roça. Aliás, o senhor não imagina como tem valor pra mim essas informações. Penas é que o senhor não mande delas frequentemente. Estão todas colecionadas, com apontamentos e sublinhados dos pontos mais importantes, e, aos poucos, serão, todas elas, aproveitadas nos meus livros (Rosa, 2008, p. 272-273).

Guimarães Rosa é reconhecido por sua habilidade em mesclar elementos da realidade e da ficção, resultando na criação de uma atmosfera literária singular. Esta conexão entre o real e o ficcional encontra ecos nas reflexões de Roland Barthes (1988), acerca da interseção entre a realidade e a ficção, ao argumentar que a literatura reflete e dialoga com diversos aspectos da vida cotidiana. O autor utiliza de detalhes cotidianos e situações familiares proporcionando uma sensação de autenticidade e conexão com o mundo real, mesmo que a história seja fictícia ou revele situações subvertidas da realidade. Parcelas destas apreensões estão associadas ao seu ato de vagar pelo sertão, que possibilita imergir nas experiências comuns das pessoas que encontra pelo caminho, refletindo em seus textos como uma forma de captura da essência da vida cotidiana e que revela as complexidades ocultas por trás da aparente simplicidade. Ele se torna um *flâneur* do sertão, absorvendo os detalhes, os dialetos e as histórias que posteriormente enriquece suas narrativas.

Ao realizar seus deslocamentos, como o que durou dez dias pelo sertão mineiro, Rosa buscava se transportar além do cognitivo, fisicamente, para poder escrever. A mobilidade associada à pulsão pela errância, da busca constante pela outra parte, pelo complemento da lacuna, como por exemplo o desejo de romper com o que lhe enclausura, a reintegração em um exílio ou no próprio retorno ao seu local de origem (Maffesoli, 2001). O sujeito errante almeja o outro lugar, pois naquele em que vive já não são mais encontradas as respostas que se procura

ou a satisfação que deseja. Na errância encontra o seu outro, sua alteridade, encontrando o valor social. Na errância encontra a si mesmo, a sua busca pela identidade, sendo sua história traçada pelos locais por onde passou. Diante destas explicações, podemos elucidar considerações acerca de que Rosa enquanto um escritor-viajante, no seu deslocamento pelo sertão mineiro em maio de 1952, esboçou em seu diário de viagem as abordagens de suas posteriores narrativas, utilizando do discurso presente na da caderneta como base para o discurso da narrativa, já que se não houvesse viajado e anotado provavelmente não teria a mesma percepção da experiência imersiva.

Rosa cumpria, assim uma espécie de programa, que havia esboçado alguns anos antes, em relação a outros lugares: “Estas paisagens eu precisaria de arrecadá-las, levá-las comigo, para casa”. Por isso esse hábito quase compulsivo da anotação e do registro, [...] (Vasconcelos, 2011, p. 191).

A incursão de Rosa não implica apenas o deslocamento físico de um ponto ao outro, mas também no simbolismo, na alteridade, na alegoria, na experiência e no que ocorre entre estes pontos. Os acúmulos de estímulos, as projeções e as lembranças podem ser encontradas na paradoxal presente-ausência de estar em tempo real transcendendo a distância geográfica e social através da releitura do diário de viagem e da sua cristalização através da escrita da narrativa. Esta rica vivência se assemelha ao conceito de devoração antropofágica (Andrade, 1995) no sentido de que Rosa não apenas percorria distâncias geográficas, mas também devorava as nuances culturais, as histórias e as memórias que encontrava ao longo do caminho. Assim, como a antropofagia buscava assimilar e transformar influências estrangeiras em algo genuinamente brasileiro, Rosa assimilava as experiências e impressões do sertão, processando-as em sua mente e depois as deglutia e devorava novamente ao recontá-las em suas narrativas. Este ato de deglutir as experiências e cristalizá-las através da linguagem, permitiu que a cultura do sertão mineiro fosse explorada e propagada, trazendo à tona elementos que muitas vezes eram marginalizados ou negligenciados.

[...] o desafio de uma subjetividade antropofágica é o de se lançar sempre em busca de novos encontros, novas experiências que possam potencializar modos de vida ainda não codificados em extratos dominantes das culturas (extratos já representados a priori), sejam eles compreendidos como locais (supostamente autóctones), ou globais (gerados na esfera de um padrão de mercado sem fronteiras) (Monteiro, 2008, p.185).

A imersão de Rosa, o contato com os vaqueiros, com a natureza e com um sertão mineiro que ele vivenciou parcialmente, até a sua infância, por mais que seja uma região que possui o

conhecimento sobre, ele não vive mais ali, já se encontra desterritorializado, um estranho (Deleuze, 2000). E ao decidir retornar por dez dias para suas origens e referências narrativas, podemos questionar como esta imersão permitiu que Rosa realizasse uma deglutição de um universo que um dia foi seu e agora é do outro, que já povoava a sua subjetividade como antropófago. Devemos levar em consideração que a deglutição rosiana já ocorria por pedidos em cartas ao seu pai, para que contasse mais sobre a vida em Cordisburgo e nos arredores.

A escrita da subjetividade antropofágica é realizada a partir da desterritorialização “imane dos devires da vida” (Monteiro, 2008, p.180). Sendo assim, Rosa realiza o inconsciente maquínico-antropofágico (Rolnik, 2000) em que há o nomadismo do desejo, absorvendo e transformando, ao realizar a deglutição do mundo sertanejo acompanhado de modo individual e coletivo, por meio de suas lembranças dos tempos que viveu na região do sertão mineiro, das cartas que trocava com o pai pedindo para que lhe contasse os causos de Cordisburgo, assim como quando realizou a incursão pelo sertão mineiro. Conhecido por sua habilidade em transformar suas experiências, e as dos outros, em palavras, Guimarães Rosa utilizou sua apreensão da visão, audição, comunicação e imersão para criar suas narrativas. A escrita não apenas registrava seus pensamentos e ideias, mas também dava forma as apreensões de diferentes perspectivas do ambiente.

Mas o problema de escrever é também inseparável de um problema de ver e de ouvir: com efeito, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem inteira tende para um limite "assintático", "agramatical", ou que se comunica com seu próprio fora. [...] Essas visões, essas audições não são um assunto privado, mas formam as figuras de uma história e de uma geografia incessantemente reinventadas (Deleuze, 1997, p.9).

Guimarães Rosa utilizava a linguagem não convencional e muitas vezes inventiva para capturar a essência e a singularidade das experiências sertanejas. Ele quebrava as regras gramaticais tradicionais e criava formas de expressões para transmitir de maneira autêntica a realidade e a cultura do sertão mineiro em suas obras. Ao observar e receber informações sobre a vida cotidiana no sertão, foram capturadas nuances e detalhes de modo aguçado que serviu como base para a criação das narrativas e neologismos desafiando as normas gramaticais e sintáticas tradicionais. Ao criar novos termos o autor acessa lacunas de possibilidades de pensamentos, percepções e interpretações desenvolvendo uma linguagem que deliberadamente diverge das convenções gramaticais estabelecidas.

As cadernetas de viagem de Guimarães Rosa nos servem de auxílio para que possamos compreender parcela do seu processo de criação textual. As anotações realizadas pelo autor

foram incorporadas em diferentes partes de suas obras como o "narrador, que assume, no seu discurso, a dicção dos vaqueiros, seus torneios de frase ou certo tom proverbial. Ou, sobretudo, no plano da narrativa, que transforma em personagens vaqueiros e pessoas com os quais o escritor conviveu durante o acompanhamento da boiada[...]" (Vasconcelos, 2011, p.194). Por mais que a produção seja uma ficção, em suas obras são encontrados vestígios da experiência do autor.

O legado de João Guimarães Rosa é um testemunho da capacidade da literatura em transcender fronteiras e desafiar as normas convencionais da escrita. Sua habilidade de capturar a essência do sertão mineiro envolveu a utilização de matérias-primas como cartas, conversas e imersões no ambiente que desejava retratar. O autor em sua busca por uma representação autêntica do sertão, escapou das amarras das estruturas gramaticais tradicionais, de descrições paisagísticas, criou neologismos, utilizou topônimos como forma de referência e transformou estes elementos em narrativas e expressões da vida sertaneja, cultura e geografia que retratou.

3.2 O EPICENTRO DO SERTÃO ROSIANO

3.2.1 Cordisburgo

O *locus* do sertão rosiano não se limita apenas a Cordisburgo, contudo esta é a cidade origem, do nascimento e de grande parte das referências, de João Guimarães Rosa. Antes de ser nomeada como Cordisburgo, em 1883, a região era conhecida como Sesmaria Empoeiras, porém após a chegada do Padre João de Santo Antônio ao local, com o intuito de fundar um povoado, a região passou a ser denominada como Vista Alegre, devido ao seu encanto com a paisagem e o clima da região. Iniciava a formação do Arraial de Vista Alegre, que com o desenvolvimento passa a ser denominado de Arraial do Coração de Jesus da Vista Alegre, vindo posteriormente a ser elevado a distrito, em 1890, com a mudança de nome para Cordisburgo da Vista Alegre e em 1923 é nomeado apenas por Cordisburgo. O topônimo Cordisburgo em sua etimologia tem origem do latim e do alemão, respectivamente, *cordis* se referencia a coração e *burgo* à cidade ou vila, também sendo conhecida como a cidade do coração, em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus (Cordisburgo, [200?]). Em *O Verbo & o Logos*, o discurso de posse da Academia Brasileira de Letras, Guimarães Rosa inicia e termina sua fala citando Cordisburgo, sua cidade do coração:

Cordisburgo era pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se desencerra a Gruta do Maquiné, milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sob o demais de estrelas, falava-se antes: “os pastos da Vista Alegre”. Santo, um “Padre Mestre”, o Padre João de Santo Antônio, que recorria atarefado a região como missionário voluntário, além de trazer ao raro povo das grotas toda sorte de assistência e ajuda, esbarrou ali, para realumbrar-se e conceber o que tenha talvez sido seu único gesto desengajado, gratuito. Tomando da inspiração da paisagem a loci opportunitas, declarou-se a erguer ao Sagrado Coração de Jesus um templo naquele mistério geográfico. Fê-lo e fez-se o arraial, a que o fundador chamou “O Burgo do Coração”. Só quase coração – pois onde chuva e sol e o claro do ar e o enquadro cedo revelam ser o espaço do mundo primeiro que tudo aberto ao supra-ordenado: influem, quando menos, uma noção mágica do universo (Rosa, 2008, recurso *online*).

Por meio do discurso de posse, o berço do sertão mineiro rosiano fica institucionalmente registrado na breve ocupação do autor como imortal das letras. Neste trecho, Guimarães Rosa expõe a sua ligação com a terra natal ao detalhar aspectos geográficos do território e apresenta parcela da história da construção da cidade, tornando-a um fator característico da composição de sua imortalidade por desempenhar um papel significativo em sua formação literária e intelectual, moldando sua perspectiva e inspirando suas obras. Em outros momentos de sua pronúncia, o topônimo Cordisburgo é mencionado, a exemplo, ao citar a maneira que João Neves Fontoura, o ex ocupante da cadeira 2, se direcionava ao autor o identificando pelo nome de sua terra natal, como forma de tratamento: “Mas, por ‘Cordisburgo’, igual, verve no sério-lúdico de instantes, me tratava, ele, chefe e o amigo meu, João Neves da Fontoura. – ‘Vamos ver o que diz Cordisburgo...’ (Rosa, 2008, *recurso online*). A utilização do topônimo de cidade para referenciar ao indivíduo pode ser apreendida como forma de identificação, de vínculo cultural, reconhecimento da relevância do local ou a evocação e associação ao imaginário geográfico. João Guimarães Rosa, como autor, tem a sua persona associada ao sertão mineiro, a sua terra natal e o uso de Cordisburgo é uma forma de reforçar o reconhecimento desta identidade e de destacar a importância da cultura e vivência do local para suas obras.

Na entrevista realizada por Günter Lorenz , Guimarães Rosa é solicitado a explicar sobre a sua biografia, que o entrevistador já pressupunha que esse “Nasceu no sertão, aquela estepe quase mística do interior de seu país, encarnada como um mito de consciência brasileira...” (Lorenz, 1991, recurso *online*):

[...]devo dizer-lhe que nasci em Cordisburgo, uma cidadezinha não muito interessante, mas para mim, sim, de muita importância. Além disso, em Minas Gerais; sou mineiro. E isto sim é o importante, pois quando escrevo sempre

me sinto transportado para esse mundo: Cordisburgo. (Rosa, 1991, recurso *online*).

O autor encontra em Cordisburgo a base para a construção do seu mundo literário, por mais que tenha deixado de residir na cidade durante a infância, ou que essa esteja localizada longínqua das capitais com população e área pequena, a cidade possui relevância para o autor por esse conseguir encontrar neste território lembranças, inspirações e símbolos que representam a complexidade do sertão mineiro.

Quando uma cidade é lar de escritores que deixaram um legado significativo na literatura, ela tende a se tornar um ponto de referência literária, mesmo que essa não explore comercialmente esta condição. Cordisburgo destaca marcos territoriais literários, realiza e cedia eventos relacionados a obra e a figura do autor e possui um percentual da comunidade que se envolve com este legado de modo indireto ou direto. As correspondências, entrevistas e o discurso de posse podem ser apreendidos como fontes documentais que testemunham a gênese referencial das obras de João Guimarães Rosa. Cordisburgo exerceu influência sobre a vida, as experiências, a identidade, a criação e produção textual do autor ao ser associada como local de sua essência e de herança. A percepção da cidade como epicentro literário é uma fusão de elementos tangíveis e simbólicos, em que os elementos autor e texto, na cidade, convergem camadas que criam um lugar de principal referência história literária.

A identificação de Cordisburgo como o epicentro da literatura ou da figura de Guimarães Rosa é um reconhecimento que transcende fronteiras geográficas, tornando-se uma questão de significado histórico, cultural e literário por divulgar a figura do autor e sua produção textual. A cidade do centro-norte de Minas Gerais não representa apenas o local de moradia e inspiração de Guimarães Rosa, essa passou a ser a representação simbólica da obra e vida do autor. A vida de Rosa permanece sendo propagada por meio da ficção literária, de seus discursos, da homenagem e exaltação ao autor e sua obra em Cordisburgo, contudo, com maior concentração na casa em que residiu durante a sua infância. Esta casa foi institucionalizada pelo Governo de Minas Gerais e tornou-se o Museu Casa Guimarães Rosa. Em resumo, o Museu Casa Guimarães, que iremos abordar e apreender sobre esse na próxima seção, é o local de maior concentração de homenagem e herança dedicado ao escritor em Cordisburgo, em decorrência do acervo, de realizações de eventos e atividades que ajudam a propagar a vida e as produções textuais do autor.

3.2.2 Museu Casa Guimarães Rosa

A casa, que foi de João Guimarães Rosa e sua família, encontra-se localizada na região central da cidade de Cordisburgo, na Avenida Padre João, no número 443, e foi construída no fim do século XIX. Em 1923, a propriedade foi vendida para um comerciante e posteriormente a mesma esteve sob a posse de outros proprietários que a utilizaram para diferentes finalidades, como residência, bar e para jogos (Valle, 2016). Após a morte de Guimarães Rosa, em 1967, e devido à sua significativa representatividade e relevância na literatura brasileira, em 1971 a casa é adquirida pelo Governo de Minas Gerais, transferida para e tombada pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). Em 30 de março de 1974 é inaugurado o Museu Casa Guimarães Rosa, vinculado à Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais - SUMAV / Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, sendo contemplado como “[...] centro de referência da vida e obra do escritor, com a finalidade de preservar, pesquisar, permitir o acesso e divulgar o legado de Guimarães Rosa” (Minas Gerais, 2014, p. 7).

Figura 1 – Museu Casa Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

A casa apreendida a partir da perspectiva de ser o primeiro universo do indivíduo, representa o cerne inicial da sociabilização, possibilitando que a partir da análise de seu contexto sejam realizadas reflexões acerca de relações familiares ou conjugais, as lembranças, o processo de infância, tradições culturais, a segurança que o lar oferece ou mesmo a necessidade de explorar o mundo exterior (Bachelard, 1978). Mais do que eventos registrados em datas, o ambiente domiciliar revela aspectos íntimos e pessoais que moldaram a jornada de

quem ali residiu. Ao investigar as casas podemos desvelar parcela da história de seus anfitriões, por meio de objetos, cômodos e detalhes como decoração ou organização que revelam hábitos ou condições sociais.

O Museu Casa Guimarães Rosa pode ser associado a tangibilidade e ao simbolismo da representação da vida do autor através da estrutura da residência, da exposição do acervo, da organização dos cômodos e da narrativa construída entorno destes elementos. Esses permitem que sejam construídos um sistema de signos discursivos arraigados no espaço da casa, que possibilitam a criação de postulados interpretativos acerca do que era, inicialmente e aparentemente ilegível, tornando a casa-museu legível. O inventário do tempo e da leitura é exposto por meio da ressignificação dos cômodos e objetos que deixam de ser atrelados à sua funcionalidade e passam a ser vinculados ao autor. A organização dos objetos dentro da casa-museu objetiva narrar fatos que estão associadas à vida de Guimarães Rosa, como simbolismo de sua eternização. A configuração de cada cômodo da casa-museu tem o intuito de simbolizar a presença de Guimarães Rosa nas diferentes fases de sua vida e não apenas durante o período da infância, quando de fato viveu nesta residência. Considerado enquanto o epicentro do legado do autor, em cada cômodo condensa fragmentos de memórias cotidianas ou eventuais e passa a ser interpretada não apenas como um espaço de morada, mas também como um local de representação do seu arcabouço identitário.

Cada museu esboça a sua singularidade através da exposição de um acervo que representa um determinado período social. Os museus, além de terem como funcionalidade colecionar, preservar e educar, podem ser caracterizados como lugares de memórias, onde os objetos que nele são salvaguardados possuem significados que são capazes de elucidar interpretações, compreensões, difusões de acontecimentos passados e até mesmo serem facilitadores de percepções acerca de contextos sociais, do próprio indivíduo, em um contexto mais amplo. De acordo com a definição presente nos estatutos do Conselho Internacional de Museus:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022).

Com a função de preservar histórias e culturas ao longo do tempo, por meio de pesquisa, colecionismo, conservação, exposição e interpretação, as instituições museais visam garantir que gerações futuras tenham acesso ao patrimônio material e imaterial, proporcionando ao público apreciação, aprendizado, reflexão e partilha de conhecimentos, ressaltando o papel multifacetado dos museus na disseminação do conhecimento e estímulo ao pensamento crítico. O que é exposto em um ambiente museológico representa a construção simbólica de diferentes períodos ou circunstâncias sociais, culturais e históricas que visam transmitir significados a quem realiza a visita daquele espaço. Mais que espaços físicos de salvaguarda, os museus trazem e guardam em si histórias, significados e símbolos de representações passadas através da perpetuação de interpretações presentes.

O passado que jaz, encontra-se vivo, exposto e presente através do acervo, que se torna mais do que memórias estáticas. O passado é intrínseco à experiência humana, sua preservação e exposição através de registros escritos, objetos, fotografias e testemunhos, permitem reconstruir e apreender sobre o que aconteceu anteriormente. O acervo de um museu é mais do que um conjunto de objetos estáticos dispostos ou armazenados, ao expor o passado de maneira tangível os acervos transformam estas memórias estáticas em experiências dinâmicas. Os visitantes podem ver, tocar e interagir, quando permitido, com objetos que são de períodos passados, contextualizando-os em narrativas que explicam seu significado histórico e cultural. Ao promover o entendimento crítico e a discussão, os museus tornam, e destacam, o passado um fator relevante para as questões contemporâneas, demonstrando que as memórias informam e moldam aspectos do presente.

A tipologia museal casa-museu, ou museu-casa, possui a sua singularidade arraigada na exposição do espaço doméstico, através do destaque dado ao acervo que representa um período de quem ali residiu, sendo capaz de propiciar o estímulo cognitivo e realização efetiva da curiosidade ao visitante do local. O espaço doméstico e sua concepção de reservado, é um dos fatores determinantes na organização da casa-museu. As casas-museus partem da premissa de representar um espaço íntimo de vivência, preservando, ou se assemelhando, a originalidade do ambiente de quando ainda era habitada; ou podem ser um espaço reconstruído, mas que representa um determinado período relevante para uma sociedade, sendo capaz de auferir experiências nostálgicas através de estímulos cognitivos (Afonso, 2015).

Vivenciar um espaço museal e observar por meio de exposições a cenografia que contextualiza os objetos em um determinado local supostamente semelhante à sua forma original, é a introdução na intimidade do outro e é o que move o interesse subentendido na visita das casas-museus. Ao realizar a visita nestes espaços museais é possível que ocorra

a penetração e exploração pelo visitante da privacidade de quem ali viveu, estabelecendo a relação dicotômica do espaço público e do espaço privado.

As casas institucionalizadas como museus e expostas enquanto lugares de memórias “[...] nasceram do anseio de uma parcela da sociedade de salvaguardar os seus bens estimados, expor o legado de alguém, manter viva a memória de um ente querido ou homenagear uma personalidade social, com intuito de preservação e afirmação das suas raízes no cerne da sociedade” (Afonso, 2015, p.14). Essas, ao criarem estruturas que consigam vincular a propriedade que será tida como museu ao seu entorno e ao acervo correspondente à parcela da vida de um determinado personagem, conseguem efetivar a funcionalidade de um museu e propiciar a percepção da memória doméstica através da expografia do espaço.

Cada museu esboça a sua singularidade através da exposição de um acervo que representa um determinado período social. A organização da casa-museu permite que espaços e memórias sejam revelados esboçando a expressão de quem ali viveu, através de inerentes características, despertando o desejo no outro de conhecer cada cômodo. O arranjo doméstico de cada cômodo instiga os visitantes a desvendarem ou elucidarem segredos dos antigos residentes e permitem que ocorra o sentimento de encontro, reencontro e apresentação.

Os objetos e os móveis que se encontram expostos no Museu Casa Guimarães Rosa têm a funcionalidade de personificar o espaço, representando a metáfora do corpo e da presença simbólica de Rosa. Esses adquirem diferentes valores simbólicos a partir do momento que o seu signo é atrelado à ausência de quem era o seu detentor de posse, sendo considerados únicos, já que a utilidade dos mesmos é ressignificada e passa a ter a finalidade, particular, de preencher a lacuna da ausência, da morte.

Objetos que enfeitam e definem ao mesmo tempo, que expressam pertencimento, revelam histórias. Objetos corpóreos que, por sua vez, manifestam todo gênero de metamorfose ao longo dos anos do indivíduo. Compõem uma necessária unidade que consegue definir aquele corpo como o corpo daquela pessoa (Starace, 2015, p.34).

A organização dos objetos dentro da casa-museu objetiva narrar fatos que estão associadas à vida de Guimarães Rosa, como simbolismo de sua eternização. A partir da exposição dos objetos vão sendo construídas narrativas simbolizando, não só, o ambiente doméstico, como também humanizando a personalidade rosiana. A configuração de cada cômodo da casa-museu tem o intuito de simbolizar a presença de Guimarães Rosa nas diferentes fases de sua vida e não apenas durante o período da infância, quando de fato viveu nesta residência, em que a cronologia do tempo de vida é retratada através dos objetos. Quadros,

fotografias, camas, mesas, peças de roupas, máquina de escrever, prêmios e um conjunto de mobiliários e objetos pessoais ligados à estrutura imobiliária da casa (Baudrillard, 2019), são expostos em um interior multiterritorial de modo anacrônico, representando a corporificação de Guimarães Rosa, extrapolando seus nove anos vividos nesta residência e o apresentando enquanto um personagem com ciclo completo de vida com âncoras em diferentes locais, como Rio de Janeiro, Berlim e Cordisburgo. Esses, mobiliários e objetos, encontram-se localizados em determinados cômodos que representam os espaços individuais e coletivos de necessidades e sociabilizações.

A casa é dividida em treze cômodos, no total, além do quintal, sendo que dois desses correspondem aos banheiros do local, um corresponde a sala de administração do museu, um é destinado às exposições temporárias que de alguma forma dialogam com as obras ou vida de Guimarães Rosa e oito correspondem as exposições fixas. A maioria dos cômodos são associados a alguma produção literária de Guimarães Rosa e são esses: 1) Sala de Visita (Acolhimento); 2) Quarto de Guimarães Rosa (Cordisburgo); 3) Alcova (Sagarana); 4) Quarto da avó (Corpo de Baile); 5) Quarto dos Pais (Biografia e Cronologia); 6) Sala de Jantar (Corpo de Baile); 7) Cozinha (Primeiras Estórias e Tutaméia); 8) Banheiro; 9) Banheiro; 10) Sala de Administração (Quarto das irmãs); 11) Exposições Temporárias (Depósito da Venda); 12) Gabinete (Depósito da Venda); e 13) Venda do Seu Fulô (Grande Sertão Veredas; Ave Palavra e Estas Estórias).

A construção da narrativa de Guimarães Rosa enquanto autor é encontrada com maiores evidências, com exposições dos objetos de seu acervo, nos cômodos: Quarto Guimarães Rosa (Cordisburgo); Quarto dos Pais (Biografia e Cronologia); Sala de Jantar (Corpo de Baile) e Gabinete (Depósito da Venda) são os cômodos que constroem como narrativas a figura de Guimarães Rosa como autor. O quarto de Guimarães Rosa tinha sua janela voltada para a rua, de frente para a antiga estação ferroviária da cidade, local em que ficava observando o transitar das pessoas e escrevia sobre o que observava. O Quarto Guimarães Rosa é associado a Cordisburgo e nele são encontrados quadros sobre a história de Cordisburgo, de citação do topônimo da cidade no discurso de posse da Academia Brasileira de Letras, com bordados e passagens de textos de suas obras, fotografias da cidade durante o seu desenvolvimento inicial e fotografias de sua família.

Figura 2 – Quarto de Guimarães Rosa em Museu Casa Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

O fato de o quarto de Guimarães Rosa na casa-museu se chamar Cordisburgo é emblemático e carrega um profundo significado. Ao identificar o quarto como Cordisburgo, são estabelecidas conexões entre o ambiente e a identidade local do autor, lembrando aos visitantes que a terra, a cultura e as experiências vivenciadas na cidade desempenharam um papel fundamental na formação de sua visão de mundo e no desenvolvimento de suas narrativas.

O quarto dos pais, foi o cômodo em que Rosa nasceu e na reconstituição da casa foi exposto como um ambiente com exposição de vestimentas que representam a sua vida adulta. Assim, neste cômodo encontram-se expostos o armário, criados-mudos, cabideiro, porta-retrato, robe de chambre em lã, coleção de gravatas borboleta, calça, paletó, colete, sapatos, meias, cinto, cartola preta e maleta utilizada em suas atividades como médico.

Figura 3 – Quarto dos Pais



Fonte: Própria autora (2023).

As roupas expostas servem como vestígios tangíveis de sua vida e personalidades, para além da figura do escritor, permitem que o público humanize Guimarães Rosa e se conecte de forma mais próxima com esta persona a partir de suas preferências enquanto estilo, e, também, contribui para a criação da narrativa biográfica por meio de suas escolhas de vestuário.

A Sala de Jantar (Corpo de Baile) tem como elemento central a máquina de escrever portátil com caixa em madeira revestida de napa preta, porta lápis em madeira, lápis e caneta tinteiro sobre uma mesa de madeira, imagens ao de datiloscritos de Corpo de Baile e as edições que foram publicadas desta obra, imagens fotográficas de personagens, como Manuelzão, e paisagens que remetem ao sertão mineiro.

Figura 4 – Sala de Jantar



Fonte: Própria autora (2023).

Podemos interpretar a representação da sala de jantar no Museu Casa Guimarães Rosa, com a máquina de escrever como elemento central e imagens de datiloscritos como uma forma de conexão poética entre o ato de escrever e a alimentação. A sala de jantar tradicionalmente associada à alimentação física e à reunião familiar, torna-se um símbolo eloquente de como a escrita não era apenas um ofício para Guimarães Rosa, mas também uma forma de alimentar sua criatividade e expressão. A máquina de escrever pode representar a metáfora de ser uma fonte essencial de nutrição para a mente e alma do autor.

Figura 5 - Gabinete



Fonte: Própria Autora (2023).

O cômodo que representa o gabinete concentra toda a produção e premiação de João Guimarães Rosa, como as publicações de suas obras em diferentes idiomas e edições.

O acervo bibliográfico do Museu Casa Guimarães Rosa, composto por cerca de 160 peças, está dividido entre edições históricas das obras de João Guimarães Rosa e livros relativos à sua vida e obra. Devem ser destacadas as primeiras edições de *Corpo de Baile*, *Grande Sertão: Veredas* e *Tutaméia* e a quinta edição de *Sagarana* por trazerem dedicatória manuscrita de Rosa para seus pais. Outro destaque é o exemplar de número 96 (da tiragem de apenas 116 assinado pelo autor) do livro *Com o Vaqueiro Mariano*, lançado pelas Edições Hipocampo em 1952. Na vitrine está exposta uma seleção desse acervo. (Museu Casa Guimarães Rosa, [201?]).

A abundância de objetos neste espaço não apenas imerge os visitantes no mundo literário de Guimarães Rosa, mas também enfatiza sua dedicação à escrita. Os objetos relacionados à figura do autor como edições originais de suas obras e prêmios literários, não apenas destacam sua importância na literatura, mas também fornecem uma apreensão do processo criativo e a profundidade de sua contribuição e jornada literária.

Figura 6 – Estante com livros – Gabinete



Fonte: Própria autora (2023).

Os museus, ao exporem os seus acervos à sociedade, permitem que os seus visitantes consigam estabelecer relações identitárias e serem capazes de realizarem percepções críticas ou comparativas do que estão tendo acesso. Ao efetuar uma visita em um determinado espaço museal o visitante penetra e explora o que é exposto, podendo ocasionar em comparações que ressaltam ou camuflam detalhes singulares, de diferenças e semelhanças, em que serão criados elos interpretativos, cognitivos e comunicacionais entre o objeto, a coleção, a exposição e o visitante.

Em cada cômodo do Museu Casa Guimarães Rosa vemos evidências tangíveis de sua vida e obra, todos eles convergindo para destacar a riqueza de sua contribuição literária. No entanto, é nos cômodos que exploram de maneira mais direta a vida literária de Guimarães Rosa que a narrativa atinge seu ápice. Os objetos, documentos e referências literárias presentes nesses espaços não apenas traçam sua jornada criativa, mas também nos convidam a adentrar profundamente no universo literário do autor. A exposição no Museu Casa Guimarães Rosa apreendida como o epicentro do legado rosiano, apresenta em alguns cômodos da casa-museu de modo mais direto explorando a mente criativa do autor, revelando os instrumentos de escrita, manuscritos e detalhes de seu processo literário. Enquanto outros cômodos se voltam para a ligação afetiva do autor com sua família e a paisagem do sertão mineiro, proporcionando uma compreensão mais holística de sua vida e das raízes que moldaram suas obras. Esta abordagem equilibrada na narrativa da exposição permite que os visitantes explorem tanto o autor por trás

das palavras, fragmentos de sua vida privada, influências familiares e geográficas que enriqueceram o contexto de suas histórias.

3.3 PROJETOS LITERÁRIOS ROSIANOS NO COTIDIANO DE CORDISBURGO

A literatura é capaz de ressignificar os espaços, de modo que esses tornam-se reconhecidos como lugares literários. O lugar literário no texto é uma dimensão crucial da narrativa, apresentando-se como uma entidade que pode ser tanto concreta quanto fruto da imaginação do autor. Essa representação espacial, muitas vezes delineada com detalhes minuciosos, tem um profundo impacto na experiência do leitor, desempenhando um papel multifacetado que influencia significativamente o enredo e a caracterização dos personagens. Quando o lugar literário é real, como uma cidade conhecida, ele pode criar um senso de familiaridade e conexão com o leitor, tornando a narrativa mais tangível. Em contraste, lugares literários imaginários abrem as portas para a criatividade e permitem que o autor explore mundos únicos e fantásticos, enriquecendo a experiência do leitor com elementos inovadores e surpreendentes.

Consequentemente, a escrita, a autoria e o conhecimento da referência literária são as fronteiras que delimitam e determinam os lugares literários, na medida em que é uma menção a um lugar no tecido textual, ou no percurso biográfico do autor, que ao ser 'arrastada' para a paisagem física permite a criação de um lugar literário (Quinteiro; Baleiro, 2017, p.53).

A intersecção entre o mundo textual e o mundo real indica que os lugares literários não se limitam ao âmbito intratextual, ao contrário, possuem a capacidade de transcender para o espaço físico, materializando-se como manifestações tangíveis que se integram à paisagem real. Os lugares literários na paisagem física podem ser identificados a partir de referências que são provenientes da relação autor-texto em direção ao mundo real.

Um dos modos mais tangíveis de preservar e propagar o legado literário de certos autores, de uma forma geral, é com a criação de lugares dedicados às suas obras e vida. Esta abordagem é uma estratégia eficaz na medida em que oferece uma experiência imersiva, integrativa e interpretativa para os receptores do legado do autor, ou da literatura, além de servirem como pontos de referências identitários e socioculturais. Estes lugares literários podem ser identificados como museus, bibliotecas, feiras, eventos e entre outros, que de alguma forma desenvolva ações ou atividades associadas à literatura.

perpetue há a necessidade da realização da conservação dos mesmos, para que continuem contribuindo para a valorização da identidade cultural local.

A identificação dos marcos territoriais destaca a relação entre literatura e geografia, e oferta a possibilidade de ampliação da experiência literária com imersão tangível no universo que foi referenciado por Guimarães Rosa. Conectando os leitores à paisagem física e evidenciando a complexa teia mimética que preserva e celebra o legado do autor. A Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (AAMCGR) é uma organização sem fins lucrativos que trabalha com a divulgação da obra de Guimarães Rosa e no suporte ao museu-casa. A instituição fica localizada no centro de Cordisburgo, com sede no mesmo prédio da Biblioteca Pública "Riobaldo e Diadorim" e desenvolve, também, os projetos: Grupo da Melhor Idade Estrelas do Sertão; Contadores de Estórias Miguilim e Teatro AAMCGR.

Figura 8 – Logo do Grupo Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa



Fonte: Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (2023).

O Grupo da Melhor Idade Estrelas do Sertão foi criado em 2003, também, pela Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo. O grupo é composto por mulheres a partir dos cinquenta anos que se encontram para bordar frases e imagens extraídas de textos e memórias, além de participarem de peças de teatros e encenações em datas festivas na cidade.

Figura 9 – Logo do Grupo da Melhor Idade Estrelas do Sertão



Fonte: Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (2023).

O Grupo de Contadores de Estórias Miguilim tem seu projeto educativo sendo desenvolvido desde 1995, através da prima de Guimarães Rosa, Calina Guimarães, com o objetivo de proporcionar sociabilização dos integrantes e realizar ações de guiamentos e narrações aos visitantes do Museu Casa Guimarães Rosa. Os Miguilins possuem idade entre onze e dezoito anos, recebem treinamento e formação técnica em narração de estórias e conteúdos sobre a vida e obra de Guimarães Rosa para atuarem em apresentações em escolas, museus, bibliotecas, teatros para além das fronteiras de Cordisburgo).

Figura 10 – Logo do Grupo Contadores de Estórias Miguilim



Fonte: Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa (2023).

O Grupo Caminhos do Sertão foi criado em 1998 em Cordisburgo, mas com realização das atividades em todo sertão referenciado pelo autor, com o objetivo apresentar os lugares reais que representam a mimese de Guimarães Rosa, através da realização de caminhadas ecoliterárias com o percurso de aproximadamente 4km por fazendas da região, visando difundir a literatura rosiana através da narração de contos durante o percurso de caminhada.

Figura 11 – Logo do Grupo Caminhos do Sertão



Fonte: Grupo Caminhos do Sertão (2023).

O grupo é composto por ex-integrantes do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, por músicos e estudiosos da obra, sendo todos integrantes moradores de Cordisburgo. Os locais em que ocorrem as narrações são os que foram descritos por Rosa em seus textos, através da oralidade busca-se a motivação para a realização de leituras futuras, convidando o ouvinte e participante da caminhada a transportar-se literalmente e literariamente para o cenário das narrativas.

O nome do Grupo que organiza este evento é Grupo Caminhos do Sertão. Este nome se deu devido ao fato deste grupo passar a ser convidado para fazer Caminhadas Eco-literárias em outros vários lugares fora de Cordisburgo. Segundo Guimarães Rosa; “o sertão é o mundo” e partindo desta idéia levamos o sertão mundo afora. Fica claro também o quê esse trabalho manifesta nas pessoas, conscientizando as mesmas da importância da conservação da região: cerrado, campos, chapadas, veredas e rios através dos textos especialmente selecionados e narrados pelo o Grupo Caminhos do Sertão. Fazem parte dos trabalhos deste também: apresentações teatrais inspirados na obra Roseana e narrações de estórias. São parceiros e incentivadores deste Grupo: o Museu Casa Guimarães Rosa, local onde o escritor nasceu, o IEF e a Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo (Grupo Caminhos do Sertão, [recuRso online](#)).

Outro projeto literário desenvolvido em Cordisburgo é a Semana Rosiana, que teve sua trigésima quinta edição realizada de 09 a 16 de julho de 2023. A Semana Rosiana foi criada pela Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa, em 1989, e ocorre anualmente, durante o período de uma semana. Este evento possui repercussão nacional, e internacional, e tem como objetivo promover a divulgação da obra de Guimarães Rosa, proporcionando a propagação da literatura rosiana através de diferentes linguagens artísticas (missa em memória ao autor; cortejo religioso; exposição de imagens e bordados que remetem ao legado de Rosa; monólogos de textos rosianos; narração do Grupo Contadores de Estórias Miguilim; caminhada literária urbana e ecoliterária; roda de leitura; chá rosiano; mesa redonda sobre a temática do

evento; lançamento de filmes e livros; outorga de Medalhas João Guimarães Rosa; oficina de produção de textos e entre outras ações).

Figura 12 – Logo da 35ª Semana Rosiana⁷



Fonte: Museu Casa Guimarães Rosa (2023).

A realização de eventos literários, como festivais, exposições, feiras e performances que proporcionam a realização de expressões artísticas, são projetos recorrentes que promovem a recepção da literatura em uma experiência estética que vai além do texto escrito com a realização de atividades de modo coletivo. Os projetos que identificamos⁸ como literários desenvolvidos em Cordisburgo possuem em sua maioria o objetivo de propagação das obras de Guimarães Rosa e do seu legado enquanto autor. A realização destas ações em conjunto com a comunidade tangencia a estética da recepção. Os projetos citados incluem atividades que incentivam a interpretação das obras indo além da simples leitura permitindo que os participantes se envolvam com os textos e explorem diferentes perspectivas a partir de experiências imersivas. O envolvimento da comunidade no desenvolvimento e implementação dos projetos literários propicia a criação de um senso de reconhecimento, identificação e apropriação de modo compartilhado entre os moradores e não moradores.

⁷ A 35ª Semana Rosiana teve como tema ‘Paisagens Rosianas’ realizando “[...] uma abordagem ampla como a própria obra do autor sugere. Várias questões podem surgir a partir desse tema. Uma delas possivelmente é: como o escritor, era um exímio observador/pesquisador nos apresenta essa paisagem em sua obra e como as vimos atualmente? João Guimarães Rosa sempre teve um olhar especial para as paisagens mineiras, sobretudo o sertão, sendo que, seus contos, poemas e histórias em sua maioria, utilizam desse cenário, como personagem importante da trama. Mas, por mais minuciosa e perfeccionista que sejam as descrições dessa paisagem, que nos brinda em suas histórias, é preciso atentar-se para a paisagem do sertão metafísico de Rosa, que também provoca sensações e reflexões do sujeito em relação ao ambiente em que habita. A paisagem na obra de Rosa é ao mesmo tempo contemplativa e reflexiva. Dessa forma a 35ª Semana Rosiana, convida a todos a contemplar e refletir sobre essa paisagem e todas as suas vertentes” (Semana Rosiana, 2023).

⁸ Não trouxemos explicações sobre a Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa e Biblioteca Pública ‘Riobaldo e Diadorim’ devido ao fato de não encontrarmos explicações oficiais sobre as ações que cada uma destas entidades executam.

A historicidade da literatura, sob a perspectiva da estética da recepção, propõe uma abordagem dinâmica que destaca a contínua atualização das obras literárias ao longo do tempo. As obras rosianas são atualizadas a cada ação dos projetos ao utilizá-las, de modo direto ou indireto, despertando o interesse na realização de maiores aprofundamentos nessa. Entender a historicidade da literatura é reconhecer a influência das condições socioculturais que permeiam a criação de uma obra conseguindo realizar análises críticas em relação ao período em que realiza a leitura dessa. Cada leitor, em sua época, contribui com sua própria lente interpretativa ao entrar em contato com a obra, a interpreta à luz de sua própria experiência e contexto, injetando novos significados e perspectivas que enriquecem a trama histórica da literatura.

Projetos literários, que variam desde eventos culturais até iniciativas educacionais, desempenham o papel crucial de mediar a experiência de leitura. A estética da recepção sugere que esses moldam o horizonte de expectativas do leitor, influenciando diretamente como ele se relaciona com a obra. A realização destes projetos sob a perspectiva da estética da recepção, emerge como um campo fértil para explorar a dinâmica entre o horizonte de expectativas, o saber e o conhecimento prévio do leitor. A abordagem de assuntos específicos dialoga com a necessidade do conhecimento prévio do leitor, estimulando a formação de expectativas e lembranças que irão proporcionar a interpretação destas obras no contexto em questão. Da mesma forma que estes projetos de modo implícito carece desse conhecimento prévio do participante, ao mesmo tempo ele proporciona a amplitude do horizonte de expectativas com discussões, mesas redondas, e etc. que experiência contínua, moldando ativamente as expectativas do leitor à medida que a narrativa se desenrola.

A identificação de interesses, gostos e temas preferidos permite que o projeto se alinhe de maneira eficaz às expectativas do público-alvo, proporcionando uma experiência mais acolhedora e envolvente. Porém, esses podem provocar o estranhamento ao introduzir elementos inesperados, desafiando as previsões do leitor e convidando-o a questionar suas suposições, abrindo espaço para novas interpretações e experiências. Abordagens experimentais podem desafiar a familiaridade do leitor com as convenções literárias, instigando uma reação inicial de desconcerto, intensificando o impacto do estranhamento.

A estética da recepção destaca a influência do tempo na interpretação e apreciação de obras literárias. Os projetos literários ao reconhecerem essa dinâmica temporal tornam-se instrumentos para explorar a historicidade do texto, revelando como as diferentes épocas moldaram a recepção da obra e podem proporcionar o desenvolvimento de ações que visam atender a necessidade de novos leitores, como adaptações de textos para filmes, teatros ou HQ,

visitas imersivas virtuais⁹ e entre outros (como forma de exemplo da instantaneidade do consumo na atualidade).

Ao examinar como uma obra literária transcende sua época de aparição e envolve a recepção ao longo do tempo, é possível explorar como os projetos literários desempenham um papel fundamental na contextualização e enriquecimento contínuo da experiência do leitor. A estética da recepção reconhece que uma obra literária não está limitada à sua época de criação. Ela transcende o tempo, dialogando com leitores de diferentes eras e moldando-se continuamente à luz das experiências e perspectivas com o decorrer do tempo. Projetos literários funcionam como mediadores temporais que realizam constantes contextualizações para diferentes públicos ao longo do tempo. Eles não apenas resgatam a obra em sua época original, mas também a adaptam para atender às sensibilidades contemporâneas, promovendo uma conexão dinâmica com leitores de diferentes gerações, com a dimensão diacrônica podemos destacar a necessidade de adaptar a obra para que essa permaneça relevante.

Os projetos literários, ao situarem a obra em contextos socioculturais específicos, enfatizam a função social da literatura na formação de identidades e no diálogo cultural. As atividades que são desenvolvidas promovem a experiência estética coletiva de incentivar e proporcionar a interação entre os seus participantes e contribuir para a formação de uma comunidade literária. A função social da literatura é ampliada por meio de projetos que visam torná-la mais acessível e inclusiva, com o direcionamento para diferentes públicos em diferentes faixas etárias (como os Miguilins e as Estrelas do Sertão) e classes sociais como forma de democratização ao acesso à experiência literária.

Em *O Direito à literatura*, Antonio Candido (2011), alvitra que a literatura não se trata apenas do acesso físico aos livros, mas também do direito de compreender, apreciar e se engajar criticamente com as obras literárias. Ele acreditava que a literatura desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, na ampliação de sua percepção do mundo e na construção de sua consciência social. Realizando nossa investigação sobre os efeitos de recepção em uma sociedade-concidadã que se apropria dos textos de um autor estaremos nos concentrando em compreender também como a literatura pode desempenhar seu papel na formação de identidades individuais e coletivas.

⁹ O Museu Casa Guimarães Rosa possui virtualizada a exposição digital Rosa dos Tempos Rosa dos Ventos, na plataforma ERA Virtual (que visa divulgar e promover o patrimônio e a pluralidade cultural brasileira com mecanismos de visitas imersivas a museus brasileiros e seus acervos, parques nacionais e cidades com sítios que são considerados Patrimônio da Humanidade pela UNESCO).

4 EFEITOS DE RECEPÇÃO: A CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM EM CORDISBURGO A PARTIR DA ANÁLISE DE TOPÔNIMOS LITERÁRIOS

Explicamos o mundo com as palavras, porém essas não anulam o que vemos e sabemos (Berger, 1999). A literatura traz no seu âmago, de modo subjetivo, a potencialidade de simbologias e significados que trabalham com o cognitivo de cada indivíduo por meio dos textos. Compreender o contexto e vivências de quem escreve pode ser considerado uma das curiosidades dos apreciadores da literatura e das obras de um determinado escritor. O “pôr em comum” implica na compreensão e pressupõe o entendimento das partes envolvidas no encontro direto ou indireto entre culturas, histórias, sentimentos, simbolismos e significados.

O reconhecimento do lugar literário em um espaço altera a percepção desse, espaço, gerando uma nova representação. Podemos compreender o lugar literário como sendo um ponto no mapa físico, que possui uma ressignificação a partir da sua contextualização literária. Há pesquisas em que são traçados os caminhos do sertão mineiro rosiano, as cidades por onde Rosa passou na sua expedição em 1952 que ocasionou na referência para a construção de *Grande Sertão: veredas*, porém quais são os rastros que Rosa deixou na sociedade?

O teórico Iser (1999) destaca a imersão da literatura no cerne da cultura ao introduzir o conceito de antropologia literária, delimitando a peculiar relação proporcionada pela literatura entre conhecimento e experiência estética. Essa relação possibilita ao leitor explorar não apenas o passado cultural, mas também diferentes mundos além do seu. A referência a esse conceito visa destacar como a literatura fomenta uma reflexão sobre a cultura, tanto no domínio textual, evidenciado pelo funcionamento da ficção literária, quanto no âmbito do leitor.

Ao invés de estudar uma obra literária apenas em termos de seu desenvolvimento cronológico ou autoral, é possível realizar uma escavação textual para identificar as camadas de significado, discursos subjacentes e mudanças nas formas de expressão ao longo do tempo, revelando estruturas, muitas vezes implícitas, que moldam a produção literária e sua relação com o contexto sociocultural.

O que se encontra de semelhança com o texto, não possui um intuito direto de denotação real do mundo, mas a encenação de um mundo. O texto é o resultado da intenção do autor ao se referir e intervir em um mundo existente, com o intuito de tornar algo, que até então não era, acessível a consciência. O texto compõe um mundo no qual será identificado pelo leitor ao começar a imaginá-lo e interpretá-lo, fazendo com o que esse, leitor, se dedique em criar diferentes formas e perspectivas para identificar este mundo, de modo que o mundo do texto sofre modificações e sua percepção ultrapassa o mundo referencial do texto.

Cada topônimo é uma peça de um quebra-cabeça, e quando estas peças são cuidadosamente montadas, o panorama da paisagem de Cordisburgo como um texto literário surge diante de nós. Os topônimos literários não apenas indicam localizações, mas também invocam emoções, personagens, contos, autor e contextos que foram imortalizados nas obras que os originaram e no legado que os mantêm. Assim como um leitor lê entre as linhas de um livro, o observador atento imerso na paisagem lê além dos nomes dos lugares, capturando as nuances e os significados. A paisagem de Cordisburgo se desvela como texto quando exploramos os topônimos literários, de modo que esses se entrelaçam como elementos textuais com o ambiente físico.

Os topônimos literários, ao serem incorporados na paisagem e na toponomástica de um lugar, são suscetíveis aos efeitos de recepção da literatura que lhes deu origem. A comunidade local ao adotar estes nomes interage com a literatura, reinterpretando e ressignificando os elementos literários de acordo com suas próprias perspectivas culturais, sociais e históricas. O efeito de recepção se manifesta com os leitores-receptores e habitantes ao introduzirem os elementos literários na paisagem através da nomeação de lugares, ao mesmo tempo que filtram esses por meio de suas próprias lentes interpretativas.

A adoção de topônimos literários demonstra uma interação ativa entre as obras e o legado do autor concidadão com a comunidade local, quando os habitantes escolhem inserir em seu cotidiano nomes que fazem referência aos contos, personagens e ao autor, participando de um processo de recepção que reconhece a importância da literatura como um elemento identitário e procuram preservar e homenagear esse legado através do ato de nomear. Este ato de nomear lugares de acordo com referências literárias é uma forma de apropriação da literatura, demonstrando como ela se tornou parte da narrativa coletiva, mesmo que em uma pequena porcentagem da comunidade.

Compreender e realizar o inventário destas toponímias onomásticas irá nos proporcionar realizar identificações e interpretações sobre o motivo pelo qual o sujeito-nomeador escolheu um determinado nome diante de inúmeras possibilidades para designar um lugar. Para a realização deste inventário toponímico, realizaremos a caminhada em transecto. Esta metodologia, conhecida como caminhada em transecto, permite uma cobertura sistemática da região, facilitando a coleta de nomes de lugares e a observação de características geográficas e culturais associadas a eles. Ao investigar como o trabalho de um escritor é recebido e interpretado pelo público, podemos apreender as formas como a sociedade absorve e internaliza certas ideias, valores e temas. Ao explorar como as obras de um autor são recebidas em diferentes contextos sociais torna-se possível examinar a capacidade da literatura de desafiar

ou reforçar normas culturais existentes. Pesquisando sobre a apropriação da literatura pela sociedade, podemos compreender melhor como a recepção e a interpretação das obras se modificam ao longo do tempo. A pesquisa pode revelar como a relevância e o impacto de um autor se alteram conforme diferentes gerações e contextos históricos se envolvem com sua obra. Estas descobertas não apenas aprofundam nossa compreensão da literatura, mas também fornecem uma perspectiva sobre a dinâmica cultural e social de uma sociedade.

Na seção 4.1, *Etnografia nos estudos literários*, iremos apresentar e traçar argumentos sobre a metodologia que iremos utilizar na construção de nossa pesquisa, trazendo os conceitos de antropologia, arqueologia toponomástica, análise de rede e como iremos utilizá-los em nossa pesquisa. Neste contexto, a seção 4.2, *Análise de rede e de frequência na paisagem de Cordisburgo a partir da arqueologia toponomástica*, visa explorar os efeitos da recepção da literatura rosiana na tessitura da paisagem local, com especial atenção para a representação de topônimos literários inscritos na paisagem desta específica localidade e apresentaremos os dados das análises que realizamos.

4.1 ETNOGRAFIA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Guimarães Rosa registrou a paisagem do sertão mineiro em seus textos através de representações espaciais que transgrediram as descrições ou composições de cenários, ao proferir parcela dos hábitos sociais, da cultura e da linguagem sertaneja com o aporte, e destaque para a construção, de seu léxico. O léxico rosiano configura-se como o resultado da somatória de sua vivência e aprendizado, refletindo os aspectos sociais, históricos, geográficos e culturais do sertão mineiro.

O léxico de um autor tem pois de estar contido no léxico de seu idioma, mas, ao mesmo tempo, essa relação de inclusão que se estabelece entre ambos não implica numa sujeição absoluta do primeiro segundo. A obra literária, criando seu próprio universo, não possibilita a coincidência semântico-formal entre ambos. Quando o autor faz uma manipulação completamente original do código linguístico, este é reformulado em seus valores, em suas formas e combinatórias (Barbosa, 1981, p.384).

Embora o léxico de um autor esteja contido no léxico de seu idioma, esses podem transcender as limitações linguísticas convencionais, com a criação literária que permite a manipulação original do código linguístico, resultando na reformulação de valores, formas e combinatórias. O léxico, apreendido como o arcabouço das significações e da organização dos significantes para a linguagem humana, fornece recursos linguísticos que permitem a

comunicação e as expressões de ideias por meio das palavras. Desta forma, podemos compreender o conceito de léxico como sendo um complexo que engloba todas as palavras e as classes gramaticais de uma língua, que fazem parte do vocabulário de um grupo refletindo culturas, histórias e vivências em contextos específicos dentro da comunidade linguística.

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico (M 1) e do mundo cultural (M 3), criado por todas as culturas humanas atuais e do passado (Biderman, 1981, p. 138).

Esta definição do léxico ressalta sua relevância não apenas na linguagem, mas também na compreensão da experiência humana e da variação cultural, refletindo a complexidade que abrange desde palavras simples para objetos do cotidiano até termos complexos para conceitos abstratos e específicos de domínios culturais. Associado ao conhecimento e ao processo de nomeação resultando em operações perceptivas e cognitivas, o ser humano constrói o universo lexical composto por expressões idiomáticas, provérbios, gírias e outros tipos de unidades linguísticas que o proporcionam estruturar discursivamente o mundo por meio das palavras. As palavras do léxico são matérias-primas da linguagem e possibilitam a construção e disseminação de significados. À medida que a linguagem se modifica o léxico acompanha estas mudanças com a criação de novos termos, empréstimos de outras línguas ou as mesmas palavras vão adquirindo outros significados e influenciando a maneira como percebemos o mundo. O léxico e a linguagem possuem relações de interdependências e coexistências, que constituem a base para a comunicação humana.

Reconhecer a importância das estruturas cognitivas na organização da linguagem implica que na forma como as palavras são organizadas no léxico, está enraizada em nossa capacidade cognitiva de conceituar o mundo e categorizar experiências. “O Léxico será definido como um conjunto de categorias cognitivas prévias à enunciação, com base nas quais construímos os traços semânticos inerentes. Entendo por categorias cognitivas visão, objeto, espaço, tempo, movimento, evento, etc.[...]” (Castilho, 2003, p.17). As subcategorias representam os detalhes e as nuances que podem ser expressos por meio das palavras, o que é fundamental para a precisão da comunicação. A forma como usamos as palavras e a linguagem moldam a compreensão e interpretação que temos sobre o mundo. Compreender o mundo com palavras implica em reconhecer que essas não são meramente descritivas e que a sua estruturação compõe o sistema complexo da linguagem, e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do saber humano, proporcionando a possibilidade de comunicar, representar, interpretar e compreender

o que nos cerca. No entanto, é importante reconhecer que a linguagem não é um reflexo neutro da realidade, pois essa exprime acúmulos inerentes à natureza das coisas ou do pensamento humano e varia de acordo com as estruturas e contextos sócio-históricos em que são analisadas. A análise da formação discursiva e dos discursos, de acordo com o filósofo Michel Foucault (2007), pode contribuir para uma compreensão mais ampla da sociedade, possibilitando entender como determinadas ideias, valores e normas são produzidos, disseminados, mantidos ou ignorados.

A análise do discurso para Foucault envolve desvendar as relações de poder que estão presentes na produção, circulação e recepção, implicando em analisar as estratégias e técnicas discursivas utilizadas em determinados contextos, não refletindo apenas a realidade, mas expondo perspectivas sobre o mundo e moldando as identidades humanas. Ao analisar a formação discursiva rosiana, a partir da perspectiva foucaultiana, é notória a construção de um discurso que vai além da representação da realidade e explora a linguagem como um instrumento de expressão e reflexão sobre o sertão mineiro. Encontramos na escrita de Rosa um discurso que expressa a essência do viver e estar no sertão, estruturado por uma linguagem singular repleta de neologismos, regionalismos, topônimos e composições lexicais próprias do autor:

Nesta Babel espiritual de valores em que hoje vivemos, cada autor deve criar seu próprio léxico, e não lhe sobra nenhuma alternativa; do contrário, simplesmente não pode cumprir sua missão. [...] Hoje, um dicionário é ao mesmo tempo a melhor antologia lírica. Cada palavra é, segundo sua essência, um poema, só em sua gênese. No dia em que completar cem anos, publicarei um livro, meu romance mais importante: um dicionário (Rosa, 1991, [np]/recurso *online*).

Em entrevista cedida à Gunten Lorenz, Rosa explana sobre a importância de ter seu próprio léxico, algo que para ele cada autor deveria criar, como uma forma de cumprimento de missão divina; e faz referência ao mito da Torre de Babel, uma narrativa bíblica que descreve a tentativa dos seres humanos de construir uma torre que alcançasse o céu como símbolo de grandeza e poder. Deus, com o intuito de impedir a construção da torre e a autoglorificação da humanidade, confundiu as línguas para que esses não se entendessem, ocasionando na dispersão dos construtores e na pluralidade linguística e cultural. Para Derrida, Babel não envolve somente a multiplicidade de línguas, mas também a necessidade de figuração, a impossibilidade de totalizar qualquer coisa na ordem estrutural, havendo um limite interno para a formalização: "Babel: antes de tudo um nome próprio, seja. Mas quando dizemos Babel, hoje, sabemos o que

nomeamos? Sabemos quem nomeamos?" (Derrida, 2006 p.11). A Torre de Babel, apreendida como uma metáfora da fragmentação linguística e a dispersão dos povos, ocasiona na multiplicidade de idiomas, compreensões, interpretações e por extensão uma diversidade de léxicos que refletem características da cultura e das experiências daqueles que a falam.

A criação do mundo atribuída à palavra é algo que ocorre desde o período bíblico em que o ato de nomear desempenha um papel significativo, refletindo a sua importância e poder, associados ao propósito, à identidade e ao destino. As palavras, ao nomearem, criam uma realidade que enfatizam as suas capacidades em darem forma e substância à realidade concretas, abstratas e simbólicas, que funcionam como atos de criação que vão além da descrição para fornecer significado e identidade. Na passagem bíblica do Evangelho de João (João 1:14), há a afirmação de que "o verbo se faz carne", que descreve o conceito da encarnação, no qual a palavra (o verbo) se torna uma realidade tangível na forma de Jesus Cristo, enfatizando a metáfora de como as palavras possuem o poder de transformar conceitos abstratos em realidades concretas e de como não apenas descrevem o mundo, mas também influenciam a maneira como percebemos e interpretamos o real. A linguagem é um ato de criação que ao nomear algo estamos dando existência a isso, seja no sentido literal ou simbólico com o poder de moldar a realidade e criar um senso de significado e identidade, sendo fundamental para nossa compreensão e interação com o mundo ao nosso redor.

Desde o livro de Gênesis em que Adão é responsável por dar nome a todas as criaturas vivas, até os inúmeros episódios em que Deus muda o nome de personagens, como de Jacó para Israel, o ato de nomear não ocorre de modo isento ou aleatório, e sim como uma forma estratégica de posicionamento e de identificação, motivado por diferentes aspectos significativos. Ao aludir sobre o momento em que Deus cria o universo por meio de sua palavra, e as coisas passam a existir quando ganham significado, o teórico Walter Benjamin (2013), em *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*, utiliza a bíblia como referência para apresentar a relevância da linguagem e do nome como pré-requisito para a existência de algo. Em outro momento do texto, Benjamin aborda sobre a criação dos seres humanos, de modo em que Deus confere a esses a alma e também o dom da língua, permitindo nomear as coisas na medida que vão as conhecendo.

Utilizando, ainda, a espiritualidade como referência nos atos de nomeação, quando a palavra passa a ser concebida como nome, podemos elucidar o processo de batismo que representa o simbolismo do nascimento e do reconhecimento através do nome próprio; e caso esse faça alusão a um mártir, santo, personagem, ou a eventualidades em casos de coisas, quem ou o que o recebe passa comumente a ser associado às suas características (Franco Jr., 2010);

ou ser vinculado ao pressuposto de que quem o nomeou considerava que tal palavra tem o caráter simbólico e significativo para si e para o ambiente em que está inserido. Por diversas vezes o que estes nomes passam a significar em uma sociedade ocorre por meio do paradigma que se cria em torno desse, por já ser utilizado com frequência para referencializar ou exaltar algo, possuindo uma parcela de carga, que os outros esperam que tenham ou, se expresse ou que apresente ao menos uma característica do que o nomeia, ocorrendo uma idolatria ao nome (Levinas, 2011).

As palavras são utilizadas para nomear elementos como animais, plantas, objetos, lugares, para comunicar eventos, emoções, ideias e outros aspectos da experiência humana, proporcionando uma maneira de conceituar e compreender os mundos. A nomeação como recurso de comunicação e linguagem por meio da palavra pode ser associada como elemento de significação, reconhecimento e o que acontece após ser reconhecido é o que determina a dimensão que alcançará. À medida que ocorre a nomeação as coisas vão ganhando significados e passam a ser perceptíveis e identificáveis pelos demais seres humanos, estabelecendo relações com o que está sendo nomeado. Ao nomear um ser humano, reconhecemos sua existência como um ser social, enquanto nomear um objeto estabelece um elo relacional ao torná-lo possuidor de significado e essência criando uma relação entre a palavra e a coisa (Foucault, 2017).

A onomástica ocupa-se em estudar os nomes próprios e o sistema de nomeação, apreendendo a toponímia, que estuda os topônimos ou nome de lugares, e antroponímia, que estuda os antropônimos ou nomes de pessoas (Dick, 1990). Contudo, com relação às características que tangenciam o conceito de signo, e ato de nomear, destacamos as diferenças entre signos linguísticos e signos toponímicos. Os signos linguísticos, como uma entidade dotada de significado e significante, une conceito e imagem acústica, e não uma coisa a um nome. E no signo toponímico, o processo de nomeação é fundamentado pela motivação, refletindo a realidade daquele que o nomeou. O nome possui a função de identificar, e tudo sobre o que se tem o conhecimento possui uma nomenclatura, terminologia ou simbologia com o intuito de determinar seu significado e as relações com o ambiente em que está inserido. Podemos apreender que o topônimo consiste em um signo linguístico na função designativa de um espaço geográfico, e que quando denota também conota, deixando de obter o caráter arbitrário do signo linguístico, podendo ser empregado com diferenças culturais que possibilitam diferentes interpretações.

A nomeação de lugares expõe a forma de organização de uma sociedade, ao chegarmos em uma cidade, por exemplo, constantemente encontramos a placa com seu nome escrito, o que gera questionamentos com relação ao significado ou motivo deste lugar ter determinado

nomenclatura. Esta aparente simples convenção linguística, no entanto, é na verdade uma abertura para a complexidade da organização social e cultural de uma sociedade, ao mesmo tempo em que desperta questionamentos sobre o significado e os motivos por trás da nomenclatura dos locais. A nomeação de lugares reflete a forma como uma sociedade se organiza e se relaciona com o espaço geográfico que ocupa, suas origens históricas, culturais e até mesmo políticas, que nos contam sobre o desenvolvimento das comunidades. O ato de nomear lugares não é neutro, a escolha de nomes e sua localização no espaço podem expressar poder, simbolismo e identidade.

Ao observarmos os topônimos é possível perceber que o ser humano utiliza-se do seu arcabouço lexical para realizar as nomeações, demonstrando conhecer aspectos da realidade que o cerca para designar um local e também estabelece uma relação com interlocutores-visitantes, pois por meio da leitura do topônimo utilizado esses conseguem apreender a referência e o significado atribuído. No signo toponímico, o processo de nomeação é fundamentado pela motivação, refletindo a realidade daquele que o nomeou: “[...]o topônimo se constitui num tipo particular de signo. Se analisarmos a natureza dessas unidades do sistema, percebemos que, na sua gênese, elas diferem dos demais signos linguísticos no que tange à motivação” (Isquierdo, 1996, p.85). Apreendendo o signo toponímico como algo motivado, ocorre a possibilidade de estruturar os princípios da motivação que mais se evidenciam nos nomes de lugares.

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (Dick, 1990, p.19).

As pesquisas toponímicas de um espaço geográfico expõem informações que vão além da compreensão linguística, destacando também a vivência de uma sociedade que pode utilizar a nomeação para expressar impressões, valores, crenças do denominador, envolvendo fatores de ordem social, histórica, econômica, cultural e ideológica que levam a considerá-la um “[...] complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (Dick, 1990, p.35-36). Os topônimos não devem ser interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas concomitante às referências motivacionais necessárias à sua compreensão em seu contexto identitário, social e cultural.

A toponímia e a onomástica possuem uma relação de inclusão, de modo que a utilização dos signos linguísticos se torna especial na onomástica, quando a toponímia o transforma em seu objeto de estudo. A toponomástica, por sua vez, é o estudo dos nomes de lugares, como nomes de cidades, ruas, montanhas, rios, entre outros. Ela está relacionada à geografia, linguística, história, e envolve a análise dos significados, origens e transformações dos nomes geográficos. Consideraremos que a toponomástica ultrapassa a funcionalidade de identificar, individualizar e tangencia a ideia de pertencimento de um determinado grupo social, transformando-se em "[...]um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos" (Dick, 1996, p.337).

Como explicitado no capítulo anterior, o efeito da recepção da literatura rosiana reverbera, de modo mais evidente, nas ações que envolvem o turismo literário em Cordisburgo, com as roteirizações, caminhadas, eventos e também em atividades institucionais que possuem algum vínculo com o legado rosiano, como as bordadeiras do Grupo Melhor Idade Estrelas do Sertão e as narrações do Grupo Contadores de Estórias Miguilim. Ao destacarmos estas ações como efeitos de recepção, fomos impulsionados a questionar e investigar se há outras possibilidades e maneiras da sociedade cordisburguesa refletir e expor a recepção deste legado simbólico e textual. Observar como uma comunidade discute e compartilha suas experiências de leitura possibilita elucidar diferentes hipóteses: sobre o impacto da literatura na vida cotidiana, como ela é interpretada e assimilada pela comunidade; e como a literatura influencia na interação do indivíduo com o espaço citadino que carrega o simbolismo do autor e de sua produção. A paisagem do sertão mineiro e o léxico rosiano, parcialmente composto em decorrência de sua vivência sertaneja, são características marcantes na produção de Rosa e vão ganhar destaque para apreensão dos efeitos de recepção nesta pesquisa.

A vivência sertaneja do autor possibilita na sua criação textual explorar a geografia literária de modo mais intimista a partir da construção de um léxico próprio que faz referência ao território do sertão mineiro, ocasionando na aproximação do leitor a este espaço. A forma como o autor entrelaça a palavra e a paisagem em sua escrita cria uma interação dinâmica entre os dois elementos, de modo que esta relação reverbera nos textos como objeto de descrição, cenário de ações, reflexo da estrutura de uma organização social, referência para a construção linguística do autor, caracterização dos aspectos existenciais da linguagem local e pela utilização dos topônimos. Ao analisar os efeitos de recepção, considerando a interação entre a palavra e a paisagem, podemos elucidar hipótese sobre como a literatura molda a compreensão que se tem sobre um determinado lugar e como são despertadas diferentes respostas cognitivas a partir da leitura, compreendendo a forma como a literatura reflete, interpreta e transforma o

espaço geográfico e como o espaço geográfico, por sua vez, enriquece e contextualiza a experiência literária.

A recepção literária como um processo ativo do leitor com o texto pode despertar o senso de identificação, reflexão e interpretação sobre os aspectos culturais, a compreensão de diferentes perspectivas sociais, históricas e linguísticas, ampliando a apreensão do mundo do leitor. Os nomes de lugares mencionados nos textos, associados ou não as suas características morfológicas, podem criar um horizonte de expectativas nos leitores, moldando suas percepções e interpretações da paisagem. Por exemplo, se um leitor associa uma determinada região a uma obra literária específica, suas expectativas em relação a paisagem serão influenciadas por essa associação, gerando um efeito de recepção particular – assim temos Salvador e Ilhéus de Jorge Amado, Rio de Janeiro de Machado de Assis, Cordisburgo de Guimarães Rosa, e outras cidades que são lembradas por terem sido mencionadas em diferentes obras.

Os nomes de lugares podem desempenhar um papel significativo na criação de efeitos de recepção literária, por carregarem uma bagagem histórica, simbólica e ao serem referenciados despertarem sentimentos nos leitores. Dentre estes sentimentos podemos destacar, a exemplo: a identificação e familiaridade, com a sensação de estarem conectados ao contexto referenciado; de ambientação e imersão, criando a sensação de estar ambientado e imerso na paisagem literária, permitindo que os leitores tracem relações com as narrativas. Um nome de lugar pode representar conceitos abstratos, personagens ou aspectos temáticos da obra, contribuindo para a construção de um universo simbólico, criando camadas de significado adicionais e estabelecendo conexões com o conhecimento prévio dos leitores.

Os topônimos devem ser investigados de modo concomitante com as referências motivacionais necessárias à sua compreensão no seu contexto, social e cultural. A pesquisa toponímica se desenvolve em uma linha documental e de campo, seguindo o método onomasiológico, em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do corpus a ser investigado. Desta forma, objetivamos realizar a investigação toponímica no município de Cordisburgo, como suporte metodológico de apreensão sobre a possibilidade da existência de elementos visuais que expressem os efeitos de recepção (Iser, 1996) pela comunidade, para além dos já citados. A descrição e análise toponímica da paisagem de Cordisburgo será apresentada com a corroboração de registros fotográficos, proveniente do trabalho etnográfico de campo no local, catalogações que visam identificar se há nomenclaturas que possuem relação com a literatura rosiana e a partir destas apreensões realizaremos análises críticas sobre as

relações de efeitos de recepção estabelecidas pelos moradores locais. Os efeitos de recepção ganharão destaque quando analisados a partir da catalogação e elucidações sobre as possíveis motivações toponímicas na paisagem do local, para isso serão observados nomes de estabelecimentos, instituições, ruas, etc. A toponímia aqui será apreendida como um método que possibilitará a realização de interpretações e apreensões de evidências comportamentais sócio-históricas associadas ao discurso literário.

A etnografia, compreendida como procedimento de pesquisa de campo, implica na realização de descrições dos processos de aproximação e imersão em um grupo, de modo que posteriormente o etnógrafo, ao realizar o distanciamento social, consiga reconstruir a experiência observada e expor, por meio das palavras, as práticas culturais da sociedade em destaque (Malinowski, 1975). Embasada pela concepção de que os comportamentos humanos só podem ser compreendidos e explicados considerando o contexto social em que são observados, o fazer etnográfico pressupõe uma descrição consistente da interpretação que o pesquisador fez das coisas, dos acontecimentos, dos fatos e dos fenômenos em campo, com anotações detalhadas sobre o que observa, conversa e ouve, registrando as características, os comportamentos, as práticas, as interações sociais e os contextos culturais. De modo que o que torna esta descrição a ser configurada e considerada um texto etnográfico é a capacidade do pesquisador-escritor utilizar recursos discursivos que demonstrem e enfatizem, a partir da sua imersão, reflexões sobre valores, crenças e costumes de uma sociedade (Geertz, 1989). Contudo, os pesquisadores não buscam apenas descrever as práticas e comportamentos observados, mas também interpretar seu significado dentro do específico contexto e a partir do método etnográfico apresentarem as percepções dos fragmentos, dentre as múltiplas dimensões socioculturais, que representam a realidade do grupo.

A descrição etnográfica vai além da mera enumeração de fatos, buscando transmitir a experiência sensorial, emocional e cultural vivenciada. Estas interpretações e exposições que representam a realidade de uma coletividade proporcionam uma compreensão holística e contextualizada dessa por meio das palavras de quem se imergiu. Rosa, como já discutimos anteriormente, em suas incursões pelo sertão mineiro, utilizou de recursos etnográficos como ir a campo para se aprofundar nas investigações sobre os lugares que desejava retratar em suas obras, conversas de cunho informal com os vaqueiros e moradores do território sertanejo e as anotações em suas cadernetas.

A partir da compreensão sobre o que se configura como um trabalho etnográfico em nossa pesquisa de campo, nós iremos realizar registros fotográficos, catalogações e posteriormente serão desenvolvidas as análises sobre o que se apreendeu em campo. A partir

do que foi explicitado, trabalharemos com de um método etnográfico que será desenvolvido a partir da junção dos conceitos de arqueologia do saber de Foucault¹⁰ (2017) e da ideia de toponomástica que denominaremos de arqueologia toponomástica. Compreenderemos a arqueologia toponomástica como um termo que irá se referir aos estudos interdisciplinares que combinam os campos da arqueologia do saber foucaultiana e da toponomástica, visando analisar os topônimos, nomes de lugares, à luz de contextos sociais. Ao analisar a toponomástica com base na arqueologia do saber, podemos investigar como os nomes de lugares são utilizados para demarcar territórios, construir identidades culturais, reforçar narrativas históricas e exercer poder sobre o espaço. Contudo, na nossa pesquisa, a arqueologia toponomástica será desenvolvida a partir da análise em campo dos topônimos presentes da paisagem de Cordisburgo referentes as obras, personagens ou a figura de Rosa. Ao relacionar a arqueologia do saber com a toponomástica, podemos examinar como os nomes de lugares são construídos e como eles refletem as práticas discursivas e as regras de classificação. Por exemplo, ao investigar a história de uma cidade e seus nomes de ruas ao longo do tempo, é possível identificar mudanças nas formas de nomeação e nos critérios de seleção dos nomes.

A caminhada em transecto é uma metodologia utilizada em pesquisas de campo para coletar dados de forma sistemática em uma área específica. Neste método, o pesquisador percorre um trajeto linear predefinido, transitando por diferentes tipos de ambiente. Começaremos a nossa caminhada a partir de um ponto específico e retornaremos para o mesmo, percorrendo pelas ruas que abrangem um raio de 160m em torno do epicentro rosiano, que no caso se configura como marco-zero: o Museu Casa Guimarães Rosa. Esta metodologia, conhecida como caminhada em transecto, permite uma cobertura sistemática da região, facilitando a coleta de nomes de lugares. Optamos por escolher entre um formato circular da abrangência da área de caminhada, por considerar as características da área de investigação e, pois, um formato circular pode ser mais adequado para áreas com maior densidade de lugares ou características geográficas a serem exploradas, permitindo uma cobertura mais completa. Já um formato quadrado pode ser útil para áreas mais delimitadas, onde uma abordagem mais direcionada é necessária. Para o nosso estudo, o transecto tangenciando a perpendicularidade quadrada seria mais eficaz, contudo, o formato circular duplicado nos proporcionará a ilusão

¹⁰ A arqueologia do saber é uma abordagem proposta por Foucault que visa investigar as condições de possibilidade do conhecimento em determinado momento histórico. Ela se concentra nas formas de discurso, nas práticas discursivas e nas regras que governam a produção e a circulação de conhecimento em uma determinada época.

imagética de uma caminhada em formato de 8, em metáfora ao simbolismo do sertão infinito.¹¹ Nesta simbologia do infinito como método de caminhada, a casa-museu de Guimarães Rosa será o ponto central, considera o epicentro do infinito rosiano na paisagem de Cordisburgo.

Figura 13 – Mapa com área pré-definida para transecto em Cordisburgo



Fonte: Própria autora (2023).

4.2 ANÁLISE DE REDE E DE FREQUÊNCIA DE TOPÔNIMOS LITERÁRIOS NA PAISAGEM DE CORDISBURGO A PARTIR DA ARQUEOLOGIA TOPONOMÁSTICA

Os nomes dos lugares podem ser considerados importantes elementos que incorporam camadas de memórias, tradições e vivências que possibilitam elucidações e apreensões acerca de como uma sociedade se relaciona com o seu entorno. A toponomástica, como campo de estudo dedicado à análise dos nomes de lugares, transcende os limites de interpretações dos topônimos como apenas meras rotulações e se destaca como um método essencial para compreensão da tessitura cultural, linguística, geográfica e histórica de uma região. Os topônimos de ruas, praças, parques, rios, estabelecimentos, e entre outras estruturas que compõem a paisagem de uma cidade são marcos simbólicos e de significados que narram a história do local, nos impele a explorar suas raízes e influências que a tornaram como é hoje.

¹¹ “Escrevendo descubro sempre um novo pedaço do infinito. Vivo no infinito, o momento não conta” (ROSA, 1991, recurso *online*). O símbolo do infinito, lemniscata, é utilizado como imagem no fim do livro *Grande Sertão: veredas* refletindo a incessante busca em compreender o infundável mosaico da vida e da linguagem.

Apreendidos a partir da funcionalidade prática de serem pontos de referências que facilitam a localização, orientação, identificação e comunicação, na elaboração cartográfica os nomes de lugares desempenham um papel essencial como marcos linguísticos que conectam a geografia física com a linguagem humana e proporcionam a identificação de localizações específicas. A paisagem apreendida como um sistema dinâmico de significados e representações que podem ser lidos e interpretados de maneira semelhante a um texto escrito (Cosgrove, 1998), possuem inseridos os topônimos como elementos linguísticos que compõem uma narrativa visual múltipla e complexa. Ao observar uma paisagem e identificar os nomes dos lugares presentes, os indivíduos podem ler estes topônimos como palavras-chave que evocam imagens mentais, associações culturais e emocionais. Isso leva a uma compreensão mais profunda da paisagem, uma vez que a interpretação dos topônimos permite que se descubram as histórias e os valores associados a esses lugares. O arranjo dos topônimos na paisagem pode criar padrões visuais e conexões semelhantes a uma narrativa. Estes arranjos podem destacar o desenvolvimento histórico de uma região, as influências culturais que moldaram sua identidade e as relações espaciais entre diferentes locais.

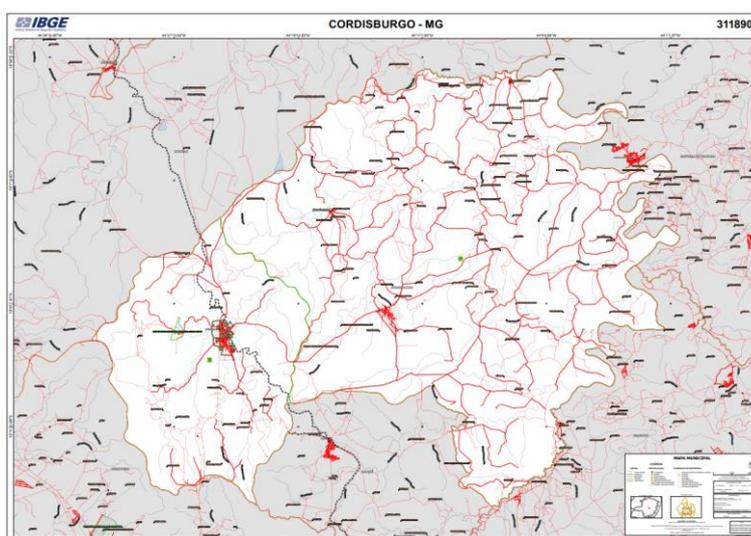
Os topônimos na literatura e topônimos com referências da literatura possuem uma interdependência que fortalece a experiência tanto da leitura quanto da interpretação do espaço geográfico. Ao utilizar topônimos de maneira perspicaz, os autores literários podem enriquecer suas histórias, enquanto os topônimos com referências literárias permitem que a literatura influencie o mundo concreto, ampliando o significado cultural e literário dos lugares. A interação entre esses dois aspectos evidencia a maneira como a literatura e o mundo físico se entrelaçam para criar uma experiência multifacetada. No presente estudo apreendemos a abordagem de topônimos literários como aqueles nomes de lugares que possuem características literárias (autores, personagens, obras, contos, etc.) como referência.

A presença de topônimos com referências literárias na paisagem de uma localidade concreta estabelece a conexão entre literatura e geografia, resultando na criação de textos visuais que são embasados na paisagem como texto. A inserção de topônimos inspirados na literatura transforma a geografia em um terreno onde a realidade e a ficção se entrelaçam e atuam como sinais linguísticos que remetem a histórias e conceitos literários, convidando os observadores a lerem a paisagem como um texto cheio de referências diegéticas. A presença de topônimos literários cria uma experiência imersiva para os observadores, transformando a paisagem em um cenário evocativo de narrativas literárias. Assim como um texto literário convida o leitor a visualizar cenas e personagens, a paisagem concreta com topônimos literários convida o leitor a imaginar as histórias e cenários associados a esses nomes. Os topônimos que

fazem referência à literatura e estão presentes na paisagem de um lugar podem ser considerados como efeitos de recepção, manifestando a influência da literatura sobre a identidade cultural e geográfica da região. Estes topônimos não são simplesmente formas e escolhas de nomeações, mas, sim, vestígios tangíveis da maneira como a literatura penetrou no tecido social do lugar, moldando a forma como os habitantes percebem e interagem com o espaço. A relação entre os topônimos e a literatura cria um vínculo dinâmico entre a palavra escrita e o espaço vivenciado, permitindo que a realidade e a ficção coexistam no mesmo território. Os topônimos literários se tornam fragmentos de um mosaico cultural que revelam como as histórias e os nomes se entrelaçam com os lugares e reforçam a ideia de que a literatura tem o poder de transcender as páginas dos livros, alcançando e influenciando a composição geográfica de um território.

Objetivando identificar a possibilidade de ocorrências de topônimos literários em Cordisburgo, nos dias¹² 15/07/2023 e 16/07/2023 foi realizado o trabalho de campo com a prática de visita imersiva ao município, período em que acontecia a 35ª Semana Rosiana e que tinha como tema as Paisagens Rosianas, como mencionado na seção 3.3. A cidade encontra-se localizada na região centro-norte de Minas Gerais e possui, de acordo com dados do censo de 2022, a população estimada em 7547 pessoas, e área territorial de 823.654 km², com densidade demográfica de 9,16 hab/km² e territórios vizinhos como Araçaí, Andrequicé, Lagoa Bonita, Três Marias, locais já citados por Rosa em obras ou entrevistas.

Figura 14 – Mapa e contorno de Cordisburgo (MG)

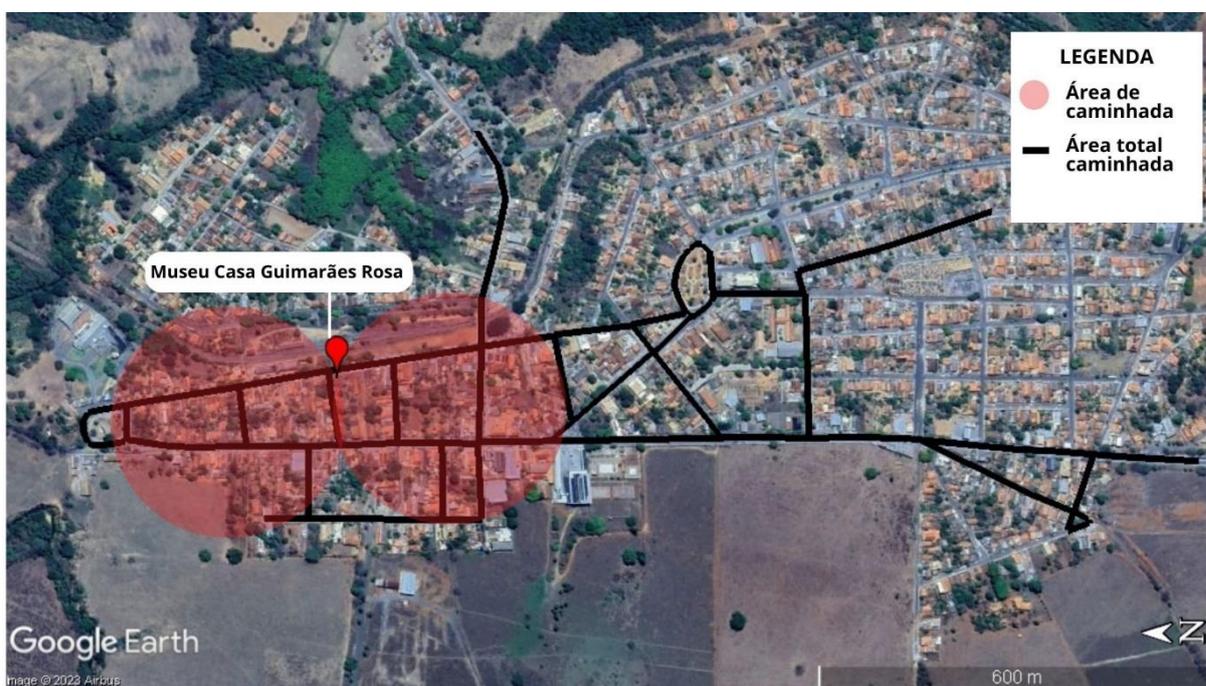


Fonte: IBGE (2022)

¹² O trabalho de campo teve início no dia 14/07/2023 com saída de Juiz de Fora e chegada no mesmo dia em Cordisburgo (Juiz de Fora – Belo Horizonte - Sete Lagoas - Cordisburgo) e retorno no dia 16/07/2023 (Cordisburgo - Sete Lagoas – Belo Horizonte – Juiz de Fora).

Utilizamos como ponto de orientação referencial, bem como alusão de interseção entre o começo e o fim, o Museu Casa Guimarães Rosa como local de partida e chegada da caminhada pelas ruas do município. A partir deste ponto de orientação definimos duas áreas circulares a serem exploradas com raio¹³ de 160m, cada, correspondendo aproximadamente a sete quarteirões. Contudo, a caminhada foi realizada também por vias que não se encontravam dentro do raio estimado por conter elementos que contemplariam nossa atual pesquisa¹⁴.

Figura 15 - Mapa do transecto realizado em Cordisburgo



Fonte: Própria autora (2023).

Ao realizar a caminhada pelas ruas de Cordisburgo, observando as nomenclaturas dos locais e elementos que de alguma forma evidenciam alguma relação com o legado de Rosa,

¹³ A decisão da restrição métrica da caminhada em um raio de 160m por área circular é decorrente do trabalho de campo ter um período reduzido para ser realizado, não conseguindo efetivar uma abrangência completa no município, mesmo esse tendo uma área considerada pequena. O raio definido consegue abarcar os quarteirões que possuem habitação no entorno da região da casa-museu, porém dentro da área pré-definida deixamos de contemplar uma rua, por ser uma região erma.

¹⁴ O raio métrico estipulado para a realização da caminhada foi ultrapassado, pois durante o trabalho de campo foram diagnosticados elementos que iriam complementar a pesquisa e esses não se encontravam no raio estipulado. Desta forma decidimos flexibilizar a ampliação do território a ser investigado (Rua São José, Av. Padre João; Travessa Guimarães Rosa; Travessa Dona Mundinha de Almeida; Rua Governador Valadares; Rua Nossa Senhora Aparecida, Rua Frei Estevan; Rua Adonias Guimarães; Rua Frei Leônidas Schoel; Rua Cordis; Rua José Saturnino e Rua José Henrique de Freitas.)

foram notadas referências a literatura rosiana e ao autor a partir: i) dos marcos territoriais distribuídos pela cidade (que foram apresentados na seção 3.3), ii) de órgãos institucionais que continham a nomenclatura associada a sua figura (será exposto posteriormente na análise dos topônimos); iii) pinturas na parede do hotel e no muro próximo a uma lanchonete com o semblante do autor; iv) escritos parafraseando as suas obras, em um bar-lanchonete próximo a casa-museu; e v) pinturas em tecidos com símbolos que fazem referências as suas obras no Centro de Atendimento ao Turista.

Figura 16 - Pintura na parede de lanchonete com o semblante de Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 17 - Pintura na parede do Hotel com o semblante de Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 18 – Escrita de parte da obra de Guimarães Rosa em parede de Bar/Lanchonete



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 19 – Pinturas no centro de atendimento ao turista



Fonte: Própria autora (2023).

A partir das observações, realizadas em campo, das maneiras que a comunidade cordisburguense explicita o conhecimento sobre Guimarães Rosa e sua produção, podemos estabelecer a partir do método de análise de rede, por exemplo, informações sobre a construção estrutural entre diferentes elementos ou identificar quais elementos nodais são observados com maior frequência e quais as suas influências. A análise de rede apreende a realidade social como uma estrutura de relações, que é o foco investigativo deste método, que envolvem diferentes atores que podem ser pessoas, organizações, instituições, unidades geográficas, dispositivos ou qualquer entidade que possa ser definida e que tenha alguma forma de interdependência com

outros atores na rede. Os atores são os pontos nodais, que formam os nós da rede, e as conexões entre esses nós representam as relações ou interações entre eles.

Os estudos sobre as redes possuem origem na área de matemática, com a teoria dos grafos, mas também é desenvolvida nas áreas da saúde, antropologia, ciências sociais, física, etc., sendo que na sociologia que este estudo é realizado com foco nas relações entre os seres humanos, as redes sociais, visando elaborar análises que irão proporcionar a extração de dados das relações que são estabelecidas. A análise de rede oferece uma perspectiva que permite compreender a complexidade da realidade social ao destacar as interações e conexões entre indivíduos, grupos ou entidades em uma estrutura. Ao invés de examinar apenas os componentes isolados, esta metodologia concentra-se nas relações entre estes componentes, revelando padrões, estruturas e dinâmicas que emergem das relações. Isso permite uma compreensão mais profunda e holística da maneira como os atores sociais se influenciam mutuamente e como a informação e influências circulam dentro desta rede.

Em nosso estudo, iremos desenvolver a análise de redes a partir do pressuposto da existência de uma lógica de análise estrutural a partir de dois principais objetivos: a identificação de padrões de interação social e a compreensão das influências destes padrões nos comportamentos dos atores sociais. Para alcançarmos estes objetivos, utilizaremos a análise de rede de modo simplificado como método de apreensão visual e etnográfico, da presença de topônimos literários em Cordisburgo, visando apreender sobre a existência de relações de proximidade, tendência e padronização entre esses. E como complemento utilizaremos a análise de frequência, que é um método quantitativo que irá envolver a contagem e classificação visando estabelecer características em comum entre esses.

A análise de rede nos estudos literários pode ser aplicada, por exemplo, com a finalidade de identificar os padrões e tendências na produção textual de um autor, para discernir as características similares entre personagens de diferentes obras de um autor ou de autores de determinada localidade, ou a relação temática por autores de diferentes lugares em um determinado período e entre outras investigações, etc. Em *O Atlas do romance Europeu*, Franco Moretti (2003) constrói sua argumentação abordando a geografia literária, os espaços, nos romances europeus de 1800 à 1900, estabelecendo, relações de redes com suporte gráficos, das características comuns ou divergentes das produções textuais deste período. Debruçar-nos-emos em compreender os topônimos como nós de uma rede e as relações entre tais nomes de lugares como ligações entre os nós. Isso pode ser usado para identificar padrões nas relações, por exemplo, nomes de lugares que são frequentemente mencionados juntos, ou nomes de

lugares que estão localizados perto uns dos outros. No trabalho de campo realizado em Cordisburgo identificamos a presença dos seguintes topônimos:

Tabela 1 – Identificação de topônimos literários em Cordisburgo

TOPÔNIMOS	TIPO	REFERÊNCIA
Museu Casa Guimarães Rosa	Instituição (museu)	Autor
Praça Miguilim	Logradouro (praça)	Texto
Portal Grande Sertão	Logradouro (praça - estátuas)	Texto - Autor
Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa	Instituição	Autor
Restaurante Sarapalha	Estabelecimento (restaurante)	Texto
Travessa Guimarães Rosa	Logradouro (rua)	Autor
Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa	Instituição	Autor
Biblioteca Pública ‘Riobaldo e Diadorim’	Instituição	Texto
Loja Sagarana	Estabelecimento (comercial)	Texto
Loja Sagarana	Logradouro (ponto de ônibus) ¹⁵	Texto
Auto Posto Guimarães Rosa	Estabelecimento (posto de gasolina)	Autor

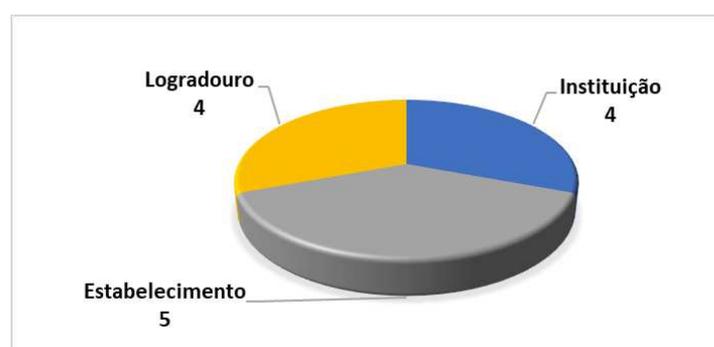
¹⁵ O topônimo Loja Sagarana encontra-se presente também no ponto de ônibus próximo a loja. Esse foi classificado como logradouro, visando obter uma forma de padronização na nossa pesquisa e devido ao fato deste estar localizado em uma rodovia, cabendo como classificação mais cabível para a o estudo.

Panificadora e Lanchonete Vista Alegre	Estabelecimento (Lanchonete)	Texto
Empório Sertão Veredas	Estabelecimento (Restaurante)	Texto

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A tabela apresentada tem o objetivo de consolidar os dados obtidos em campo a partir da observação participante, da presença de topônimos literários referentes, de alguma forma, à Rosa. Na primeira coluna (denominada topônimos), registramos os nomes de lugares identificados no raio do transecto e que possuem relação com o legado rosiano, sendo mapeados o total de treze. Dentre estes treze topônimos identificados, nós os classificamos em tipos, na segunda coluna, sendo categorizadas três tipologias: estabelecimento, instituição e logradouro. E na terceira coluna realizamos a identificação de quais seriam as referências dos topônimos, classificando-os a partir da tríade da teoria da recepção autor-texto-leitor. Com estas categorizações podemos contabilizar a presença dos topônimos literários na paisagem a partir da relação de classificação de seu tipo, sendo apreendidos em um total de cinco estabelecimentos privados, quatro instituições públicas/privadas e três logradouros.

Figura 20 – Gráfico de classificação e quantidade dos tipos de topônimos observados



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Compreendendo os estabelecimentos como locais físicos em que são desenvolvidas atividades econômicas com a oferta de prestações de serviços, identificamos cinco topônimos que classificamos como estabelecimentos prestadores de serviços nas áreas de alimentos e bebidas (3), combustível (1) e lojas de artigos no geral (3).

Figura 21 – Estabelecimentos Prestadores de serviços na área de alimentos e bebidas (Restaurante Sarapalha, Empório Sertão Veredas e Panificadora e Lanchonete Vista Alegre)



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 22 - Loja Sagarana



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 23 – Autoposto Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

Com relação a estes estabelecimentos podemos notar uma predominância dos topônimos terem como influência majoritariamente produção textual: obra (*Sagarana e Grande Sertão: veredas*), conto (*Sarapalha*) e localização que já foi citada em conto e que também foi o primeiro topônimo de Cordisburgo (*Vista Alegre*, em *O Recado do Morro*).

Tabela 2 – Relações dos estabelecimentos

TIPO	SETOR	REFERÊNCIA	INFLUÊNCIA
Estabelecimento	Alimentos e Bebidas (3)	Texto (4)	Sarapalha; Vista Alegre (O Recado do morro e o primeiro nome de Cordisburgo); Grande Sertão: Veredas
	Artigos - Geral (1)		Sagarana
	Combustível (1)	Autor (1)	Guimarães Rosa

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como instituições compreendemos e definimos as organizações de ordem pública ou privada que possuem o caráter de instituições sociais de serem ferramentas de integração do indivíduo a sociedade. Dos quatro topônimos que são instituições, nós os classificamos enquanto entidades públicas e privadas.

Figura 24 - Museu Casa Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 25 - Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 26 - Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e Biblioteca Pública Riobaldo e Diadorim



Fonte: Própria autora (2023).

Com relação as instituições podemos observar que há uma predominância de topônimos institucionais relacionados ao nome do autor (Museu Casa Guimarães Rosa; Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa e Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa) e uma relacionada ao texto, no caso ao nome dos personagens (Biblioteca Pública Riobaldo e Diadorim).

Tabela 3 – Relações de instituições

TIPO	SETOR	REFERÊNCIA	INFLUÊNCIA
Instituição	Pública (3)	Texto (1)	Grande Sertão: Veredas – Personagens Riobaldo e Diadorim (biblioteca)
		Autor (2)	Guimarães Rosa (casa-museu; associação dos amigos do museu)
	Privada (1)	Autor (1)	Guimarães Rosa (Academia de letras)

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

E como logradouros compreendemos que são os lugares destinados à circulação pública de veículos e pedestres como ruas, avenidas, viadutos e praças. Classificamos o ponto de ônibus aqui neste trabalho como logradouro por esse ser um local de utilidade para veículos e pedestres, e também como uma forma de enquadramento de padronização dos elementos. Dos quatro topônimos identificados e os classificamos em ponto de ônibus, rua e praça.

Figura 27 - Portal Grande Sertão Veredas



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 28 – Praça Miguilim



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 29 - Ponto de ônibus e Travessa Guimarães Rosa



Fonte: Própria autora (2023).

Com relação aos logradouros podemos perceber que há um equilíbrio com relação as referências serem aos textos e ao autor.

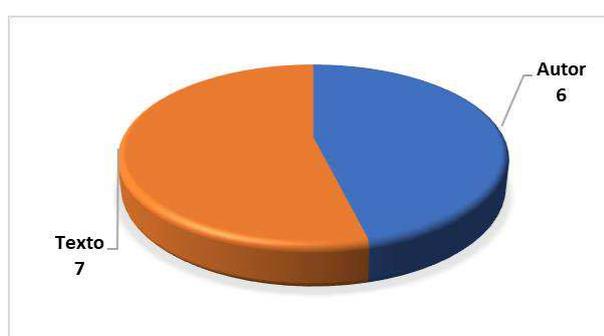
Tabela 4 – Relações dos logradouros

TIPO	SETOR	REFERÊNCIA	INFLUÊNCIA
Logradouro	Ponto de ônibus (1)	Texto (1)	Sagarana
	Praça (2)	Texto (2)	Miguilim (personagem de O Recado do morro) e Grande: Sertão Veredas (Portal Grande Sertão)
	Rua (1)	Autor (1)	Guimarães Rosa

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Ao utilizarmos a tríade autor-texto-leitor como fundamento para a classificação de topônimos com relação as suas referências, visamos apreender como ocorre as contextualizações e relações entre os topônimos literários na paisagem de Cordisburgo. No entanto, os resultados da análise de dados são esclarecedores quanto à dinâmica predominante na referência aos topônimos. Em meio aos compartilhamentos e análises realizados, fica evidente que as interações entre os topônimos e os leitores são mais diretamente influenciadas pela relação autor-texto. O envolvimento do leitor na construção do significado dos topônimos está intrínseco à teoria da recepção e seus efeitos, e são estes leitores que passam a atribuir significados ao contexto literário de seu concidadão no município.

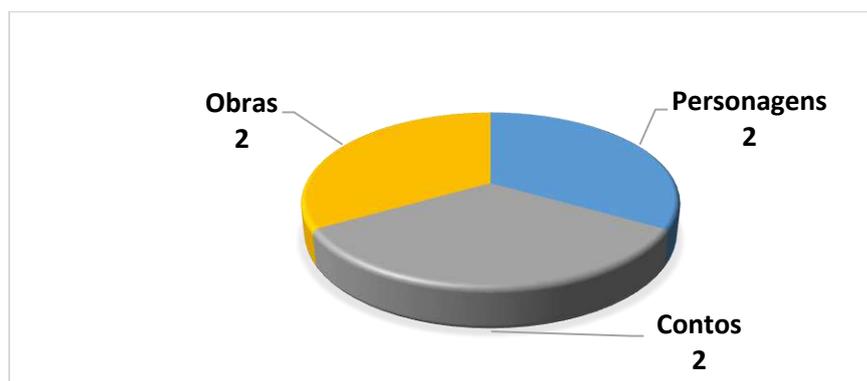
Figura 30 – Gráfico de frequência de referências



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A investigação das influências dos leitores-nomeadores possibilita desvendar as dinâmicas subjacentes dos topônimos literários. Quando nos cenários onde os topônimos ligados a estabelecimentos demonstram uma tendência de serem predominantemente referenciados aos texto, diferentes perspectivas podem ser apreendidas: esta relação entre o nome e o texto pode incentivar a visitação e criar um senso de identificação emocional para os visitantes; a atmosfera física do estabelecimento pode criar uma experiência temática imersiva reforçando a conexão entre a literatura e o espaço ou a relação direta com o nome pode inspirar eventos que dialogam diretamente com as temáticas literárias associadas, como ocorreu no Restaurante Sarapalha na 35ª Semana Rosiana em que o estabelecimento foi o local de início de concentração para a caminhada ecoliterária do grupo Caminhos do Sertão. Os topônimos relacionados aos textos fazem referências: aos nomes próprios de personagens emblemáticos (Miguilim, Diadorim e Riobaldo); conto e nomes de lugares em contos (Sarapalha e Vista Alegre presente em O recado do Morro) e títulos de obras (Grande Sertão: Veredas e Sagarana).

Figura 31 – Gráfico de frequência de referências relacionadas ao texto



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quando as instituições exibem topônimos com o predomínio de referência ao autor, emerge uma interligação significativa entre a reputação ou história do autor. Essa associação entre a instituição e o autor sugere que a imagem e a sua influência são transferidas para a própria instituição e a maneira como ela será percebida pelo público. Dessa forma, o ato de nomear uma instituição torna-se um meio para transmitir a herança intelectual do autor a um local concreto. O equilíbrio de referências entre texto e autor nos logradouros nos conduz a uma dinâmica de uma construção narrativa em que as nuances do espaço físico da paisagem e a perspectiva dos indivíduos que consegue visualizar e identificar estas referências resultam em uma síntese de uma construção simbólica e identitária da comunidade. A peculiaridade dos

topônimos que fazem referência a autores invariavelmente, o foco recai sobre o nome próprio do escritor, ressaltando a centralidade da figura de Rosa na construção do referencial de seu legado literário em Cordisburgo. Podemos supor que a escolha toponímica reflete a intenção de eternizar a contribuição literária singular dos autores e de reconhecê-lo como figuras centrais na construção da memória coletiva.

A análise dos topônimos nos permitiu construir dados que pudessem apreender quais tipos de elementos estruturais que compõem a organização social estão relacionados e referenciados a textos específicos, quais estão enraizados na história do autor e quais possuem um equilíbrio nas dimensões autor-texto. Esta análise não apenas enriquece nossa compreensão dos padrões identificados, mas também oferece a possibilidade da realização de elucidações acerca da construção e gestão do espaço geográfico, do desenvolvimento cultural e estratégias de preservação patrimonial. A análise de rede nos conduzirá a um panorama das relações dos topônimos literários e das influências que moldam seus significados investigando os padrões de interações. Ao mapear os topônimos na análise de rede podemos desvendar como estes padrões influenciam as conexões e interações entre os atores na rede dos topônimos literários. A abordagem revelará não apenas a prevalência desses padrões, mas também como eles se traduzem em redes de interação, potencialmente revelando comunidades de prática, influenciadores-chave ou agrupamentos temáticos.

Figura 32 - Mapa Rede de Topônimos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na imagem anterior, cada um dos pontos representam um topônimo, os que estão em cor: vermelho representam as instituições, em verde os logradouros e em azul os estabelecimentos: Desta forma podemos apreender com relação a localização que: i) o Museu Casa Guimarães Rosa e Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e Biblioteca Pública Riobaldo e Diadorim estão na mesma rua Avenida Padre João; ii) Portal Grande Sertão; Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa; Loja Sagarana; Auto Posto Guimarães Rosa; Panificadora e Lanchonete Vista Alegre ; Restaurante Empório Sertão Veredas e Praça Miguilim estão na Rua São José; iv) O restaurante Sarapalha está rua Governador Valadares e; vi) a Travessa Guimarães Rosa já é o topônimo de um logradouro. Podemos observar no transecto realizado que os nós da rede de topônimos literários presente na paisagem encontram-se concentrados em suas distribuições em três ruas, sendo que uma dessas é a que recebe o nome do autor e fica localizada ao lado do Museu Casa Guimarães Rosa, o nó 1 desta rede. Enquanto os demais ficam localizados nas duas principais e maiores vias da cidade.

A concentração de topônimos literários em locais estratégicos pode funcionar como uma espécie de roteiro literário a céu aberto em quem as pessoas podem seguir um trajeto que passe por essas vias e se deparar com nomes que evocam elementos presentes na literatura rosiana. Isso não apenas cria uma experiência referencial para os visitantes, mas também fomenta a construção identitária da comunidade local com sua herança literária¹⁶. Outra interpretação possível é que a concentração de topônimos literários nas principais vias busca criar uma identidade definida para Cordisburgo, uma paisagem literária; e isso pode ser associado a um esforço deliberado para posicionar a cidade como um destino para os amantes da literatura, incentivando a visita de pessoas interessadas em conhecer o ambiente que inspirou Guimarães Rosa, porém diante do que presenciamos em campo este postulado acaba por não se enquadrar, devido ao fato dos topônimos em rede apresentarem suas definições no método da aleatoriedade e de escolhas simbólicas para os proprietários . Em suma, a concentração dos topônimos literários nas principais vias da cidade de Cordisburgo revela uma estratégia de perspectivas individuais de integração entre a literatura e o espaço. Por mais que estes topônimos estejam concentrados, esses não interagem entre si, construindo uma narrativa

¹⁶ No cotidiano da comunidade a toponímia pode funcionar como um veículo contínuo de preservação da memória literária. Ao analisar os diálogos informais entre moradores, que, ao mencionarem ruas e estabelecimentos associados a literatura revivem as memórias das obras e do autor, contribuindo para a perenidade do legado literário. Quando, de maneira casual, um morador compartilha direções para uma rua específica ou menciona a disponibilidade de um produto em uma loja conhecida, a toponímia surge como uma extensão da obra e do autor em questão. Essa prática cotidiana, aparentemente trivial, torna-se um ato contínuo de preservação cultural, mesmo que de modo inconsciente.

fluida, apenas fazem referência ao legado literário rosiano. Esses apresentam-se localizados de modo próximo, porém a rede que conseguem estabelecer é apenas nominal, pois não realizam ações conjuntas. Contudo, esta abordagem não apenas enriquece a experiência visual e cultural dos moradores e visitantes, mas também posiciona Cordisburgo como um local com uma identidade literária com os outros efeitos de recepção e os topônimos são elementos complementares. A relação entre os topônimos literários e as principais vias da cidade destaca a importância de unir a literatura à geografia para criar uma experiência única e enriquecedora para todos.

A análise de rede permite mapear as conexões entre esses topônimos, revelando uma teia complexa de relações simbólicas. Cada topônimo não é apenas um nome, mas também um nó em uma rede de significados entrelaçados. Essa abordagem ajuda a visualizar como o legado rosiano e a paisagem estão interligados, demonstrando que os textos não apenas descrevem a paisagem, mas também contribuem para moldá-la através dos nomes que são adotados. O método de análise de rede permite examinar as interações entre diferentes obras literárias e seus reflexos na paisagem no decorrer que as referências literárias se acumulam e se entrelaçam nos topônimos. A paisagem se transforma em um palimpsesto cultural, onde diferentes camadas de significados se sobrepõem. O estudo das conexões entre os topônimos literários revela como os significados e o simbolismo influenciam na construção da paisagem, levando a um processo intertextual em que a literatura é incorporada de maneira tangível.

A relação entre a análise de rede de topônimos e a intertextualidade também ressalta a dinâmica contínua entre a literatura e a paisagem. Isso reflete a natureza cíclica da intertextualidade, onde diferentes contextos e perspectivas contribuem para a reinterpretação constante das histórias e dos lugares. A análise de rede oferece uma lente para observar essa evolução intertextual em tempo real, enquanto os topônimos literários continuam a criar pontes entre as palavras escritas e a experiência vivida. À medida que os nomes são incorporados ao cotidiano da comunidade, eles adquirem camadas adicionais de significado, não apenas vinculando-se a literatura, mas também a vida cotidiana da comunidade. Esta evolução é um reflexo da natureza fluida da intertextualidade, onde diferentes contextos e experiências se entrelaçam para criar novas leituras e interpretações.

Em síntese, a análise em rede dos topônimos que fazem referência literária em seus nomes revela uma relação profunda entre a teoria do efeito de recepção e a intertextualidade, quando os efeitos de recepção se manifestam no momento em que os habitantes adotam esses nomes e os reinterpretam de acordo com suas próprias perspectivas, enquanto a intertextualidade é evidenciada na conexão constante entre a literatura e o território, criando um

diálogo em que as palavras escritas e a paisagem física se entrelaçam para contar histórias e desvendar significados.

A cidade que apresenta vestígios literários por meio de seus topônimos é um palco onde a toponímia converge para enriquecer e dar vida à sua paisagem. Cada nome de rua, praça ou edifício evoca memórias culturais e históricas, transformando-se em janelas para narrativas que transcenderam as páginas dos livros. A toponomástica ao investigar a etimologia e as conexões linguísticas por trás dos nomes de lugares, permite que a cidade revele suas camadas ocultas de significado. Estes topônimos se transformam em elos tangíveis entre o passado e o presente, refletindo a evolução da cidade e os enredos literários que nela se desenrolaram. Cada local batizado em homenagem ao autor, ao personagem ou ao texto sutilmente ecoa uma cena famosa e testemunha o entrelaçamento entre autor-texto-leitor no tecido urbano. A cidade adornada com os legados das letras se transforma em um mapa vivo onde os topônimos atuam como guias, conduzindo os visitantes a um mergulho nos fragmentos literários que moldam seu cenário.

A paisagem como texto é composta por camadas de significados que se acumulam ao longo do tempo, resultando em um palimpsesto estético, de modo que vestígios do passado dialogam com as contingências do presente. Este palimpsesto estético da paisagem não se trata apenas de questões e aparências visuais, esse é moldado pela interação dinâmica entre fatores culturais, históricos e sociais que se sobrepõem em camadas compostas por significados e símbolos que podem ser subjetivos e variáveis de acordo com as perspectivas individuais ou de um grupo em determinado período (Cosgrove, 1998). A concepção da paisagem como texto visual e construção social, que pode ser interpretada e compreendida (Cosgrove, 1998), possui o enfoque analítico que transcende a mera observação do espaço físico, adentrando em um território onde as formas e arranjos espaciais são decodificados como elementos de comunicação. Estas análises permitem desvendar as narrativas subjacentes que moldam a forma como percebemos e interagimos com o ambiente ao nosso redor, incluindo a compreensão das diferentes camadas temporais, sociais e culturais presentes na paisagem, assim como a análise das relações que influenciam a sua configuração, construção e representação.

A relação entre a teoria de Foucault e a arqueologia toponomástica pode ser estabelecida na medida em que ambas buscam descobrir as nuances subjacentes que moldam as percepções e entendimentos de um espaço. Assim como Foucault investigou os discursos e práticas que moldaram o conhecimento e o poder, a arqueologia toponomástica examina como os topônimos, veículos de linguagem e comunicação, influenciam a interpretação e a construção da relação entre homem e espaço, em nosso estudo por meio da paisagem literária.

A proposta de investigação que permeia a arqueologia toponomástica na paisagem de Cordisburgo revela-se como um campo de estudo que transcende a mera análise de nomes que fazem referência a elementos literários e tenta compreender como a recepção e o efeito da literatura de seu concidadão pode ocorrer no local. Este paradigma, que se insere na convergência entre a arqueologia e a toponomástica, visa decifrar as camadas de significados que residem nos topônimos locais, proporcionando a compreensão da interação entre o homem e seu ambiente através da literatura.

Diante do nosso objetivo, para este capítulo, de realizar análises dos topônimos que fazem referência ao legado literário de Rosa, por meio de reverências aos seus textos, personagens ou a sua figura, e que podem ser apreendidos como efeito e recepção na paisagem, em uma mimese invertida, podemos apreender que este processo ocorre no território sertanejo rosiano, porém de forma heterogênea e aleatória. Nem todos os topônimos que são identificados, independente do tipo, possuem alguma relação direta com a literatura rosiana, como a Loja Sagarana, o Autoposto Guimarães Rosa, a Panificadora e Lanchonete Vista Alegre e o Empório Sertão Veredas que fazem referências apenas em suas nomenclaturas sem tangenciar ações internas ou características físicas que remetem ao literário. A heterogeneidade evidencia as apropriações que a comunidade realiza em relação ao legado do autor, revelando a literatura como um fenômeno permeado por subjetividades. Podemos argumentar que embora a conexão não seja imediatamente aparente, e exija a presença de um leitor real para observar a presença de tais topônimos, esses, contudo, contribuem para a ambientação e contextualização da cidade colaborando na construção de uma atmosfera permeada pela sua influência literária. A estética da recepção (Jauss, 1994), nesta pesquisa, sendo apreendida como um contexto geral de ações que reverberam em perspectivas coletivas (que podemos apreender com o Museu Casa Guimarães Rosa, a Caminhada Ecoliterária Caminhos do Sertão, Contadores de Estórias Miguilim, Grupo Caminhos do Sertão, Praça Miguilim, Portal Grande Sertão entre outras ações e instituições) tangenciam uma rede sólida de ações em concomitância. Enquanto os efeitos de recepção apreendidos individualmente por topônimos de estabelecimentos privados não constroem uma rede de ações que contribuem para manter viva a herança literária de Rosa de modo concreto de perpetuação, apenas em nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar e compreender como o universo construído diegeticamente por um escritor pode ser apropriado no dia-a-dia dos moradores das regiões que serviram de referencial-inspiracional. Desta forma, visamos apreender se, e como, a paisagem física e concreta de Cordisburgo (MG) configura-se a partir da reapropriação do universo sertanejo das obras de João Guimarães Rosa, ou seja, se o escritor se inspirou na região que habitou para construir seu universo diegético, agora, queremos verificar se os seus leitores contemporâneos, habitantes reais deste território, se apropriam desta criação artística para recriar a paisagem por onde transitam.

O estudo não buscou estabelecer verdades absolutas no âmbito literário, mas, sim, explorar as dimensões da construção textual, que vão além da estrutura narratológica convencional. A proposta foi averiguar, através de elucidações e análises, como a compreensão da construção do texto pode ultrapassar os limites das formas tradicionais, tornando-se uma prática cultural humana que molda o cotidiano de uma cidade. Realizar estas investigações a partir do consenso ou a ruptura, a representação ou aproximação da realidade social, a forma do conteúdo com a organização dos significados ou a forma da expressão com a organização de seus significantes são escolhas em consonância com o objetivo pretendido com o objeto a ser estudado.

A concepção de paisagem como construção textual destacou-se como um elemento central no desenvolvimento desta pesquisa. Abordamos a paisagem não apenas como um cenário físico visível, mas como uma construção simbólica e legível de uma narrativa que transcende as formas objetivas para adentrar o campo da subjetividade, carregada de significados e valores para os indivíduos que a constroem e a experienciam. Esta perspectiva permitiu-nos abandonar a apreensão física tradicional acerca da paisagem, como um simples reflexo do visível da relação entre homem e ambiente, e nos permitiu enveredar para discussões relacionadas a literatura e a geografia que abarcam mais do que explorar o elemento espaço na literatura. A abordagem foi além da representação literária do território, focalizando o efeito da recepção do texto na sociedade-concidadã do escritor.

Para alcançarmos o objetivo da pesquisa, começamos nossas investigações realizando a revisão teórica sobre as conceituações do termo literatura e os desdobramentos da representação do elemento espaço na literatura. Discutir sobre a espacialidade na literatura implica em compreender as relações entre a literatura e a geografia, disciplina em que o elemento espaço possui maiores aprofundamentos teóricos, apreendendo sobre a geografia literária e destinando

maior foco para a categoria espacial paisagem. Ainda nesta discussão inicial, trouxemos as conceituações acerca da teoria da recepção de Jauss (1994) e Iser (1996), traçando elucidacões acerca da convergência entre as duas teorias e os efeitos de recepção serem apreendidos a partir da junção da estética da recepção, do efeito de recepção e da inscrição da literatura na paisagem.

Posteriormente, realizamos uma análise da construção do legado literário rosiano traçando uma linha temporal sobre suas produções, trazendo evidências de como o sertão mineiro pode ser considerado o epicentro do seu legado, mais especificamente Cordisburgo, com projetos desenvolvidos em amplitude coletiva no município e o Museu Casa Guimarães Rosa.

A problemática que orientou este estudo partiu da premissa de considerar o processo inverso de apropriação de aspectos do mundo real no ficcional pelos autores, ou seja, a apropriação de aspectos ficcionais no mundo real pelos leitores que tiveram seus específicos ambientes como referências. Assim, buscamos apreender se a cidade de Cordisburgo, *locus* da pesquisa, é configurada a partir da reapropriação do universo sertanejo presente nas obras de Guimarães Rosa e visamos investigar como os leitores contemporâneos da cidade se apropriam dessa criação artística para recriar a paisagem concreta por onde transitam, de modo que a abordagem foi além da representação literária do território, focalizando o efeito da recepção do texto na sociedade-concidadã do escritor.

Para alcançarmos as respostas, realizamos investigações visando encontrar a inscrição da literatura nas paisagens da cidade, realizando um trabalho etnográfico de campo durante dois dias, na 35ª Semana Rosiana, investigando a presença de topônimos literários em Cordisburgo com o propósito identificar elementos visuais que expressassem os efeitos de recepção pela comunidade e estabelecer uma relação direta entre a literatura rosiana e a toponímia local.

A descrição e análise toponímica da paisagem de Cordisburgo foram apresentadas com o respaldo de registros fotográficos provenientes do trabalho etnográfico de campo, catalogações para identificar nomenclaturas relacionadas à literatura rosiana proporcionando uma base sólida para análises críticas sobre as relações de efeitos de recepção estabelecidas pelos moradores locais. A toponímia emergiu como um método eficaz para apreensão de evidências comportamentais sócio-históricas associadas ao discurso literário, revelando a interseção entre a literatura e a realidade social.

O desenvolvimento do termo arqueologia toponomástica, representou uma inovação nesta pesquisa. Esta abordagem resultou da fusão dos conceitos de arqueologia do saber de Foucault e da toponomástica, buscando uma análise interdisciplinar dos topônimos à luz dos contextos sociais, visando analisar os nomes de lugares em relação ao contexto em que estão

imersos. A aplicação do método etnográfico permitiu a apreensão das relações entre os topônimos presentes na paisagem de Cordisburgo com referências as obras, personagens ou a figura de Guimarães Rosa. A caminhada em transecto, adotada como metodologia de coleta de dados, proporcionou uma cobertura sistemática da região, tangenciando um raio específico em torno do epicentro rosiano, o Museu Casa Guimarães Rosa. A escolha do formato circular para a abrangência da área de caminhada, simbolizando o sertão infinito, contribuíram para a apresentação de uma dimensão metafórica à pesquisa.

Desta forma, chegamos ao resultado de encontrarmos inscritos na paisagem treze topônimos literários que faziam referências ao nome do autor e aos seus textos (a partir de menção aos nomes de personagens, obras, contos e lugares). Com relação à sua tipologia, nós as classificamos em instituições, logradouros e estabelecimentos. Já com relação à referência que estes topônimos realizam, nós as definimos como ao autor (referindo-se ao nome desse) e ao texto (nome de personagem, título de obra ou conto e topônimo inserido na obra). Os topônimos literários de estabelecimentos são em total de cinco: um utiliza o nome do autor como referencial nominal e é do setor de combustível e quatro fazem referência toponímica ao texto (Sarapalha; Grande Sertão Veredas; Sagarana e Vista Alegre em O recado do Morro); sendo que, dentre estes quatro, três são do segmento de alimentos e bebidas e um de artigos em geral. Com relação às instituições, essas são em quatro, sendo três do setor público e uma do setor privado. O topônimo da instituição do setor privado faz referência ao nome do autor e as do setor público; duas fazem referência também ao nome do autor e uma ao texto (personagens Riobaldo e Diadorim de Grande Sertão: Veredas). E, por último, os quatro logradouros, desses três fazem referência ao texto (personagem Miguilim de O Recado do Morro e a Grande Sertão: veredas) e são classificados como ponto de ônibus e praça; e o último logradouro é uma rua que faz referência ao autor.

Os topônimos literários podem ser considerados efeitos de recepção da literatura de Guimarães Rosa uma vez que surgem como expressões culturais e estéticas como reflexo à sua obra e à sua vida. A comunidade local ao adotar estes topônimos está incorporando a literatura no tecido urbano, criando uma espécie de diálogo visual entre a realidade e a ficção. Essa recepção ativa e consciente da literatura na paisagem não apenas reflete a reverência pela obra de Guimarães Rosa, mas também gera um senso de pertencimento e identificação entre os habitantes. Os efeitos de recepção da literatura rosiana na toponomástica cordisburguesa têm implicações mais amplas, destacando como a literatura pode ser incorporada no tecido social de uma comunidade e como a paisagem pode funcionar como um meio de perpetuar e reinterpretar os textos literários. Estes topônimos literários identificados atuam como pontos de

conexão entre a palavra escrita e a experiência vivida, criando um terreno fértil para a intersecção entre literatura e realidade como forma de lembrete tangível, elucidando acerca de como a literatura pode transcender as páginas dos livros e se tornar uma parte intrínseca da identidade cultural e geográfica de um território.

No desfecho desta dissertação, é oportuno destacar uma interpretação concernente à concentração de topônimos literários nas principais vias de Cordisburgo. Ao invés de conceber tal fenômeno como uma iniciativa consciente, como construção de uma identidade específica para a cidade, transformando-a em uma paisagem literária e um destino dedicado majoritariamente à literatura rosiana, a análise de campo revela uma dinâmica distinta. Em contraposição à premissa anterior, que sugeria uma conexão intencional entre os topônimos e a promoção de Cordisburgo como local de inspiração de Guimarães Rosa, a observação direta desmistifica esta associação. Por mais que existam projetos sendo desenvolvidos com a intenção de promover a literatura rosiana, as ações individuais de topônimos literários, ao proliferarem na rede urbana, mostram-se mais orientados pela aleatoriedade, a espontaneidade e às escolhas simbólicas dos proprietários do que por uma estratégia deliberada de integração entre literatura e espaço. Em resumo, a concentração desses topônimos nas principais vias da cidade não reflete tanto uma estratégia unificada, mas, sim, perspectivas individuais que desafiam a premissa inicial de uma ligação intrínseca entre literatura e o ambiente urbano cordisburguense.

O contexto em que Cordisburgo, cidade associada ao autor Guimarães Rosa, integra elementos literários em sua paisagem constitui um fenômeno que transcende a mera reverência ao autor e suas obras. A presença de instituições como a casa-museu, placas com passagens de textos, semana literária e caminhadas ecoliterárias denotam um esforço coletivo para relacionar a identidade da cidade com o legado literário do autor, inserindo suas reminiscências no tecido social e físico do município.

O delineamento do objetivo de realizar uma análise dos topônimos que fazem referência ao legado literário de Guimarães Rosa, enfatizando reverências aos seus textos, personagens ou sua figura, abre portas para uma investigação sobre a intersecção entre a literatura e a construção da paisagem em Cordisburgo. A alusão a uma "mimese invertida" sugere uma dinâmica onde a literatura não apenas inspira a paisagem, mas também é reinterpretada, apropriada e refletida através da estética da recepção (com lugares, mapas e rotas literárias) e dos efeitos de recepção (com a investigação a partir dos topônimos literários).

A constatação de que este processo ocorre em território sertanejo rosiano, embora de forma heterogênea e aleatória, como explicitado na seção anterior a partir do resultado da

investigação a partir do método da arqueologia toponomástica, lança luz sobre a complexidade da relação entre literatura e a geografia. A análise crítica de casos específicos, que fazem referências apenas em suas nomenclaturas, destaca a necessidade de uma compreensão mais aprofundada da relação entre a escolha do nome do lugar pelo proprietário e a herança literária. Para esta pesquisa foi realizada a tentativa de aplicação de um questionário online, que se encontra na seção apêndice, para os estabelecimentos de alimentos e bebidas (Restaurante Sarapalha, Empório Sertão Veredas, Panificadora e Lanchonete Vista Alegre), posto de combustível (Autoposto Guimarães Rosa) e loja de utensílios (Loja Sagarana), para tentar compreender com maior profundidade a motivação da escolha de topônimos que fazem referência à Rosa. Contudo, e apesar da insistência, não obtivemos nenhuma resposta destes estabelecimentos ao questionário, proporcionando uma lacuna na análise crítica da pesquisa que direciona um olhar para a interpretação do indivíduo que nomeia. A aplicação do método da arqueologia toponomástica e análise de rede oferece uma abordagem sistemática para compreender a origem e distribuição desses topônimos. O resultado, ao constatar que alguns são realizados de modo aleatório na sociedade e que alguns não possuem qualquer relação com o legado rosiano, lança luz sobre a dinâmica intrincada entre a literatura e a construção da paisagem.

Os topônimos, mesmo quando não apresentam uma relação direta com a obra do autor em suas ações internas, contribuem para a ambientação e contextualização da cidade, colaborando na construção de uma atmosfera impregnada pela sua influência literária. A estética da recepção, conforme proposta por Jauss (1994), foi observada através de iniciativas coletivas, como o Museu Casa Guimarães Rosa, a Caminhada Ecoliterária Caminhos do Sertão, Grupo Contadores de Estórias Miguilim, Grupo Caminhos do Sertão, Praça Miguilim, Portal Grande Sertão, e entre outros elementos inscritos na paisagem. Os efeitos de recepção, quando apreendidos individualmente pelos topônimos de estabelecimentos privados não constroem uma rede de ações que contribuem para a perpetuação concreta da herança literária de Rosa, pois não perpetuam o legado literário com ações relacionadas à literatura, apenas incorporam um nome associado à literatura rosiana. No entanto, em conjunto com as iniciativas coletivas, esses topônimos contribuem para manter viva a influência literária do autor na cidade. A interação entre o literário e o urbano, conforme evidenciada na toponímia, revela-se como um fenômeno dinâmico, influenciado por subjetividades e contextos sócio-histórico.

Retornando ao nosso questionamento (O que ocorre quando uma sociedade-concidadã de um escritor se apropria de elementos de suas narrativas ficcionais e as utiliza como referência na construção sociocultural de seu cotidiano?) e à nossa pesquisa, podemos apreender que a

presença de nomes de personagens, obras e até mesmo o próprio nome do autor inscritos na paisagem evidencia a integração literária com a identidade da comunidade. A incorporação dos nomes dos personagens Riobaldo, Diadorim e Miguilim atinge a extratextualidade ficcional, mas ao mesmo tempo tangencia a intratextualidade da paisagem enquanto texto, tornando-se parte do imaginário coletivo e contribuindo para a construção de uma mitologia local. Os topônimos literários, transformam-se em pontos geográficos e culturais, encontrando expressão em estabelecimentos e ruas. O nome de Guimarães Rosa, por sua vez, não apenas batiza instituições e lugares, mas também se converte em símbolo de orgulho e identidade para os habitantes.

A apropriação não se limita apenas à esfera simbólica, ela se manifesta de maneira tangível nos topônimos, no interior de um estabelecimento (Restaurante Sagarana) e nas práticas culturais. A literatura rosiana não é apenas lida, mas vivenciada e reinterpretada, estabelecendo uma ligação entre texto e leitor. Além disso, a comunidade demonstra uma consciência ativa e participativa em preservar e disseminar a herança literária de Guimarães Rosa. Iniciativas como o Museu Casa Guimarães Rosa, a Caminhada Ecoliterária Caminhos do Sertão, Contadores de Estórias Miguilim, Grupo Caminhos do Sertão, Praça Miguilim, Portal Grande Sertão, entre outras, destacam a importância da obra do autor na vida coletiva. Essas práticas coletivas revelam não apenas uma apropriação estática, mas uma interação dinâmica entre a literatura e a comunidade fortalecendo a herança cultural e literária local.

Portanto, a apropriação de elementos das narrativas ficcionais de Guimarães Rosa em Cordisburgo representa não apenas uma assimilação passiva, mas uma integração ativa e significativa da obra do autor na identidade e na prática cultural cotidiana da sociedade-concidadã, mesmo que de forma focal e minoritária. Essa interação entre literatura e vida comunitária evidencia como a criação artística pode transcender as páginas do livro, moldando e sendo moldada pela realidade social e cultural em que está inserida. A conclusão de que o efeito de recepção da literatura de Guimarães Rosa não ocorre de maneira uniforme na paisagem literária de Cordisburgo, corroborada pela análise de rede e arqueologia toponomástica, ressalta a importância da realização de futuras abordagens críticas para a compreensão das relações transdisciplinares que podem surgir entre a literatura e a paisagem, com destaque para o papel do leitor nos estudos literários.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em: 25 de mar. de 2019

AFONSO, Micheli Martins. **Uma abordagem brasileira sobre a temática das Casas-Museu: classificação e conservação**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

AMADO, Jorge. **Cacau**: romance. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto antropófago**. São Paulo: Globo, 1995.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Expressao e Cultura, 2001.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA. **Logo do Grupo Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa**. Disponível em: aamcgr.blogspot.com. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA. **Logo do Grupo da Melhor Idade Estrelas do Sertão**. Disponível em: aamcgr.blogspot.com. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA. **Logo do Grupo Contadores de Estórias Miguilim**. Disponível em: aamcgr.blogspot.com. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAHL, M. Viagens e roteiros turísticos. Curitiba: Prottexto, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Unesp, 1998.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos**. São Paulo: Global, 1981.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições, 1974.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Duas cidades; Editora 34, 2013.

BESSE, Jean- Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem** . Rio de Janeiro: EdUERJ,2014.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A estrutura mental do léxico**. Cap. 5 – Lexicologia. In:

BORBA, Francisco da Silva (Orgs.). **Estudos de filologia e linguística**: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p.131-145.

BOOTH, Wayne C. **A Retórica da Ficção**. Lisboa-Portugal: Arcádia. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro, 1980.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teoria dos espaços literários**. São Paulo: Perspectiva, 2013

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob um perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 41, p. 141-155, abr./out. 2007.

CAMINHOS DO SERTÃO. Disponível em:<<https://caminhosdosertao.com.br/>>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

CAMINHOS DO SERTÃO. **Sobre Grupo Caminhos do Sertão**. Cordisburgo. Facebook: Grupo Caminhos do Sertão. Disponível em: https://www.facebook.com/grupocaminhosdosertao/about_details. Acesso em: 15 de ago, 2023.

CANDIDO. Antonio. **Tese e Antítese**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CASTILHO, Ataliba de. (org.). **Historiando o português brasileiro - História das línguas**: variedades, gramaticalização, discursos. Relatório das atividades desenvolvidas ao abrigo do Programa CAPES-DAAD-PROBRAL, de 2000 a 2003 (Projeto 109/00). Coordenadores: Ataliba T. de Castilho (USP / Brasil) – Konstanze Jungbluth (Tübingen / Alemanha). Aspectos sincrônicos e diacrônicos do Português Brasileiro. Universität Tübingen Blaubeuren, 4-7 de jul. de 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-47.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-122.

COUTINHO, Fernanda Naves; FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto & FARIA, Sergio Donizete. Turismo literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário. albuquerque .**Revista de História**. vol. 8, n. 16. jul.dez./2016, p. 31-50.

COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Ed. Oficina Raquel, 2013.

CORDISBURGO, Prefeitura Municipal de. **História**. [S. l.: s. n.],[200?] Disponível em: <http://cordisburgo.mg.gov.br/historia>. Acesso em: 11 de junho de 2022.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **As características da nova geografia**. Difel, São Paulo, 1982.

DANTAS, G. **Rotas literárias** de São Paulo. São Paulo: Editora Senac, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p.11-16.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991.

DERRIDA, J. (2006). **Torres de Babel**, Editora UFMG, BH.

DICK, M. V. P. A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P. A. **A Dinâmica dos Nomes na Toponímia da Cidade de São Paulo: 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 3. ed. Sao Paulo : Perspectiva, 2004.

EAGLETON, Terry, **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006,

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2017.

- FLUDERNIK, Monika. **An Introduction to narratology**. Taylor & Francis e-Library, 2009.
- FRANCO JR, Hilário. O poder da Palavra: Adão e os Animais na Tapeçaria de Gerona. In: FRANCO JR, Hilário. **A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval**. São Paulo: Editora USP, 2010. p. 105-120.
- GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1989
- GENETTE, Gérard. Espaço e Linguagem. In: GENETTE, Gérard. **Figuras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. p. 99-106.
- GOMES, P. C. C. **Geografia fim de siècle**: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, I. E. e CORRÊA, R. L. (Orgs.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHATIER, Roger. **Práticas da Leitura. São Paulo. 2011.p.107-116**.
- GRUPO CAMINHOS DO SERTÃO. **Logo do Grupo Caminhos do Sertão**. Disponível em: <https://www.facebook.com/grupocaminhosdosertao/>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, 2003.
- ICOM – International Council of Museums/Brasil. **ICOM aprova Nova Definição de Museu**. Disponível em: <http://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.
- INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Tradução: Albin E. Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- ISER, Wolfgang. O que é Antropologia Literária? In: ROCHA, J. C. de C. (Org.). **Teoria da Ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Trad. de Bluma W. Vilar e João C. de C. Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Letras - Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara, 1996.
- JAKOBSON, R. **Aspectos Linguístico da tradução**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Anthropos, 4 ed. 2000.

LEVINAS, Emmanuel. **De otro modo que ser o más allá de la esencia**.. Salamanca: Sigueme, 2011.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1965]1991.p. 62-97. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em: 11 de março 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia** (Rio Claro. Impresso), v. 34, p. 487-508, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1975.

MENDES, M. C. G. **Na senda estética e poética dos itinerários turísticos e literários: o Vale do Lima**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007.

MENEZES, A. T.; BARROSO, E. P. Turismo Literário no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: Conceituação e Ações Praticadas. In: **Seminário da ANPTUR**, 2016, São Paulo. Anais do Seminário, da Anptur, São Paulo, 2016.

MINAS GERAIS. **Plano Museológico do Museu Casa Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 2014.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. **Cidades**, v.1, n.2, 2004. p. 277-314.

MONTEIRO, André. **A subjetividade antropofágica e a escrita da vida**. Verbo de Minas,v.7,2008.p.177-189.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance Europeu**. 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003.

MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA. **Quadro no cômodo gabinete presente no Museu Casa Guimarães Rosa**. Cordisburgo, [201?].

QUINTEIRO, Sílvia. **Os lugares da literatura: mapas e rotas literárias**. v. 13 n. 2 (2019): CULTUR, ano 13 - nº 02 – Jun/2019 - Edicion especial (International Symposium on Literature and Tourism). pp.4-13. Disponível em:

<https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/2633>. Acesso em 01/04/2020 às 16h40.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. **Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais**. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Comparatistas Faculdade de Letras, Alameda da Universidade, 2017.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 91. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. 1988

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. In : ALLIEZ, Eric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida** filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ROSA DOS TEMPOS, Rosa dos Ventos. **Catálogo da exposição**. Cordisburgo: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus e Artes Visuais, Museu Casa Guimarães Rosa, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/aamcgr/docs/catalogo_mcgr_baixa_separado> Acesso em 17 de abr. -de 2021

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão: ('corpo de baile')**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1988.

ROSA, João Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. **Guimarães Rosa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1965]1991. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em: 11 de março de 2022.

ROSA, João Guimarães. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia: terceiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001-a.

ROSA, João Guimarães. Páramo. In: **Estas estórias**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001-b. p.261-290.

ROSA, João Guimarães; BIZZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003a.

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)**. Ed. org. e notas Maria Aparecida Faria Marcondes

Bussolotti; trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003b.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**: (corpo de baile). 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ROSA, João Guimarães. O Verbo & o Logos. In : ROSA, Vilma Guimarães. **Relembramentos**: João Guimarães Rosa, meu pai. 3a. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2008[1967]. p. 555-586.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 50. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2011-a.

ROSA, João Guimarães. **A Boiada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011-b.

ROSA, João Guimarães. **No urubuquaquá, no pinhém**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Passatempos e Multimídia, 2012.

ROSA, João Guimarães. O Recado do Morro. IN:ROSA, João Guimarães. **No urubuquaquá, no pinhém**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Passatempos e Multimídia, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016-a.

ROSA, João Guimarães. A Volta do marido pródigo. In:ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016-b.p.88-133.

ROSA, João Guimarães. Conversa de Bois. In:ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016-c.p.290-323.

ROSA, João Guimarães. São Marcos. In:ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016-d.p.233-260.

ROSA, João Guimarães. Sarapalha. In:ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016-e.p.134-154.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. Com o vaqueiro Mariano. In: ROSA, João Guimarães. **Estas Estórias**. 1. ed. São Paulo: Global, 2021

ROSA, João Guimarães. **Chronos kai Anagke**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pagfis=2784>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ROSA, João Guimarães. **Discurso de Posse de João Guimarães Rosa**. [16 de novembro, 1967]. Disponível em: Acesso em: 25 de mar. de 2023.

ROSA, Vilma Guimaraes. **Relembramentos**: Joao Guimaraes Rosa, meu pai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Trad. Pauko Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SEMANA ROSIANA. 35º **Semana Rosiana**. 2023. Disponível em: <https://instagram.com/museuguimaraesrosa>. Acesso em 15 de mar. de 2023.

STARACE, Giovanni. Os objetos e a Vida: reflexões sobre as posses, as emoções, a memória. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y, F. **Romantic Geography**: in the search of the sublime Landscape. Madison: The University of Wisconsin Press, 2013.

VALLE, Ana Luiza Rocha do. **Literatura e museu**: estudo dos museus literários Casa Guilherme de Almeida e Museu Casa Guimarães Rosa / Ana Luiza Rocha do Valle ; orientadora Marília Xavier Cury. São Paulo, 2016.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Sertão e Memória as cadernetas de campo de Guimarães Rosa*. IN: ROSA, João Guimarães. **A Boiada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 186-202.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE TOPÔNIMOS



QUESTIONÁRIO

Nomes de estabelecimentos em Cordisburgo (MG) relacionados à Guimarães Rosa e suas obras

RESUMO: Me chamo Sarah Ovidio de Oliveira, moro em Juiz de Fora (MG), sou graduada em Turismo (UFJF) e estudante do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários no curso de mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em fase de escrita de dissertação. A pesquisa que estou desenvolvendo aborda como ocorre a recepção da literatura de Guimarães Rosa em Cordisburgo e neste estudo realizo também a investigação de nomes de lugares na cidade que possuem alguma relação com a obra ou o autor. Este questionário tem o objetivo de traçar elucidações sobre o processo de nomeação de estabelecimentos e a possível relação com a recepção da literatura. Desde já, agradeço imensamente a disponibilidade e a participação em contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa respondendo às perguntas. Em caso de dúvidas encontro-me à disposição no telefone (32) 99973-2177 ou por e-mailsarah.ovidio@gmail.com.

DADOS

Nome do Estabelecimento:

Nome do Proprietário:

Idade:

Nome do Respondente/Função:

Contato:

PERGUNTAS

1- Quem escolheu este nome para o estabelecimento? E Por quê? O que

motivou esta escolha? 2- Quando o estabelecimento foi criado? Sempre teve este

nome?

3- Caso tenha tido outro nome antes: Qual era o nome? Quando mudou? E qual foi o motivo da mudança?

4- Os clientes frequentemente fazem conexões entre o nome do seu estabelecimento e a relação literária associada a ele? Se sim, quais são algumas das reações que você observou?

5- Você acha que o nome do seu estabelecimento atrai visitantes específicos, que têm um interesse particular na literatura de Guimarães Rosa? Ou existe algum fator além do nome

que o motive?

6- Você já realizou no seu estabelecimento alguma atividade literária relacionada ao autor, as obras oualgum personagem?

7- Existe algum produto do seu estabelecimento que foi inspirado no autor, em alguma obra ou personagem?

8- Você acredita que o seu estabelecimento contribui para a preservação da herança literária e culturalassociada a Guimarães Rosa? Se sim, como você acha que isso ocorre?

9-Comentários adicionais (opcional).